



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO CAMPUS CATU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

JUCIENE MALAQUIAS DOS SANTOS

**“SEU LIMITE É O CÉU”:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE EGRESSAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL DO INSTITUTO FEDERAL BAIANO CAMPUS SERRINHA**

CATU-BA

2023

JUCIENE MALAQUIAS DOS SANTOS

“SEU LIMITE É O CÉU”:

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE EGRESSAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO INSTITUTO FEDERAL BAIANO CAMPUS SERRINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - *Campus Catu*, para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Orientador: Prof. Dr. Davi Silva da Costa

CATU/BA

2023

Ficha Catalográfica Elaborada pela Bibliotecária :
Danielle Brito Silva / CRB 5-1930

S237c

Santos, Juciene Malaquias dos.

Seu limite é o céu: narrativas autobiográficas de egressas negras da educação profissional do Instituto Federal Baiano *campus Serrinha* / Juciene Malaquias dos Santos. - Catu-BA, 2023.
168 f.: il.; color.

Orientador: Prof. Dr. Davi Silva da Costa.

Dissertação (Conclusão de Curso de Mestrado em Educação) – Instituto Federal Baiano Campus Catu, 2023.

1. Narrativas autobiográficas - Egressas. 2. Educação profissional – Mulheres negras. 3. Feminismo negro – Educação - Bahia. I. Costa, Davi Silva da. II. Instituto Federal Baiano. III. Título.

CDD – 371.829

Dedico carinhosamente à Izabel Malaquias (*in memoriam*) e à Juciê Malaquias e Moises Pereira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às minhas ancestrais, que sabiamente trilharam este caminho, dando-me a força necessária para continuar a luta na concretização desta meta de ser uma Mestra. Aos familiares, em especial ao companheiro Moisés dos Santos, a irmã Juciê Malaquias e ao filho Elder Malaquias, pelo incentivo, que não me deixava ser vencida pelo cansaço nos momentos mais difíceis dessa caminhada e pelo apoio para continuarmos galgando mais uma etapa em minha vida.

Agradeço ao meu professor e orientador, Dr. Davi Silva da Costa, que com dedicação, carinho, paciência e muita competência acreditou que poderíamos trilhar este caminho juntos até resultar neste trabalho. Ensinou-me que a conclusão deste trabalho pode ser apenas o começo para uma vasta pesquisa da metodologia nele definida. Minha eterna gratidão.

Agradeço às professoras e os professores do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

Agradeço aos colegas da turma 2021, pelo companherismo, disponibilidade, incentivo e nas inúmeras trocas de informações; são pessoas que não esquecerei. Agradeço carinhosamente às amigas pretas Geicilene Rodrigues, Leidiane Cerqueira e Viani Silva, que nestes últimos meses não me deixaram sucumbir, colocando-se ao meu lado, motivando-me e auxiliando nas dificuldades.

Agradeço os amigos: Iris Ferreira e Marcelo Ferreira, suas filhas Heloisa Ferreira e Isadora Ferreira, Celia Araújo, Jussara dos Santos, Anny Beatriz dos Santos, Márcia Patricia dos Santos, Michela Bispo, Aurea Mércia, Janete Reis, Luciene Alcântara, Gabriel Souza, Elisabeth Teixeira, Ginalva Carvalho, Genilza Sena, Gleice Miranda, Luciana Barros, Joseane Costa, Monik Caetano, Edmone Eça, Ana Maria Anunciação, Leandro Damasceno, Antonio Sobrinho, às egressas negras participantes desta pesquisa e a todos os funcionários do IF Baiano Campus Serrinha pela acolhida e a imensa contribuição na concretização deste sonho. Minha eterna gratidão!

Agradeço aos colegas dos grupos de Pesquisa EntreColchetes e a Linha 2. Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional Tecnológica - EPT, que jamais serão esquecidos, devido à participação num momento tão especial na minha trajetória de vida. Cada texto discutido, leitura e escrita, nossos papos nas redes sociais e encontros de confraternizações, os sorrisos fizeram parte da minha formação não só profissional, mas também humana.

Sou grata aos professores da banca examinadora pela dedicação do seu tempo e conhecimento para avaliar o meu trabalho desde a qualificação, auxiliando-me na minha formação acadêmica e profissional. E a todos aqueles que apostaram no meu sucesso, contribuindo, direta ou indiretamente, para a conclusão desta etapa. Meu muito obrigada!

SANTOS, Juciene Malaquias. “**SEU LIMITE É O CÉU**” : NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE EGRESSAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO INSTITUTO FEDERAL BAIANO NO CAMPUS SERRINHA fls.168 . Dissertação (Mestrado), PROFEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano, Catu, 2023.

RESUMO

O presente estudo, vinculado à linha de Pesquisa Organização Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), tem a seguinte inquietação inicial: Como as egressas negras interpretam as categorias de gênero, etnia e raça na Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no IF Baiano *Campus Serrinha*? Os objetivos desse estudo são registrar, interpretativamente, as categorias de gênero, etnia e raça, a partir de narrativas (auto)biográficas de experiências e vivências das mulheres negras egressas na Educação Profissional Técnico de Nível Médio (EPTNM), no IF Baiano *Campus Serrinha*, bem como realizar entrevistas comprehensivas com as egressas negras no intuito de possibilitar a construção das suas (auto)biografias, e, ao mesmo tempo, compreender como egressas negras refletem na (EPTNM) as categorias de gênero, etnia e raça, por meio das suas narrativas e, logo, construir, de maneira colaborativa, o Caderno de Inspirações, com vista à discussão sobre as categorias gênero, etnia e Raça. Apoiamos o enfoque metodológico entrelaçado nos pressupostos advindos das bases lógicas da fenomenologia. Para tanto, foi utilizado como método para a coleta de dados a técnica da entrevista comprehensiva, para a construção destas narrativas de vida, com a intenção de ampliar a compreensão do fenômeno como parte da experiência no vivido das participantes da pesquisa. O grupo de participantes é composto de nove egressas negras do Território do Sisal que passaram na EPTNM nos cursos Técnico Ensino Médio Agroecologia, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos-PROEJA, Agroindústria e subsequente Agropecuária nos anos de 2016-2022. A interpretação das narrativas foi realizada através da redução eidética. Os principais achados apontam para uma reflexão sobre o lugar social de fala desta mulheres negras, a partir da construção das narrativas nas experiências e vivências na EPTNM, ao ponto de compreender como estes corpos pretos viam e sentiam as questões de gênero, etnia e raça durante a sua formação na Educação Profissional. Desponta com igual relevância na realização da pesquisa fôi o diferencial manifestado pelas egressas negras nas questões direcionadas, sobretudo, ao gênero e a raça na EPTNM e as suas contribuições durante a sua formação no reconhecimento e na valorização do legado constituído historicamente pelos seus antepassados como fonte imprescindível no fortalecimento do seu pertencimento identitário de luta e resistência no Território do Sisal. No referencial teórico, foram abordadas as seguintes categorias: gênero, etnia, raça, trabalho, mulheridade, educação profissional, narrativas de vida, feminismo negro, dentro outras. Neste percurso, intentamos acolher as vozes marcantes de outras mulheres negras do Território que refletem a relação entre gênero, etnia e raça na Educação Profissional e foram incorporadas intencionalmente na pesquisa. Assim, os resultados encontrados dos registros das informações colhidas por meio destas narrativas negras durante o percurso constitutivo da pesquisa traçaremos colaborativamente o Produto Educacional Caderno de Inspirações para o Ensino: Narrativas (Auto)biográficas: Mulheridade Negras na

Educação Profissional . Aliados com os procedimentos metodológicos desta pesquisa, esperamos suscitar espaços dialógicos no âmbito do processo formativo educacional de mulheres negras, pautados nas dimensões supracitadas, e provocar reflexões sobre a importância de estabelecer integrações das referências presentes na diversidade cultural brasileira, na prática pedagógica da EPT.

Palavras-chave: Educação Profissional. Egressas Negras. Ensino. Narrativas

SANTOS, Juciene Malaquias. "YOUR LIMIT IS THE SKY": AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVES OF BLACK GRADUATES IN THE PROFESSIONAL EDUCATION OF THE BAIANO FEDERAL INSTITUTE AT THE SERRINHA CAMPUS fls.168. Dissertation (Master), PROFEPT, Federal Institute of Education, Science and Technology Baiano - IF Baiano, Catu, 2023.

ABSTRACT

This study, linked to the line of research Organization Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education (EPT), has the following initial concern: How do black female graduates interpret the categories of gender, ethnicity and race in Technical Professional Education at the High School Level (EPTNM) at the IF Baiano *Campus Serrinha*? The aims of this study are to interpretative record the categories of gender, ethnicity and race, based on (auto)biographical narratives of the experiences of black women who have graduated from Technical Professional Education at Secondary Level (EPTNM) at the IF Baiano Serrinha Campus, as well as conducting comprehensive interviews with black female graduates in order to build their (auto)biographies and, at the same time, understand how black female graduates reflect the categories of gender, ethnicity and race in (EPTNM), through their narratives and then collaboratively build the *Inspirations Notebook*, with a view to discussing the categories of gender, ethnicity and race. Our methodological approach is based on the assumptions derived from the logical foundations of phenomenology. To this end, the comprehensive interview technique was used as a data collection method to construct these life narratives, with the intention of broadening the understanding of the phenomenon as part of the lived experience of the research participants. The group of participants is made up of nine black graduates from the Sisal Territory who passed the EPTNM in the courses Technical High School Agroecology, National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education in the Youth and Adult Modality-PROEJA, Agroindustry and subsequent Agriculture and Livestock in the years 2016–2022. The narratives were interpreted using acetic reduction. The main findings point to a reflection on the social place of speech of these black women, based on the construction of the narratives in the experiences in the EPTNM, to the point of understanding how these black bodies saw and felt the issues of gender, ethnicity and race during their training in Professional Education. Equally important in this research is the difference made by the black graduates on issues related, above all, to gender and race in the EPTNM and their contributions during their training in recognizing and valuing the legacy historically constituted by their ancestors as an essential source for strengthening their identity of struggle and resistance in the Sisal Territory. In the theoretical framework, the following categories were addressed: gender, ethnicity, race, work, womanhood, professional education, life narratives, and black feminism, among others. Along the way, we tried to welcome the striking voices of other black women from the Territory who reflect the relationship between gender, ethnicity and race in Professional Education and were intentionally incorporated into the research. Thus, the results found in the records of the information gathered through these black narratives during the course of the research will collaboratively shape the Educational Product Booklet of *Inspirations for Teaching:(Auto) biographical Narratives: Black Womanhood in Vocational Education*. Allied to the methodological procedures of this research, we hope to create dialogical spaces within the educational training process

of black women, based on the aforementioned dimensions, and provoke reflections on the importance of establishing integrations of the references present in Brazilian cultural diversity, in the pedagogical practice of EPT.

Keywords: Professional education. Black graduates. Teaching. Narratives

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1:** Infográfico: Objetivos Geral e Específico
- FIGURA 2:** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual bell hooks
- FIGURA 3:** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual Lélia Gonzalez
- FIGURA 4:** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual Oyèrónké Oyéwùmí
- FIGURA 5:** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual Lélia Gonzalez
- FIGURA 6 :** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual bell hooks
- FIGURA 7:** Embrenhando nas categorias criativas da intelectual Oyèrónké Oyéwùmí
- FIGURA 8:** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual Lélia Gonzalez
- FIGURA 9:** Embrenhando nas categorias criativas da Intelectual bell hooks
- FIGURA 10:** Imersão IF Baiano Território do Sisal – Serrinha
- FIGURA 11:** Distribuição do *Snowball* na pesquisa
- FIGURA 12:** Potencialidades do *Instagram*: Garimpagem
- FIGURA 13:** Etapas do Planejamento do Produto Educacional
- FIGURA 14:** Vozes Femininas Negras Ecoam
- FIGURA 15:** Caderno de Inspirações para o Ensino
- FIGURA16:** Coletividade Feminina Negra: Elas por Elas
- FIGURA 17:** Movimentos atentos da Pesquisadora Social Negra
- FIGURA 18:** As histórias que nos foram contadas
- FIGURA 19:** Nas linhas e entrelinhas da experiência vivida
- FIGURA 20:** Revistando as memórias femininas negras
- FIGURA 21:** Ressignificando o(re)existir do Coletivo Feminino Negro

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Casos de COVID-19, em 2020, 2021, 2022 e 2023

QUADRO 2: Formação na Educação Técnico Profissional de Nível Médio – EPTNM

QUADRO 3: Mapeando as Unidades de Sentidos Noema – Noesis

QUADRO 4: Síntese dos Editais (Anos 2015-2017)

QUADRO 5: Encontro e Encantamento com os Tesouros Femininos Negros

QUADRO 6: Avaliação do Produto Educacional

QUADRO 7: Sistematização das informações coletadas

QUADRO 8: Tabulação da questão subjetiva

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Definição para o Machismo

IMAGEM 2: Ser alguém na vida, pense sobre

IMAGEM 3: Racismo Estrutural

IMAGEM 4: “Almofada para minha nega”

IMAGEM 5: Meu Tesouro: a máquina de costura

IMAGEM 6: Prédio do IF Baiano *Campus Serrinha*

IMAGEM 7: “Pensar fora da caixa”

IMAGEM 8: Meu olhar captou

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- COVID-19** - “doença do Coronavírus” 2019
- DEERA** - Departamento de Educação Étnico-Racial
- ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente
- ENCCEJA**- Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
- EPT** - Educação Profissional e Tecnológica
- EPTNM** - Educação Profissional Técnico de Nível Médio
- FEDERBA** - Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial da Bahia
- IA** - Inteligência Artificial
- IF BAIANO** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
- IGTV** - Instagram TV
- NEABI** - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
- OMS** - Organização Mundial da Saúde
- PATÍ** - Associação Científica e Sócio-Cultural
- PARFOR** - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
- PE** - Produto Educacional
- PROEJA** - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos
- PROFEPT**- Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- SEMED** - Secretaria Municipal de Educação
- SEPROMI** - Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia
- SEPPIR** - Secretaria de Políticas de Promoções
- SESAB** - Secretaria de Saúde do Estado da Bahia
- TAE** - Técnico Administrativo em Educação
- TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UNEB** - Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Compreensiva

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE

APÊNDICE C - Formulário de Avaliação do Produto Educacional – PE

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: O PRINCÍPIO COM O FIO DA MEMÓRIA NA ÁGUA COMPRIDA	17
1.1. NA ENCRUZILHADA DA MINHA ESCRREVIVÊNCIA	37
CAPÍTULO 2: PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO ENEGRECIDO A PARTIR DE SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES	53
2.1. DESBRAVANDO O CAMINHO A PARTIR DE UM ENCONTRO GERACIONAL	64
2.2. TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA	69
2.3 CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS: DESAFIO DA IMERSÃO NA ESCRREVIVÊNCIA	74
2.3.1 INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DAS EGRESSAS	77
CAPÍTULO 3: (AUTO)BIOGRAFIAS E AS EXPERIÊNCIAS DO VIVIDO NO IF BAIANO	88
CAPÍTULO 4: TRANÇAMENTOS E ENEGRECIMENTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS	91
4.1 ESSÊNCIA I: OBSTACULARIZAÇÕES VIVIDAS NO MUNDO DO TRABALHO E NA PROFISSIONALIZAÇÃO DE PROCESSO	91
4.2 ESSÊNCIA II: AS TESSITURAS ESTUTURAIS DO RACISMO	99
4.3 ESSÊNCIA III: A CONSTRUÇÃO FEMININA	104
4.4 ESSÊNCIA IV: A PRÁXIS (PROATIVA, POLÍTICA E CRIATIVA) A PARTIR DA CONSCIÊNCIA DO FEMINISMO NEGRO	110
4.5 ESSÊNCIA V: EDUCAÇÃO COMO POLÍTICA REPARATÓRIA	116
5. GARIMPAR, SELECIONAR E TRANSFORMAR AS PRECIOSIDADES FEMININAS NEGRAS A PARTIR DO ARTESANATO DO CONHECIMENTO	121
5.1. ENCONTRO, ENCANTAMENTO, CURIOSIDADE COM AS PRECIOSIDADES FEMININAS NEGRAS GARIMPADAS	127
5.2. O QUE SONHAMOS A PARTIR DESTA PESQUISA E ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL	129
5.3 CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	131
5.4 TRAÇAMOS O SEGUINTE PERCURSO NA VALIDAÇÃO DO CADERNO DE INSPIRAÇÕES PARA O ENSINO	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
POSFÁCIO	156
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICES	162
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	162
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	164
APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (PE)	167

CAPÍTULO 1: O PRINCÍPIO COM O FIO DA MEMÓRIA NA ÁGUA COMPRIDA

Mulherada, vamos fuxicar¹! Agora não estranhe por onde vou começar!

Para início de conversa, lhes apresento, mulherada, com muito entusiasmo, o meu ponto de partida, por onde meu corpo preto de mulher e pesquisadora foi conduzido a se posicionar, no momento da construção do meu tema, denominado “**Seu limite é o céu**”: Narrativas Autobiográficas de Egressas Negras da Educação Profissional do Instituto Federal Baiano no *Campus Serrinha*.

Assim, neste movimento inquietante e reflexivo no processo da construção deste tema, sou inspirada em duas frentes, que considero como um divisor de águas na história de vida. Isso porque, na primeira frente, logo na entrada da escrita, sigo pelo fio das minhas lembranças e utilizo-me de uma expressão pronunciada por minha saudosa e querida mãe Izabel Malaquias dos Santos (*in memoriam*) chamada carinhosamente em nossa casa pelo apelido de “Bezinha”, inclusive, a partir daqui utilizo-me deste apelido “Bezinha” para prestigiar o legado ancestral de mainha.

Bezinha foi uma mulher de temperamento forte, que não se dobrava com muita facilidade, principalmente quando almejava alcançar seus objetivos na vida. Ela manifestava sempre um grande zelo e cuidado maternal aos seus três filhos. Contudo, ela sempre manifestava um verdadeiro orgulho todas as vezes em que eu chegava e sussurrava no seu ouvido a notícia de que havia concluído, com muito esforço e determinação, uma formação acadêmica, ou até mesmo quando concluía uma formação continuada na educação.

Ela sempre manifestava sua alegria, seu carinho e sua tamanha admiração materna, me dizendo a seguinte expressão: “Minha filha! Seu limite é céu”. Neste sentido, é importante dizer que o realce em negrito na expressão de entrada do tema foi utilizado com o propósito de reverenciar e agradecer à Izabel Malaquias dos Santos (Bezinha) pela minha existência no mundo. Gratidão Sempre.

No que diz respeito à segunda frente da minha inspiração para a elaboração deste tema, ela ocorre quando sou agraciada e totalmente envolvida pelo

¹ Define-se como *fuxicar* o ato de *mexericar*, *segredar*, *fazer fuxico*, *candonga*, de acordo com CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia**: um Vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2005. 2. ed. p. 238.

legado de mulheres negras materializado por meio de uma escuta sensível e atenta às Narrativas Autobiográficas de Egressas Negras da Educação Profissional do Instituto Federal Baiano no *Campus Serrinha*.

Sob está ótica, fui complementamente movida a deixar o meu corpo preto de mulher seguir este caminho, atenta aos limites e os desafios no decorrer de todo percurso para a realização deste trabalho de pesquisa. Não posso deixar de considerar, neste movimento, a importância da experiência do vivido de cada uma destas mulheres, tão impregnado no teor do referido tema. Confesso que estou na encruzilhada, porque sou mulher e militante negra. Exu abra meus caminhos! Assim, não custa lembrar de, como mulher negra, que “fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento” (hooks, 2019, p. 38-39).

E assim, encorajada por esse pensamento da intelectual² negra bell hooks³, convido as meninas e mulheres negras como eu para seguirmos juntas pelo fio condutor das experiências vividas rememoradas e registradas nesta escrita dissertativa, pois, como bem diz a intelectual negra Conceição Evaristo, “o meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa”⁴. Então, o que estamos esperando, mulherada? Vamos continuar a fuxicar⁵?

Neste sentido, antes de continuarmos a fuxicar, mulherada, considero importante dizer que a partir daqui utilizo-me da palavra *fuxico* como um fio condutor no entrelaçamento de duas situações que demarcam o meu vivido como mulher negra que sou. A primeira situação é que evidencio as minhas conexões de mulher negra com o meu legado ancestral; e a segunda situação é que reconheço como se constitui o meu saber ancestral dentro de um movimento dinâmico na

² *Intelectual* é alguém que lida com ideias, transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo, de acordo com bell hooks, em: HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, Florianópolis, UFSC, 1995, p. 468. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 09 set 2023.

³ Utilizo-me do nome da escritora bell hooks em caixa baixa mesmo, como uma forma de reconhecimento e de valorização atribuída ao seu legado ancestral, quando a autora utiliza esse pseudônimo para homenagear a sua avó materna (HOOKS, Bell, 2019, p. 349).

⁴ Para maiores informações, consultar EVARISTO, Conceição. **Mulheres que escrevem entrevistas**. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/mulheres-que-escrevem-entrevista-conceicao-evaristo-fa243ff84284>>. Acesso em 20 dez 2023.

⁵ *Fuxica(r)* significa *mexericar, segredar, fazer fuxico*, em: CASTRO, Yêda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia**: um Vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2005. 2. ed. p. 238.

coletividade e na solidariedade realizada pelas minhas ancestrais artesãs negras durante a confecção das inúmeras trouxinhas do fuxico.

Corraborando com o pensamento citado acima, Viga Gordilho no seu texto *Fuxicando*, do livro *O vestido fuxiqueiro: um conto para todas as idades*, apresenta duas definições para o significado da palavra *fuxico* de maneira bem interessante como:

Uma palavra de origem africana (banto), que significa remendo, alinhavo com agulha e linha que pode virar um artefato de tecido em formato circular, que costuramos pela beirinha para ficar semelhante uma pequena flor. Com esses fuxicos, podemos criar tantas coisas – blusa, saia, paninho, bolsa, colcha, almofada, vestido, chinelinho. [...]

[...], mas, também pode significar aquela história cumprida⁶ que falamos baixinho, ao “pé do ouvido”, para ninguém escutar. Um mexerico ou segredo (Gordilho, 2013, p. 13-14).

Diante das duas definições concedidas por Gordilho, me dou conta do quanto estou envolvida no desenvolvimento dessa técnica artesanal do fuxico, isso significa um encontro geracional com a minha comunidade familiar de mulheres negras artesãs. Isso me faz lembrar do convite no título do livro da intelectual negra Giovana Xavier (2019): “você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história”. Nesse sentido, conectada como estes sabereres e fazeres das minhas ancestrais, conto as minhas experiências no vivido, em forma de fuxico.

E, assim, começo o fuxico pelas minhas memórias do vivido dizendo o quanto foi importante na minha formação pessoal e profissional ter cursado a disciplina de Bases Conceituais, no programa de Pós-graduação do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica- ProfEPT, ministrada com excelência pelos professores Dr. Davi Silva da Costa e Dr. Heron Ferreira Souza.

Assim, durante os encontros desta disciplina, tive a oportunidade de aprender novos conhecimentos sobre várias questões, como a Memória, o Gênero biográfico, a Fenomenologia, o mundo do trabalho e a classe que vive do trabalho, sob a ótica do materialismo histórico e dialético. A propósito, cabe destacar, ainda, como as

⁶ “Cumpriida”. Para maiores informações, consultar o texto “Fuxicando”, que faz parte do livro *O vestido fuxiqueiro: Um conto para todas as idades*, em: GORDILHO, Viga. Fuxicando. In: _____. **O vestido fuxiqueiro**: Um conto para todas as idades. 2013. p. 14. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16734/1/o-vestido-fuxiqueiro.pdf>>>. Acesso em ago. 2023.

discussões realizadas durante os encontros em sala de aula com os professores da disciplina em questão contribuía para o meu atravessamento reflexivo como mulher negra, pesquisadora e professora da Educação Básica.

Com base nessa perspectiva, foi no componente curricular de Seminário de Pesquisa que tive a oportunidade de escrever meu memorial. Por incrível que pareça, durante toda a minha trajetória acadêmica, não recordo de nenhum momento que a mim foi solicitada registrar as minhas lembranças como uma forma de preservar a minha memória de pensar sobre mim mesmo e de me conhecer melhor através da escrita.

De acordo com a historiadora e intelectual Lucilia de Almeida Neves Delgado (2006, p. 38): “a memória, por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorra os tempos de sua vida”. Ainda que seja difícil, para mim, relatar as experiências, os sentimentos, os aprendizados que ocorreram ao longo de uma vida, ainda assim considerei importante a realização dessa atividade, pois acredito que o ato de rememorar contribui muito para o meu autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Me fiz entender a mim mesma, e isso não foi um processo fácil.

Com efeito, o ato de rememorar não significa apenas relatar, de maneira pontual, situações acontecidas. No seu tempo vivido, ao contrário disso, o ato de rememorar significa recuperar informações sobre acontecimentos da minha história de vida que trazem lembranças de experiências passadas que podem ser (re)significadas de maneira individual ou coletiva.

Diante dessa realidade bell hooks (2019, p.107) nos lembra que “aqueelas mulheres negras que sobrevivem, que vivem para contar a história, por assim dizer são as boas meninas, as que se sacrificam, as mulheres negras que trabalham duro”. Assim, como boa menina e mulher negra que sou, continuo com muita dedicação e resistência a minha escrita na primeira pessoa do discurso, nada fácil, busco me manter atenta, pois, como bem diz Giovana Xavier (2019, p.13), “#permite-se”, “Já que está na chuva, se molha”.

Sou Juciene Malaquias dos Santos. Mulher negra, periférica, esposa, mãe, avó, irmã, tia, professora e pesquisadora residente no bairro Ponto de Parada, no município de Simões Filho - BA. É possível que você, leitora, deva estar se perguntando o motivo de um bairro possuir um nome tão inusitado. Pois bem, o nome nasceu devido a um restaurante e um posto de gasolina que serviam como ponto de

parada para todos os viajantes que trafegavam a pé ou até mesmo com os transportes (carros, ônibus, carroças, cavalos, dentre outros), na rodovia Bahia - Feira; e assim nasce o nome do meu bairro, Ponto de Parada.

Além de tantas conexões e atribuições, não posso esquecer de dizer que eu gosto de ler, de escrever, de assistir bons filmes no gênero romântico, comédia, aventura ou drama, além disso, considero importante estabelecer vínculos com familiares e amigos, sobretudo com as pessoas que conseguem manter uma conexão afetiva com base na reciprocidade sincera, pois segundo hooks (2022, p. 230), isso confirma que “nossa empatia com as pessoas que não são como nós rompe barreiras e permite a formação de laços e conexões”.

Como uma boa capricorniana que sou, admito que não tenho nenhuma dificuldade para estabelecer os laços e as conexões de amizades, pois tenho como ponte forte a sinceridade e a honestidade como fio condutor nas minhas relações de amizades. Além disso, me considero muito determinada, persistente, muito elegante e extremamente disciplinada. A meu ver, esses traços são inconfundíveis na minha subjetividade como mulher negra. Digo isso porque, acreditem, para uma mulher negra tecer elogios sobre si, muitos (auto)questionamentos orbitam essa decisão. Teço esses elogios, pois hoje acredito em mim. Superei o estigma de esperar de alguém o reconhecimento de quem sou.

Bem, foi assim que a minha trajetória como menina, mulher negra se inicia e eu passo a existir no/para o mundo. Depois de quinze dias internada, devido a um diagnóstico errado de uma falha congênita da musculatura localizada na linha média da barriga, chego da maternidade nos braços da minha mãe. Já no portão que dava acesso à casa, minha mãe me apresentou à minha mais nova morada, localizada na cidade de Água Comprida, que recebeu esse nome em virtude das águas da Baía de Todos os Santos penetrarem estreita e longamente a região⁷. Com a sua emancipação política em 1961, o referido distrito se desmembra de Salvador e passa a ser chamado de município de Simões Filho, uma homenagem ao jornalista Dr. Ernesto Simões Filho.

Nesta perspectiva, minha nova morada, localizada no município de Simões Filho, era uma casa nova de alvenaria, grades e era aconchegante. Era coberta com telhas de cerâmicas degastadas devido à ação da chuva e do sol. No interior da casa

⁷ Para maiores informações, consultar: HORA, Antonio Apolinário da. **O município de Simões Filho: História Comprida**. Simões Filho/BA: Secretaria de Cultura e Desportos, 2005, p. 30.

podia se ver vários cômodos, como por exemplo a sala de estar, os quartos, a cozinha, o quarto da máquina de costura, o banheiro, a área de serviço e um rol que dava acesso a um lindo jardim, onde florescia de uma maneira harmoniosa as roseiras vermelhas e brancas num canteiro próximo ao portão de entrada.

E do outro lado, existia um canteiro grande com mudas da trepadeira conhecida como costela de adão e mudas de alamanda amarela, que pareciam brigar por espaço com uma muda de alfazema, que ultrapassava os limites do canteiro e que estava plantada. Com seus galhos frondosos, a alfazema se encarregava, com aquelas flores violetas, de aromatizar por completo aquele jardim.

Como já foi dito anteriormente, somos três filhos, e eu sou a filha mais nova de um casamento inter-racial de Izabel Malaquias dos Santos⁸ e João dos Santos⁹. Fui registrada com o nome de Juciene Malaquias dos Santos, com quatorze dias após o meu nascimento, como consta no meu primeiro Registro Civil (Certidão de Nascimento), escrito à mão pela única tabeliã da região, conhecida popularmente com o nome de Dona Nininha, que entre os anos 70, era a única funcionária no cartório de registro civil no município de Simões Filho.

Cabe ressaltar que devido ao acúmulo de serviços prestados por um único cartório público na cidade, assim como a precariedade da quantidade de funcionários nesse setor, Dona Nininha assumia várias funções dentro desse cartório, como por exemplo a realização manual de proclamas de casamento e dos registros civis (Certidão de Nascimento) nessa cidade. Enquanto isso, depois de adulta, eu precisei de uma segunda via da certidão de nascimento e foi quando me dei conta que não constava na folha 204, do livro sob número 29, de Registro de Nascimento.

Lá não existia nenhum dado que comprovasse o registro dos dados do meu nascimento. Confesso que o que mais me surpreendeu foi o momento que a funcionária do atual cartório de registro civil na cidade realizou uma busca com base no registro original que tinha em mãos e nos demos conta de que não havia qualquer dado pessoal, apenas encontrando rabiscado à lápis o nome Juciene.

É oportuno frisar que desde o processo de escravização da população negra pelo colonizador branco, foi negado ao meu povo negro o direito de ser chamado pelo seu nome. Inclusive, cabe lembrar que tanto as mulheres quanto os homens que foram

⁸ Nascida na zona rural do povoado Malhada da Aroeira, em Canudos-Ba.

⁹ Nascido no povoado de Cotelipe de Cima, 797Km de distância do Centro de SimõesFilho-Ba.

trazidos como escravizados da África já tinham seus nomes registrados e identificados, como por exemplo, as rainhas e as princesas nos seus reinados de origem.

Assim, ao chegarem no Brasil, na condição de escravizadas pelos seus “donos”, os colonizadores brancos realizavam o apagamento dos seus nomes, como também do seu *status* social da nobreza, mediante a essa privação de direito de manterem seus nomes de origem. E assim foram atribuídos os seguintes nomes: “escrava”, “ama de leite”, “crioula” e “mãe preta”, para estabelecer a identificação da mulher negra escravizada no período colonial e no império no Brasil.

Diante dessa realidade, no intuito de não me tornar uma mulher negra anônima, não hesitei e nem recuei na minha intenção de buscar o quanto antes obter o meu registro de nascimento, pois comprehendi que desta forma foi possível não só demarcar a minha trajetória de vida a partir da minha identificação cidadã, como também estar munida por esse sentimento de pertença ancestral posso revenciar todas as mulheres negras da minha que não tem a condição de levantar a voz e dizer seu nome. Munida com essa intenção de usufruir do meu direito da minha identificação, fui consultar o que dizem as legislações brasileiras que asseguram o direito do Registro Civil ao cidadão brasileiro e à cidadã brasileira, como por exemplo, na Constituição Federal (1988) e no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e, em posse das informações e determinações destes documentos, retornei ao Cartório de Registro Civil e solicitei à funcionária do atendimento que me explicasse como poderia resolver a situação do meu registro de nascimento.

Ela me explicou que já havia outros casos para retificação de vários documentos emitidos por esta tabeliã, a Dona Nininha. Seguindo as orientações da funcionária do referido cartório, dei entrada no processo de retificação da minha certidão de nascimento, como determinava uma juíza de Direito da 1ª Vara Cível de Registros Públicos, do Fórum da Comarca de Simões Filho.

Em posse do protocolo de entrada do processo, aguardei o prazo de quinze dias determinado pela juíza, para que houvesse a retificação do meu registro de nascimento. Assim, em junho de 2014, recebi meu registro civil definitivo, minha certidão de nascimento, o que me obrigou a substituir todos os meus documentos de identificação, inclusive, o registro geral. Outra questão importante sobre o meu nome Juciene e dos meus irmãos Juciê e Jair, está relacionada com a forma de dominação machista do meu pai. Ele não admitia que nenhum dos seus três filhos tivessem a

inical do seu nome iniciado com outra letra alfabética que não fosse a letra inicial do seu nome o J.

Por ser a filha caçula da casa, segundo relatos da minha mãe, por muito pouco, seria um desvio na denominação do sistema patriarcal e me chamaria Laura. Isso porque “diferentemente de outras formas de dominação, o machismo molda e determina diretamente relações de poder em nossas vidas privadas, em espaços sociais familiares, no contexto mais íntimo (casa) e nas esferas mais íntimas de relações (família)”(hooks, 2019, p. 61).

É bom lembrar que, na minha casa, as intimidades nas relações familiares não existiam e não consigo lembrar agora um diálogo entre meus pais. Bezinha, minha mãe, não está mais entre nós e, para meu pai, essa conversa seria impossível. Eu observei minha mãe assumir uma simultaneidade de papéis como mulher sertaneja, mãe, esposa, costureira, bordadeira, construtora de casas de aluguéis, assumindo, assim, sozinha toda a responsabilidade da casa nas questões financeiras, de alimentação, de vestuários, de educação dos três filhos, ao longo das nossas vidas.

A “única coisa” que ela não podia assumir nesta relação matrimonial era a escolha da inicial do nome dos seus filhos (as demais eu não desejo relatar), pois meu pai fazia questão de frisar, com o tom de dominação, para minha mãe que “ele era o homem da casa”. Observe o quanto meu pai reforça o machismo e as divisões nas tarefas domésticas entre ele e minha mãe a partir do seu tom de fala. Pode-se então perguntar: De onde vem o pensamento do adulto machista? Se ligue na dica, leitora! Repare na charge da Imagem1, a seguir, do cartunista Alexandre Becker, agrônomo, publicitário e ilustrador sobre a pergunta feita pelo personagem Armandinho ao seu pai:

Imagen 1: Definição para o machismo



Disponível em:

<<[Neste sentido, vale a pena ressaltar que painho tinha por hábito concluir qualquer discussão com minha mãe utilizando-se de uma das suas, mais célebres expressões: “Mainha precisava entender que devíamos seguir a tradição dos homens, mais velhos da família”. Assim, para a socióloga nigeriana e intelectual negra Oyérónké Oyéwùmí \(2021, p. 36\), “a ideia de que o gênero é socialmente construído - de que a diferença entre machos e fêmeas devem estar localizadas em práticas sociais, e não em fatos biológicos”.](https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.1435262796712498.100005065987619/998807080164598/>>. Acesso em: 10 set 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

E por falar nesta divisão social de gênero, partilho com você, menina mulher negra como eu, como na prática a minha mãe buscou driblar alguns obstáculos na vida, como por exemplo, nas atitudes machistas que teimavam em querer silenciá-la, inclusive, as atitudes advindas da postura no discurso machista do meu pai. Assim, compartilho uma das muitas estratégias utilizadas por ela na tentativa de se esquivar destas dificuldades com muita determinação de uma mulher convicta do seu propósito de vida.

Assim, lembro-me como se fosse hoje, quando ela relatava o quanto foi difícil a conclusão da sua escolarização, principalmente, sobre as dificuldades que teve de enfrentar na sua vida na obtenção do seu certificado de admissão ao ginásio, pois, para obter o certificado de conclusão, era exigida a realização de duas provas: uma de português e uma de matemática. As/os candidatas/os tinham que estudar os conteúdos e demonstrar as habilidades e as competências aprendidas ao longo de sua trajetória educativa. Cabe ressaltar que a proposta desse exame no ginásio se aproxima hoje, ao objetivo do exame voluntário gratuito destinado a jovens e adultos, o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA).

Neste sentido, Bezinha enfrentou com muita determinação cada uma das etapas exigidas no referido exame de admissão ao ginásio e concluiu o seu Ensino Fundamental. Como se pode ver nessa mulher sertaneja, Bezinha teve uma trajetória de vida marcada por desafios e dificuldades que expressam sua resistência e esperança diante das opressões que enfrentou em uma sociedade racista e patriarcal, como na conclusão dos seus estudos ou até mesmo para se adequar e seguir como mulher sertaneja e dita como “forasteira” às normas sociais determinadas pelo poder hegemônico, nessa sua nova morada, no município de Simões Filho.

Fico imaginando o quanto foi difícil para minha mãe conviver com as situações desta natureza, na tentativa de estabelecer os seus vínculos e o seu respeito com as pessoas residentes deste lugar. Hoje eu não tenho qualquer dúvida que devo reconhecer o seu legado ancestral, construído nesta cidade que se tornou seu lugar de fala. Honrar sua memória, Bezinha, significa dizer, antes de mais nada, como me lembra a poetisa e intelectual negra Esmeralda Ribeiro (2004, p. 63) no seu poema “Ressurgir das Cinzas, que:

Sou guerreira como Luiza
Mahin,
Sou inteligente como Lélia
Gonzáles,
Sou entusiasta como Carolina de
Jesus,
Sou contemporânea como Firmina
dos Reis
Sou herança de tantas
outras ancestrais.

E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá, mesmo
com seus falsos poderes tentem me aniquilar, mesmo
que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.

Somos sim, Bezinha dos Santos!, Mulheres batalhadoras e destemidas! Quanto a mim, não vou desistir tão facilmente na conquista dos meus/nossos sonhos. Dessa forma, mediante a este chamamento ancestral, eu resolvo continuar minhas lembranças de mulher negra, pois sou guiada pelo fio condutor das minhas memórias na Água Comprida e traduzidas de modo singular nos meus registros escritos, ao ponto de dar a legitimidade necessária às minhas experiências do vivido, como um legado ancestral para as gerações que virão de meninas mulheres negras como eu. Isso porque, fazendo uso das palavras de bell hooks,

Quero que elas saibam que não estão sozinhas, que os problemas surgem meus obstáculos criados pelo racismo e pelo machismo são reais - realmente machucam - mas não são insuperáveis. Talvez estas palavras tragam consolo, aumentem a coragem delas e renovem seu espírito (hooks, 2019, p. 137).

Ainda no que diz respeito aos problemas que surgem na vida de uma mulher negra devido a ações racistas e machistas, não posso deixar de compartilhar a minha experiência vivida e refletida de como foi a minha passagem de estudante menina negra pela educação básica. Cabe salientar que Bezinha, mulher sertaneja de fibra tinha uma preocupação constante de educar seus três filhos para a vida e para enfrentar o mundo do trabalho com sentimentos de classe e de pertença ao movimento de (des)construção no que tange ao lugar da mulher negra nestes espaços. E assim, incansavelmente dedicada, me lembrava que, para ser alguém na vida, eu precisava estudar sempre e muito.

É interessante dizer que, como professora na educação básica, diversas vezes sou supreendida com um ou outro estudante relatando essa mesma expressão que os pais lhes dizem, que para ser alguém na vida tem que estudar muito. Isso me fez lembrar, agora, de uma imagem postada no blog Milimites, feita por Tamires Alves, que descreve de maneira sublime, por meio de uma reflexão, a dualidade presente numa parte da expressão dita tanto por Mainha na minha infância quanto, atualmente, pelos pais dos estudantes da educação básica, que para “Ser alguém na vida” é necessário estudar bastante. Conforme Imagem 2, a seguir:

Imagen 2: Ser alguém na vida, pense sobre



Fonte: ALVES,24.jun.2015.Disponível em: <https://milimites.wordpress.com/>.
Acesso em:24.dez.2023

Dessa forma, durante toda a minha infância e boa parte da adolescência, não compreendia o sentido embutido nessa expressão popular repetida por mainha. Praticamente, do amanhecer ao anoitecer em nossa casa, eu a ouvia falando a mesma expressão, a tal ponto de acreditar que para ser alguém na vida, eu tinha apenas que estudar.

Nossa! Como fui inocente! Agora (e só agora) observo, como mulher negra, que não basta apenas se dedicar ao estudo para ser alguém na vida, pois se fosse verdade, por exemplo, eu seria a primeira pessoa na minha família a ser aprovada numa Universidade Pública, assim que concluí o meu Ensino Médio realizado numa Escola Pública Municipal. Assim, sou de acordo com o pensamento da intelectual negra Lélia Gonzalez (2020, p. 48), quando afirma que “quanto a aqueles que tiveram oportunidade de ir à escola e ultrapassar o segundo ano do fundamental, sentem mais claramente o que significa ser negro no Brasil.”

Nessa perspectiva, chego a dizer que, no meu caso, entrar no mercado de trabalho aos dezessete anos de idade, após ter concluído o Ensino Médio no curso do Magistério, como professora normalista na educação de Simões Filho e após onze anos de formada no Ensino Médio, foi possível acessar a faculdade privada, no turno noturno, e realizar meu primeiro curso de graduação. Sim, leitora, eu sou alguém na vida!

Lembro-me agora de duas entrevistas, a primeira foi concedida pela escritora, poetisa, ensaísta e intelectual negra Conceição Evaristo ao programa Roda Vida, durante o período pandêmico em 06/09/2021¹⁰, quando ela sabiamente nos chama a atenção para o perigo presente no discurso da meritocracia quando falam que “Tá vendo? Se estudar consegue. Mentira! Eu conheço um bocado de pessoas que estudam, que se esforçam e continuam sendo cerceados”.

A segunda entrevista¹¹ me foi concedida pela egressa negra Maria Beatriz Nascimento Coragem participante desse estudo de pesquisa, que passou na Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM,) no IF Baiano *Campus Serrinha*. Quando conversamos sobre o seu processo seletivo no seu curso técnico de agropecuária, ela afirmou : “Eu nunca pensei [pausa] eu achava que nunca iria conseguir fazer um nível superior que era muito difícil”.

Face ao exposto por Conceição Evaristo e Maria Beatriz Nascimento Coragem nas duas entrevistas citadas acima, posso dizer que comungo desse sentimento de ser invisibilizada ou pela falta de oportunidade ou quando essa oportunidade chegar não acreditar na minha capacidade de enfrentar as dificuldades e alcançar o meu objetivo de vida. Digo isso porque senti na minha própria pele que não se trata apenas de estudar muito, é necessário possuir a condição de atingir as metas da minha escolarização e me oportunizar (e ser oportunizada), por meio de políticas públicas de reparação afirmativa, a exemplo das cotas raciais, que pudesse garantir o meu acesso, a minha permanência e a minha conclusão na trajetória da minha formação acadêmica como mulher negra na Instituição de Ensino de Nível Superior Pública.

Diante de tal situação, sinto-me no dever de continuar compartilhando com você, leitora, outros aspectos do meu vivido durante meu processo de escolarização

¹⁰Maiores informações consultar entrevista Roda Viva | Conceição Evaristo. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wnu2mUpHwAw>>. Acesso em: 14 set 2023.

¹¹ Fornecida por Maria Beatriz Nascimento Coragem,em Serrinha, em setembro de 2022.

na educação básica no município de Simões Filho e assim lembro-me como se fosse hoje, quando fui matriculada com cinco anos de idade numa escola estadual bem longe da minha residência. É preciso ressaltar que realizei o curso primário nesta escola estadual, localizada próximo da Prefeitura Municipal de Simões Filho, no centro da cidade.

Devido à distância de um quilômetro da escola em que estudava para minha casa, tinha que acordar todos os dias mais cedo. Meus dois irmãos estudavam numa escola estadual próxima da nossa casa, pois essa escola não atendia turmas da educação infantil. Acredito que por esse motivo, tive que estudar tão longe de casa. Confesso que eu odiava a sensação de estar longe de casa, pois me sentia sozinha e desprotegida da atenção maternal.

Dessa maneira, lembro-me dessa atenção e cuidado maternal de minha com riqueza de detalhes, quando ela me arrumava com o fardamento. Uma blusa branca e uma bermuda em malha azul, penteava meus cabelos com duas maria-chiquinhas¹². Confesso que detestava esse penteado de maria-chiquinha e quase sempre as lágrimas vinham aos meus olhos, devido à pouca habilidade de minha mãe para desembaraçar meu cabelo crespo e muito volumoso.

Assim, entendo que “essas lacunas na nossa psique são os espaços nos quais penetram a cumplicidade irrefletida, a raiva autodestrutiva, o ódio e o desespero paralisante” (hooks, 2019, p. 35). E, mesmo com tanta raiva deste penteado, não tinha como fugir do seu bendito ritual que acontecia impreterivelmente todos os dias.

Depois de realizarmos o jantar, eu tinha que dormir com lenço de cabeça ou com uma touca de malha confeccionada por minha mãe, no intuito do cabelo amanhecer intacto, o que nem sempre acontecia, pois eu retirava o lenço ou touca sempre, pois apertava demais minha cabeça e me deixava com náuseas. Uma mulher negra precisa (?) passar pela condução de sua corporeidade e estética por processos opressores.

Do modo como o penteado no cabelo amanhecesse , seguia em direção à escola, atravessava o bairro e cortava o caminho por um atalho em direção a uma enorme ladeira composta com solo de massapê¹³. No período do verão, era bem

¹² Define-se por *maria-chiquinha* o penteado em que o cabelo, de tamanho médio ou longo, é dividido ao meio, desde a testa até à nuca, e as duas metades do cabelo são amarradas junto à cabeça. In: DICIONÁRIO Priberam online de Português: Priberam Informática, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/maria-chiquinha> . Acesso em: 10 set 2023.

¹³ Define-se por *massapê* (Regionalismo/Norte e Nordeste) a terra argilosa, geralmente preta, formada

tranquila sua descida, mas bastava chover e a situação se complicava, pois o solo de massapê virava um lamaçal, e, como não tínhamos outra maneira de descer, eu tirava meus sapatos para não escorregar na lama e guardava numa sacola plástica para não sujá-los de lama.

Lembro-me, também, já com os olhos marejados de emoção, que todas as vezes que chovia muito, mainha, muito preocupada, fazia questão de me levar para a escola, apesar de muito arriscado. Quando ela me levava, não tinha nenhum tipo de medo, me sentia protegida e ela me tranquilizava na descida da ladeira.

Cabe ressaltar que, quando concluía a descida da ladeira, pulava de alegria por ter concluído o percurso. Eu lavava meus pés num olho-d'água conhecido popularmente como pedra do caboclo. Durante a minha infância, ouvia meu avô paterno contar que esse nome foi dado devido à presença de “seres encantados” na mata nativa, localizada no entorno das pedras enormes por onde corria livremente uma pequena cachoeira. Chegando à escola, corria para brincar no pátio, antes de a aula começar.

A aula sempre se iniciava com a oração do Pai Nossa, em seguida se entoava o Hino Nacional e o Hino da Bandeira. Lembro-me que a professora da 4^a (quarta) série no primário fazia a gente copiar demasiadamente no caderno estes dois Hinos. Eu odiava realizar essa atividade no caderno. Com relação às questões étnico-raciais, não havia qualquer discussão a respeito destas questões na sala de aula. Enquanto isso, “a educação como prática da liberdade era continuamente solapada por professores ativamente hostis à noção de participação dos alunos” (hooks, 2017, p. 26).

Merece destacar que eu vivenciei um modelo de ensino e aprendizagem no primário regido em pilares educacionais inspirados no cumprimento das normas regimentares construídas a partir do pensamento do dominador. Digo isso, pois fui obrigada por diversas vezes a permanecer num total silenciamento como menina negra. Um bom exemplo disso era quando a gestão escolar nos fazia compreender uma norma que todos os estudantes da escola deveríamos seguir, sem qualquer objeção referente à autoridade máxima em sala de aula, a professora, pois a ela cabia toda e qualquer decisão em sala de aula, pois era a professora que possuía todo o

pela decomposição de calcários cretáceos e muito boa para a culturada cana-de-açúcar (DICONÁRIO online Brasileiro da Língua Portuguesa . Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/zawbR/massap%C3%A9/>>). Acesso em: 10 set 2023).

conhecimento e, por essa razão, tinha a palavra final.

Cabem, então, aqui as seguintes reflexões em forma de perguntas: atualmente na escola é possível observarmos nos professores e nas professoras, algum resquício dessa postura semelhante àqueles/as que me ensinaram no primário? Estas pessoas percebem a importância de conhecer e formar seus/as estudantes criticamente para o mundo da vida e o mundo-do-trabalho? Aqui já começo a sinalizar a você onde que minha pesquisa se aporta.

Bem, com a conclusão do meu curso primário e depois das férias no mês dezembro iniciei no ginásio a quinta série e fui estudar numa escola três vezes maior que a escola anterior, que possuía como regra a autoridade centrada na pessoa da professora. E assim, lembro-me, como se fosse hoje, que permaneci imóvel no primeiro dia de aula, foi aquele medo que tomava o meu corpo preto, a ponto de me paralisar e me silenciar. Concordo que “é preciso lembrar que primeiro precisamos enfrentar o opressor em potencial dentro de nós – precisamos resgatar a vítima em potencial dentro de nós” (hooks, 2019, p. 60).

Eu acredito que meu maior opressor nessa escola era o medo de não fazer amizades. No decorrer do ano, mesmo com essa preocupação angustiante da necessidade de estabelecer novos vínculos de amizade na escola, ficava deslumbrada com tantas novidades que meu olhar conseguia capturar e quando retornava para casa, parecendo uma tagarela, contava rapidamente para minha mãe que escutava pacientemente aquelas narrativas do vivido na escola.

Não se pode deixar de falar que o encantamento com essa escola acabou quando, na fase da adolescência, em plena autodescoberta sexual, e com muitas inquietações pessoais, fui surpreendida com a reação de um grupo de meninas brancas que não quiseram nem falar comigo devido a cor da pele. Recordo-me das sutilezas nas perversidades sistêmicas da sociedade racista presentes nas estratégias utilizadas por aquelas meninas brancas para me agredir, devido às minhas características físicas, a cor da pele e meu cabelo crespo.

Devido a isso, o silêncio me consumia e não conseguia transitar nos ambientes sociais da escola. Permanecia na sala e, quando concluía a aula, ficava muito feliz, na certeza que retornaria logo para minha casa e me livraria daquelas situações de constrangimentos, pois “devem-se levar em conta os efeitos da rejeição, da vergonha e da perda de identidade às quais essas crianças são submetidas, especialmente as meninas negras” (Gonzalez, 2020, p. 160).

Assim, mesmo com tanta vergonha e medo de não ser compreendida, recorria ao apoio e a proteção dos funcionários da escola, como, por exemplo, os agentes de disciplina que monitoravam os três pavilhões de aula nesta escola, não obtive nenhum sucesso, pois eles não escutavam as minhas queixas sobre as atitudes racistas daquelas meninas brancas. Elas agiam tranquilamente naquele ambiente escolar e não sofriam qualquer tipo de punição pelas suas ações racistas. Isso porque, “a humilhação é arma que as mulheres brancas usam para desumanizar as pessoas que desejam dominar” (hooks, 2022, p. 111).

Diante dessa realidade, sofria constantemente com as ações racistas de meninas brancas, a ponto de não saber o que mais fazer ou até mesmo qual direção tomar para resolver as inúmeras agreções pejorativas, principalmente, relacionadas ao meu cabelo crepo. Confesso que ficava no canto da sala paralisada, não conseguia me mexer e, outra vez, me silenciei permitindo a minha exposição e a humilhação diante das ações perversas do racismo estrutural. Como bem ilustra a Imagem 3, a seguir:

Imagen 3: Racismo Estrutural



Fonte: FREEPIK, 2010-2023. Disponível em:

[https://br.pinterest.com/pin/745486544594406217/.](https://br.pinterest.com/pin/745486544594406217/)

Acesso em: 14 set 2023.

Nessa perspectiva, como se não bastasse suportar aquelas humilhações racistas cotidianas das alunas brancas na escola, ainda fui obrigada a suportá-las durante três anos consecutivos no mesmo pavilhão de aula. Confesso que nada mais na escola me interessava, eu estudava na esperança de obter uma aprovação nas

disciplinas e no ano seguinte mudar de pavilhão, ledo engano! Mesmo sendo aprovada para a próxima série, no ano seguinte lá estava eu no mesmo pavilhão de aula, tendo que suportar tantos insultos racistas. É possível que você, leitora, esteja se perguntando se não ocorreu nenhum tipo de intervenção contra as ações racistas destas estudantes pela gestão escolar.

E para exemplificar como aconteceu na prática a harmonia inter-racial firmada na igualdade de direitos para todas estudantes na escola, principalmente, as estudantes negras como eu, pois vou lhe dizer que nada naquela escola havia me deixado mais triste e revoltada até o momento da minha exclusão na equipe oficial de ginástica rítmica. Sinceramente, carreguei esta dor até a conclusão do meu ensino médio nesta escola, pois me recusava a compreender que o motivo da minha eliminação estava outra vez atrelada ao racismo estrutural.

Já na fase adulta, em conversa com uma professora de ginástica rítmica na escola em que hoje trabalho, eu trouxe à tona a questão: Por qual motivo as estudantes negras não faziam parte da equipe oficial de ginástica rítmica no ano em curso? Foi então que ela me disse: “As estudantes negras não podem fazer parte da equipe oficial, pois não atendem um padrão estabelecido que seria por meninas brancas de cabelos compridos e corpo esguio” .

Como se pode ver, por essa explicação da professora de ginástica rítmica, as demais meninas negras estudantes da escola, como eu, permaneciam invisíveis, em todas as etapas na seleção para a formação da equipe oficial de ginástica rítmica desta unidade escolar. Diante de tal situação, não tem como deixar de saudar as ginastas brasileiras Daiane dos Santos e Rebeca Andrade, que muito contribuíram com seus corpos pretos para criar uma tensão na opressão racial e afirmar que podemos permitir que outras meninas negras não interrompam seus sonhos de se tornarem uma ginasta olímpica, ou qualquer outra coisa.

Não tenho dúvida do quanto é necessário promover a união das meninas e mulheres negras, alicerçada no diálogo e na solidariedade recíproca, pois desta maneira podemos escolher juntas em qual frente conduziremos nosso ato da fala na representatividade como menina e mulher negra na luta e resistência às artimanhas sutis presentes no discurso hegemônico do dominador.

Bem, mesmo sabendo que não poderia realizar o desejo de participar da equipe de ginástica rítmica, continuei focada nos estudos e reuni meus esforços para a conclusão do Ensino Médio em Magistério, no ano de 1993. No ano seguinte, fui convidada pela Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação - SEMED para assumir duas turmas no Ensino Fundamental I. Tive que estender a carga horária para sessenta horas, dividida entre duas redes de ensino, a pública e a privada, ambas situadas no município de Simões Filho.

No início do ano de 2002, fui nomeada ao Cargo de Provimento Temporário de Diretora Escolar numa escola de médio porte. Interessante nesta situação é que estava nomeada para uma escola que estava ainda em construção e minha função como gestora de uma escola que ainda não existia, enquanto estrutura física, era a de acompanhar o andamento da construção da escola.

E assim, embrenhada em meio a tanta poeira, busquei sair viva daquele local. Digo isso porque a comunidade estava localizada numa comunidade de extrema vulnerabilidade social, apresentava inúmeras dificuldades na ordem de recursos humanos (professoras/res e funcionárias/os encaminhadas/os para lotação, em sua maioria, já respondiam por alguma advertência disciplinar), *déficit* nas matrículas de alunos/as, além da escassez dos materiais e de recursos disponíveis (didáticos, pedagógicos, de limpeza e expediente).

A mim pergunto hoje se fui escolhida para aquela posição devido a ninguém mais querer ou seria um castigo? Mesmo com tantas dificuldades, o prédio escolar ficou pronto e colocamos em funcionamento inicialmente com cento e trinta estudantes distribuídos/as no diurno, com oito professoras/es e cinco funcionários/os do administrativo. Dessa maneira, permaneci nessa escola, no cargo de gestora durante dois anos.

Aos meus olhos, neste lugar de fala e vivenciando as experiências, vejo que estas foram muito gratificantes na minha trajetória de vida profissional, pois aprendi que liderar pessoas exige, a todo momento, revisitar os conceitos de empatia, paciência, respeito mútuo e resiliência. Sem perder de vista as categorias propositivas, relacionadas às temáticas raciais, retornei ao ensino superior, após onze anos, e prestei vestibular, ingressando na Faculdade Jorge Amado, para cursar a primeira Licenciatura em Letras Vernáculas com habilitação em Língua Espanhola .

Confesso que foi muito cansativo cumprir uma jornada semanal de quarenta horas no trabalho e a noite realizar a graduação. Além das responsabilidades

assumidas, o curso favoreceu o meu ativismo social como mulher negra na luta e resistência por uma educação antirracista. Já em vias de concluir a graduação de Letras Vernáculas com habilitação, precisamente no último semestre, resolvi me matricular na especialização em História da Cultura Afro-brasileira e Língua Indígena, na Faculdade São Tomaz de Aquino e Associação Científica e Sócio-Cultural –PATI.

Inicialmente, minha intenção foi atender às exigências preconizadas por duas Políticas Públicas Federais no âmbito educacional: o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), em vigor desde 2009, e a Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação Básica.

É possível, então, afirmar que estabeleço como um divisor de águas de tudo que vivenciei no ano de 2009, pois acumulei conhecimentos, num curto período, por meio da realização de pós-graduações, graduação, cursos de aperfeiçoamento, participação de eventos destinados à temática das relações étnico-raciais, contribuindo de maneira significativa com a minha qualificação profissional, bem como no fortalecimento das vivências pessoas.

Nesse caminhar de intensas interlocuções com meus pares, consegui, sem dúvida nenhuma, me reconectar de maneira consciente com minhas raízes afrodescendentes. Entre os anos de 2009 a 2012, fui coordenadora do Departamento de Educação Étnico Racial – DEERA no Município de Simões Filho, nas dependências da Secretaria Municipal de Educação – SEMED.

Na posição de coordenadora deste departamento, estabeleci inúmeras interlocuções institucionais, com o intuito de fortalecer a implantação das políticas públicas educacionais das relações étnico - raciais nas escolas públicas da educação básica, com a Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia – SEPROMI, Secretaria de Políticas de Promoções – SEPPIR, o Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial-BA – FEDERBA, o Coletivo do Instituto Búzios-BA e Coordenação de Políticas de Promoção da Igualdade – Simões Filho.

É interessante lembrar que me autodeclaro como mulher negra, pesquisadora, professora efetiva, há vinte anos, na rede pública municipal, mestranda do ProfEPT, Campus Catu. A minha primordial intenção com a realização desta investigação na Educação Profissional Tecnológica - EPT no IF Baiano Campus Serrinha consiste em dar continuidade às discussões, já em pauta sobre as questões de gênero, etnia e raça pelos importantes articuladores educacionais, como por exemplo, o Núcleo de

Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI.

Parto do pensamento de como essas reflexões favorecem a implementação de políticas educacionais como estratégias de valorização do acesso das estudantes negras à Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, a partir de objetivos propostos nas ações afirmativas, a exemplo das cotas raciais como importante instrumento na reivindicação da garantia de direitos educacionais pela população negra; e, aqui, nesta pesquisa, de modo particular, com as egressas dos cursos Ensino Médio no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, Técnico em Agroecologia, Técnico Agroindústria na modalidade Integrado ao Ensino Médio de Jovens e Adultos – PROEJA e Técnico em Agropecuária subsequente ao Ensino Médio.

Dessa maneira, é possível afirmar que a minha pesquisa parte de mim, de minha trajetória e das trajetórias de outras mulheres negras, bem como das egressas negras (EPTNM) no IF Baiano *Campus* de Serrinha. Assim, considerando o entrecruzamento no conhecimento adquirido na experiência deste estudo de investigação, considero que, neste momento, a minha intenção se manifesta com maior entusiasmo para lhe convidar à leitura desta produção científica dissertativa que culmina com o Produto Educacional denominado *Caderno de Inspirações para o Ensino : Narrativas (Auto)Biográficas: Mulheridade Negras e Educação Profissional*. E, por essa razão, convido você, leitora, para, guiadas por este fio condutor do vivido e refletido na Água Comprida, adentramos na encruzilhada da minha escrevivência.

1.1 NA ENCRUZILHADA DA MINHA ESCREVIVÊNCIA

A encruzilhada da minha escrevivência¹⁴ começa no primeiro desafio de produzir uma escrita dissertativa apoiada na primeira pessoa. Assim, encaro este desafio da escrita em primeira pessoa como importante oportunidade de me conectar não só com as mulheres negras, mas com todas as pessoas que se interessem por explorar, sentir e transmitir os conhecimentos relacionados com as categorias de gênero, etnia e raça manifestados por meio das minhas experiências e de

¹⁴ A escritora, poetisa e ensaísta Conceição Evaristo, realizou a conceituação do termo em *Escrevivência e seus subtextos*, em EVARISTO, Conceição. **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 30.

aprendizados conectados no meu vivido.

Dessa maneira, inicio meus relatos memorialísticos nesta encruzilhada da minha escrevivência, contudo antes de iniciar com os meus primeiros relatos narrativos destas experiências no meu vivido, não posso deixar de reverenciar uma divindade de grande importância para o axé: o orixá Exu, no axé, a ele é conferida a função de garantir a comunicação entre os seres humanos e os desígnios divinos. Assim, a encruzilhada significa, portanto, a abertura dos caminhos de todas (os) em direção ao seu crescimento pessoal. Para essa última questão da encruzilhada, o pedagogo Luiz Rufino Rodrigues Junior, afirma o seguinte:

As encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espacô de potênciâ, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam. Uma opção fundamentada em seus domínios não versa, meramente, por uma subversão. Dessa forma, não se objetiva, meramente, a substituição de uma perspectiva por outra. A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão, é a *traquinagem* própria do signo aquiinvocado. São as potências do domínio de *Enugbarijó*, a boca que tudo engole e cospe o que engoliu de forma transformada (Rufino Junior,2018,p.74-75).

Nesse sentido, peço licença àquele que exerce a função de guardião das encruzilhadas e de mensageiro dos orixás, Exu, para que eu possa cuidar do que é meu; e assim inicio minha *traquinagem* junto aos meus Erês. Como menina e mulher negra que sou, neste momento de tantas lembranças do meu vivido, lembro-me de uma situação na fase adulta que muito marcou a minha história de vida. Foi no dia em que recebi uma almofada de fuxico como presente de Bezinha. E, como já mencionei anteriormente, chamávamos na nossa casa mainha carinhosamente de Bezinha (cinco anos antes do seu falecimento, que ocorreu no ano de 2022).

Digo isso porque mainha já havia me presentado outras vezes com vários objetos, como blusas, perfumes, toalhas com nome gravado na sua barra, mas um objeto de artesanato feito por ela nunca havia recebido!; apesar de ser uma das suas especialidades desenvolver peças de artesanatos manuais, dentre esses, almofadas, capas de liquidificador e botijão, suporte para geladeira de crochê, panos de pratos com fuxicos, pano de chão confeccionados com saco de alinhagem e retalhos dentre outros.

Ainda sobre a produção do artesanato manual, foi confeccionado por Bezinha uma almofada de fuxico, manualmente (ver Imagem 4), motivo que mexeu muito comigo. E, como se não bastasse toda a situação de surpresa manifestada no momento da entrega daquela almofada de fuxico, ela tinha escrito um pequeno bilhete à mão, com muita dificuldade, devido à rigidez muscular causada pelo Parkinson, uma doença neurodegenerativa multissistêmica e progressiva.

Nesse pequeno bilhete escrito a próprio punho por Bezinha, constava uma única frase que encabeçava o topo do papel pautado de tamanho retangular decorado nas suas laterais com vários corações e com a seguinte expressão escrita: “Essa almofada é para minha nega lembrar de mim. Te amo, sua mãe”:

Imagen 4: “Almofada para minha nega”



Fonte: Elaboração da autora (2023)

Desse modo, assim que recebi o presente da almofada confeccionada com fuxico e realizei a leitura do bilhete, confesso que fui tomada de uma grande emoção, pois minha mãe não aceitava sua falta de movimento, que se agravaava devido à evolução dos sintomas desta doença. E, como uma verdadeira mulher batalhadora, não se entregava facilmente à falta de controle dos movimentos, sobretudo, para escrever .

Isso me fazia admirá-la muito, além de ser o combustível motivacional no enfrentamento das dificuldades, como, por exemplo, conciliar diariamente as jornadas profissional e doméstica com essa jornada acadêmica na minha trajetória de vida.

Ainda muito emocionada, enxugando as lágrimas e com uma voz embragada, perguntei a ela: “Mainha não comprehendo como a senhora conseguiu juntar tantos tecidos coloridos, pois faziam quase dez anos que a senhora não utilizava mais a sua

máquina de costura?". Ela sorriu tranquilamente e, com seu olhar sereno profundamente cativador acompanhado de uma delicadeza na sua fala, me respondeu: "eu já estava juntando há alguns anos, dentro de um saco plástico grande, vários retalhos de tecidos que mais gostava, quando ainda costurava na minha máquina de costura por encomenda para as mulheres daqui do Ponto de Parada. Com esta almofada de fuxico nas minhas mãos, solicitei carinhosamente a mainha que me mostrasse naquela organização simétrica das trouxinhas de tecidos no formato de flores coloridas (ver na Imagem 4) um tecido que mais ela gostava e me dissesse o motivo da escolha.

Nesse momento, ela pegou a almofada de fuxico e com uma das mãos menos comprometida com a rigidez muscular provocada pela doença de Parkinson, indicou com o dedo indicador duas trouxinhas nas cores vermelha e branca. Se olharmos, portanto, a estratégia adotada por minha mãe para a distribuição das trouxinhas na superfície da almofada perceberíamos que as únicas cores que mais se repetem logo na primeira mirada nessa peça de artesanato são as cores vermelha e branca.

Então, mainha me responde com a seguinte explicação: "o tecido vermelho foi o meu primeiro vestido costurado", quando ela chegou do município de Euclides da Cunha aqui no município de Simões Filho, assim que concluiu o seu curso de modista. Já o tecido branco, de acordo com mainha, foi utilizado para confeccionar uma blusa feminina com mangas soltas para sua primeira cliente, descrita como uma senhora casada com um importante negociante com bens e propriedades na cidade e moravam no único sobrado existente na nossa comunidade do Ponto de Parada, em Simões Filho.

Cabe dizer ainda que, quando mainha começou a desenvolver as primeiras almofadas de fuxico, ela não possuía a liberdade de escolher e utilizar qualquer tipo de sobras ou mesmo pedaços de retalhos dos tecidos que geralmente sobravam no momento da confecção de vestuários femininos (a calça, a blusa, a saia, os vestidos, os paletós, dentre outros), encomendas solicitadas por uma clientela majoritariamente composta de mulheres brancas moradoras nesta comunidade já citada acima.

Dessa forma, como minha mãe dependia dessas sobras de tecidos entregues por estas clientes para o desenvolvimento das suas trouxinhas de fuxico realizado com uma técnica artesanal, ela utilizava a seguinte estratégia: assim que concluía a costura da peça da roupa do vestuário encomendada por uma das suas clientes era feito por mainha um embrulho, com o mesmo papel que ela utilizava para cortar os

moldes para roupas e com um barbante amarelo muito resistente o pacote era amarrado.

É importante, entretanto, dizer que o mesmo papel de embrulho utilizado por mainha para empacotar suas encomendas, também, servia para outros fins, como por exemplo, nas mercearias que existiam no nosso bairro para embrulhar as varas de pão de sal, requeijão e o leite de pacote. Mainha, para não deixar faltar estes papéis de embrulho normalmente comprava os maços com uma quantidade maior de folhas de papel. Lembro-me de ouvir mainha dizer que essa folhas de papel chegavam numa quantidade total de mais ou menos dez folhas por maço de papel, nas cores verde, amarela e vermelha.

Com sua caneta na cor azul ou até mesmo com um pedaço de carvão, pois segundo ela escrevia o nome de cada cliente naquelas encomendas prontas dos vestuários, quando, em meio àqueles tecidos, tivesse um que chamassem a sua atenção imediatamente, mainha solicitava das suas clientes a liberação para a utilização daquelas sobras em pedaços ao até mesmo nas tiras daqueles tecidos comprados pelas clientes na confecção das almofadas ou acessórios feitos de maneira artesanal com as trouxinhas de fuxico.

A esse respeito, o sociólogo José de Souza Martins (2013, p.14) afirma que “o artesanato durante muito tempo encerrou a ideia de competência para fazer coisas que, de outro modo, não podem ser feitas, coisas que nem todos sabem fazer, o que envolve engenho e criatividade”.

Por essa razão, considero que a minha conexão se firma nos conhecimentos alicerçados na perspicácia de criar e recriar das mulheres negras ancestrais, me possibilitando compreender a relação presente-passado a partir das reconstruções feitas no vivido. Essas reconstruções estão apoiadas nas lembranças dessas sujeitas negras que se manifestam a partir dos comportamentos, das reflexões, das percepções, nas imaginações e no discurso delas ao longo da vida.

Além disso, cabe ressaltar que, durante a dinâmica envolvida na confecção das trouxinhas do fuxico de maneira circular, me sugere a ideia de mulheres numa imensa roda de conversa uma próxima da outra, contado histórias de sua vida nessa coletividade negra e neste movimento de confeccionar as trouxinhas com os vários tecidos guardados no seu baú de lembranças, enquanto a linha na agulha transpassa o seu retalho de tecido colorido, elas partilham as diversas situações do seu dia a dia entre si.

Recordo-me que o desenvolvimento da técnica artesanal do fuxico exige das artesãs um gerenciamento do seu tempo, a paciência, a curiosidade, a perspicácia, as habilidades e as destrezas no manejo de algumas ferramentas, como a agulha, a tesoura, além da máquina de costura na confecção das trouxinhas coloridas de tecido.

Honestamente, devo confessar, tenho muito o que aprender como mulher negra filha de constureira e bordadeira para desenvolver de maneira habilidosa a confecção do artesanato manual como o fuxico. E por falar em costurar, não posso esquecer da máquina de costura de mainha, o seu verdadeiro “tesouro”, que contribuiu diretamente no sustento financeiro da minha família. Lembro-me, como se fosse hoje, que Bezinha havia economizado todo o dinheiro recebido com o pagamento de um mês das suas encomendas de costura e compramos o primeiro automóvel da família, uma brasília amarela.

Cabe dizer que mainha sempre atribuía um sentimento de gratidão àquela máquina de costura da marca Singer, que possuía um *design* muito intrigante. Digo isso porque a máquina de costura tinha um pedal (ver imagem 5 a seguir) na cor preta e um gabinete de madeira que servia como um encaixe onde se guardava a máquina após ser utilizada. Além desse gabinete, existia, fixada com duas dobradiças, uma tábua de madeira, e quando aberta trazia a semelhança de uma bancada de madeira.

Imagen 5: Meu Tesouro: a máquina de costura



Fonte: Disponível em: <https://www.desapega.net/p/maquina-de-costura-singer-antiga-1404563/>. Acesso em: 24 dez 2023.

Outra questão interessante de mencionar, quanto ao *design* desta máquina da marca Singer, está na sua base de madeira utilizada para sustentar as quatro gavetas ornadas com os puxadores redondos, presos com parafusos na frente de cada uma dessas gavetas. Em relação ao detalhe, arrisco a dizer que a ilustração, mais se parecia com a corola de uma flor-do-campo, a delicada gérbera (conforme a Imagem 5 acima).

Além disso, não podemos esquecer que Bezinha levava muito a sério seu ofício de modista, pois sabia que, para confeccionar as peças de roupas únicas e elegantes para suas clientes, exigia dela muita dedicação e talento. Eu percebia o quanto minha mãe sentia orgulho de cada uma daquelas peças do vestuário feminino criadas ou adaptadas por ela, principalmente, quando ela folheava cuidadosamente as revistas ou almanaques com uma “infinidade” de modelos.

Em nossa casa, existe um cômodo chamado de “o quarto da máquina”, onde ela acomodava com muito carinho e zelo a sua companheira de uma vida de trabalho dedicado na produção criativa das peças únicas para o vestuário feminino. Em suas raras exceções, também criava peças para o vestuário masculino.

Desse modo, ela não se importava com as horas em que passava sentada em frente da sua máquina de pedal ou de pé na frente de uma mesa de madeira apropriada para o corte dos moldes no tecido. Ela fazia o que mais amava: criar e recriar seus modelos únicos de vestuários com suas peças de tecidos multicoloridos. Cabe salientar que, com o falecimento de minha mãe, sua máquina de costura Singer original foi desmontada pelos seus herdeiros, devido à enorme infestação de insetos, inclusive de cupins instalados na madeira do gabinete e na base que sustentava as gavetas nessa máquina de costura.

Contudo, é importante termos presente nessa reflexão qual a importância dessa máquina de costura na vida de Bezinha. Ela atribuía a essa ferramenta de seu trabalho um valor sentimental inestimável. Assim, com o passar do tempo, mainha já não aguentava ficar um longo período do dia sentada devido os sintomas do bico de papagaio na coluna.

Em razão disso, ela já não utilizava com tanta frequência essa máquina de costura na confecção de peças de vestuários passou a se dedicar quase que, exclusivamente, a realização de ajustes de costura em geral, como por exemplo, nos lençóis, nas fronhas, nas capas para sofá, nas cortinas para janelas e portas dentre outros. Além disso mainha passou a se dedicar, também, à confecção de peças de

vestuários para seu uso próprio ou para os demais membros da nossa família: para mim, meu pai e meus dois irmãos.

Isso me faz recordar que um dia eu estava sentada no chão, tentando colocar a correia de couro na sua máquina de costura, pois ela precisava continuar as suas costuras e sempre reclamava, mas não dizia o motivo de detestar tanto quando essa correia de couro saía no volante no pedal.

Acredito que Mainha detestava recolocar essa correia de couro na máquina quando ela saia devido à dificuldade de manter sincronizado na colocação da referida correia os dois volantes, o menor fixado na máquina utilizado para controlar a velocidade manual e do volante maior no pedal. Diante dessa realidade ela me disse “Minha filha, eu consegui comprar essa máquina com muito sacrifício, pois tive que vender meus bodes, que meu pai tinha me dado, quando eu ainda morava na Malhada da Aroeira um povoado situado na zona rural do município de Canudos”. Ela juntou um valor de R\$ 500.000 (quinhentos mil) réis para comprar essa máquina de costura.

Para além dessa questão, cabe ressaltar um outro aspecto que considero de extrema importância conectado ao esforço, dedicação e compromisso com que mainha desenvolvia seu trabalho no corte e costura das peças dos vestuários: ela sozinha enfrentou o patriarcado e o machismo que dominava as relações sociais no município de Simões Filho.

E com a força do seu trabalho, Bezinha construiu todo o patrimônio material da nossa família. No total, foram construídas quinze residências, obedecendo à seguinte distribuição: quatro casas residenciais (incluindo a casa em que cresci e a casa dos meus avós paternos), as nove casas de aluguéis distribuídas em dois quarteirões, no bairro do Ponto de Parada, um ponto comercial onde funciona atualmente uma barbearia na mesma comunidade citada acima. Para além destas construções, mainha ainda realizou um sonho da sua adolescência de construir uma casa próxima à Igreja de Santo Antônio, no local que havia nascido, no município de Canudos.

É importante dizer que os projetos de arquitetura das casas, desde o desenho das plantas baixas até o controle e revisão destes projetos sem qualquer interferência de painho, eram idealizados por Bezinha. Além disso, ela resolveu todas as questões de licença e os processos para aquisição da documentação junto aos órgãos responsáveis na Prefeitura Municipal de Simões Filho, que legalizavam as propriedades e permitiam as construções dos imóveis no município.

Devido a essa postura de pessoa determinada, Bezinha não aceitava a interferência de painho, quiçá de qualquer outra voz masculina, por exemplo dos trabalhadores contrados por ela para realizar a construção dos imóveis, o que, de certa forma, levou mainha a sofrer na pele as várias consequências por valorizar a si mesma como uma mulher que conhecia muito da construção civil.

Bezinha me contava sempre a mesma história do quanto foi difícil concluir a construção destas casas, devido à falta de mão - de - obra, pois, em sua maioria, os trabalhadores que ela contratava para a construção destes imóveis abandonavam e quebravam o acordo da empreitada. Isso se relaciona à seguinte afirmação de bell hooks: “a ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire alguma coisa por intermédio dos homens” (hooks 2019, p. 79).

Ainda assim, Bezinha erguia sua voz e argumentava, junto aos trabalhadores que permaneciam no canteiro de obra, de maneira firme e destemida, as artimanhas machistas. E aqui cabe frisar que minha mãe inspira, com seu ato de resistência, além de me trazer o imenso orgulho e alegria de ser sua filha, mãezinha querida.

É importante dizer que Bezinha foi a primeira mulher sertaneja e mãe na nossa comunidade, e eu arrisco dizer na cidade de Simões Filho, a ter um projeto autoral na planta baixa para a construção de uma nova moradia, a sua primeira casa de alvenaria. Ressalto que na década de 1960 todas casas construídas na nossa comunidade do Ponto de Parada eram as casas de pau-a-pique.

Normalmente, essas casas tinham nas suas paredes ripas ou varas entrelaçadas e eram revestidas com barro colocado à mão. Assim, havia risco de vida nesse tipo de moradia, como o risco para a saúde, com a doença de chagas, transmitida através da picada do barbeiro, inseto que se abrigava nas rachaduras da taipa das paredes dessas casas de pau-a-pique.

Cabe mencionar que, além de proporcionar o conforto e bem-estar aos seus proprietários, essa mudança de moradia para casa de alvenaria proporcionava uma mudança no *status social* dos proprietários, considerados pelos demais moradores da comunidade como pessoas que tiraram a sorte grande, os “afortunados” na vida.

No entanto, é importante observar as mudanças nas relações entre as pessoas da comunidade devido a mudança de moradia pelos proprietários “afortunados”, expressão utilizado quando se deseja referir-se àquela pessoa que obteve melhor sorte em comparação com as outras pessoas do seu convívio social. Não pode deixar

de ser lembrada a história de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, catadora de papel, mãe de três filhos, escritora com pouca instrução, doutora *honoris causa*, considerada a primeira e mais importante, a meu ver, expoente na literatura brasileira.

Carolina de Jesus, na década de 1960, escreveu no livro *Casa de Alvenaria*, no seu diário de uma ex-favelada, que seu maior sonho era se tornar a proprietária de uma casa de alvenaria e, segundo Carolina, o nome *Casa de Alvenaria* deve ser escrito em letras maiúsculas, manifestando a importância para o favelado de possuir sua casa.

Posso então perguntar: existe alguma coincidência entre o sonho de Bezinha dos Santos em Simões Filho e Carolina de Jesus na favela em São Paulo, a Canindé? Eu digo que não, pois não se trata de encontrar uma coincidência entre os relatos dessas duas mulheres, uma negra e outra sertaneja, cada uma em seu lugar social de fala, mas nos desejos e sonhos iguais de lutarem com muita determinação e resistência contra uma estrutura social racista, sexista, machista e de gênero, para conseguirem realizar seu sonho de possuir sua casa de alvenaria.

A esse propósito, cabe citar o pensamento de Lélia Gonzalez (2020, p. 76), quando define o lugar social de fala como

O *lugar* em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós, o racismo se constitui como sintomática que caracteriza a neurose cultural *brasileira*. Nesse sentido, veremos que sua articulação que sua articulação como o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (*grifos da autora*).

É necessário sublinhar como as histórias de vida dessas duas mulheres, Bezinha dos Santos e Carolina Maria de Jesus, se entrecruzam quando elas, de maneira solitária, se manifestam com a fala e ações práticas de liberdade contrárias às diferentes formas na estrutura social de submissão e dominação nas categorias de gênero, raça, sexo e classe. Assim, “uma das narrativas contra-hegemônicas, mais poderosas, que pode levar muitos de nós ao caminho da consciência crítica, é a ideia de democracia” (hooks, 2022, p. 66).

Nessa perspectiva, a construção da primeira casa de alvenaria por uma mulher sertaneja destemida pela sua bravura e pensamento crítico ganhou uma proporção enorme no município de Simões Filho. Foi aquele “disse-me-disse”, um verdadeiro falatório e esta história chega aos ouvidos da estrutura machista e racista da cidade,

que considerou aquela atitude de Bezinha dos Santos como uma verdadeira afronta ao poder instaurado por esse sistema dominador e machista, que de forma coletiva já havia determinado, a partir da sua ótica de poder hegemônico, as normas que regularizava a construção civil neste mesmo município.

Cabe salientar que essa estrutura machista percebeu que Bezinha dos Santos não se renderia a seguir a cartilha imposta com as normas reguladoras para a construção da sua primeira casa de alvenaria, o que gerou forte descontentamento entre eles. Assim, iniciou-se uma verdadeira batalha entre a mulher sertaneja, mãe, da classe trabalhadora, e os dominadores machistas, que com suas armas em punho proibiram, logo de início, que suas esposas frequentassem ou encomendassem qualquer tipo de costura a Bezinha.

E como se não bastasse a retaliação feminina, ocorreu que os pedreiros e os ajudantes a deixavam na mão com a construção da casa, pois eles sumiam sem dar quaisquer explicações. Até ameaças de embargo da obra pelo setor responsável na Prefeitura Municipal ela recebeu. Foram momentos muitos difíceis, principalmente na manutenção econômica da nossa família. Neste sentido, bell hooks considera que

Devemos compreender que a dominação patriarcal compartilha uma base ideológica com o racismo e outras formas de opressão de grupo, que não há esperança de que seja erradicada enquanto esses sistemas permanecerem intactos(hooks,2019, p. 62).

Assim, como forma de driblar essas formas de dominação do sistema e sanar as dificuldades econômicas, Bezinha desenvolveu uma outra habilidade: a de negociante. Negociava principalmente frutas (banana, cacau, abacate, manga, pitanga, aipim e fruta pão) colhidas no quintal localizado nos fundos da nossa casa. Neste meio tempo, um senhor, compadre de minha mãe e morador da comunidade do Ponto de Parada, sensível à situação econômica que minha família vinha passando devido à retaliação instaurada pelos membros da estrutura machista, prontificou - se a ajudar na negociação dessas frutas para os moradores da comunidade e, dessa maneira, durante um bom tempo em nossa casa, minha mãe conseguiu arcar com as despesas com alimentação, com o fornecimento de energia, de água, de gás cozinha, além do pagamento da mão de obra dos pedreiros que continuariam a construção da casa de alvenaria. Para dizer a verdade, isso acontecia, quando, porventura, ela encontrava algum homem que aceitava furar o bloqueio dessa estrutura machista.

Nesse sentido, mesmo com tantas ameaças opressoras desse grupo de homens machistas na nossa comunidade, Bezinha não se intimidou e não se importava com os desafios ou com as dificuldades que surgiam diariamente para enfrentar e resolver algumas destas empreitadas. E, com muita generosidade, ela nos deixa um legado de coragem, de sabedoria, de muita ousadia e muita determinação, pois aproveitou cada uma das oportunidades de mudanças que surgiram ao longo da sua história de vida.

Dessa maneira, eu não posso deixar de registrar agora, com intensa saudades e orgulho de ser uma das testemunhas na confissão dessas memórias da história de vida de uma mulher negra sertaneja, mãe, da classe trabalhadora, destemida, que, sem nomear suas dores, lutava com muita prudência para resistir e existir na vida. Nesse sentido, “há um grande e excitante trabalho a ser feito quando usamos confissão e memória como uma forma de teorizar a experiência e aprofundar nossa conscientização como parte do processo de politização radical” (hooks 2019, p. 229).

Em razão disso, eu reconheço, na história pessoal de minha mãe Izabel Malaquias dos Santos, toda sua força na ação política e sua determinação no ato de transgredir¹⁵ as normas sociais a ela impostas cotidianamente. Bezinha não se calava, ela resistia, assim como Carolina Maria de Jesus, perante as injustiças e as dominações do machismo, do patriarcado e da xenofobia estabelecidas como regras imutáveis na estrutura social hegemônica na década de 1960, pois, na compreensão de Oyérónké Oyéwùmí (2021, p. 35), “as mulheres foram excluídas da categoria de cidadãos porque ‘a posse do pênis’ era uma das qualificações para a cidadania”.

Dessa maneira, por meio de um discurso castrador do dominador, foi possível determinar o lugar social de fala, da mulher sertaneja e mãe, de subalternização e dominação machista. Parece-me nítido de onde vem algumas raízes das desigualdades na garantia dos direitos sociais da mulher. Se ela for negra, sobretudo, já apresenta suas marcas de exclusão.

Nessa perspectiva, bell hooks (2019, p. 228) acrescenta que “repensar maneiras de utilizar a confissão e a memória construtivamente leva o foco para longe da mera nomeação da experiência de alguém”. Por esse motivo, é pertinente dizer o

¹⁵ Termo *transgredir* utilizado pela autora estadunidense bell hooks no seu livro de ensaios: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** A educação como prática da liberdade (tradução de Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. 2. ed.

quanto me sinto inspirada e encorajada, como mulher negra, a valorizar todo o conhecimento presente nas experiências do vivido das minhas ancestrais.

E assim, envolvida por este legado ancestral, devo insistir e persistir na busca da realização dos meus sonhos, no decorrer da minha trajetória de vida negra. Com o meu olhar atento no caminho, sou conduzida a seguir neste fio condutor já trilhado por minhas ancestrais, o que a meu ver exige de mim, como mulher negra, a atenção e a disciplina, no intuito de alcançar a meta almejada na realização de uma pesquisa com as egressas negras na Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano *Campus Serrinha*, mesmo sendo egressa no magistério do curso profissionalizante integrado ao Ensino Médio.

Nesse caminhar, sou inspirada por essa história “compriiiiiiida”¹⁶ que falei baixinho conectada na manifestação dos sentimentos de alegria, de nostalgia, de admiração e de apreciação a cada etapa a ser seguida por este corpo preto, nesta encruzilhada da minha escrevivência. A esse respeito, com o objetivo de aprofundar as discussões entrelaçadas nas narrativas das egressas negras na EPTNM, relacionadas às categorias de gênero, raça e etnia, optei por utilizar contribuições teóricas que enriqueceriam este estudo de pesquisa. Dessa forma, busquei construir este conhecimento a partir da apresentação de diferentes perspectivas teórico - conceituais e calcada em intelectuais negras, majoritariamente.

Em razão disso, bell hooks (2022, p.146) nos diz que “quando vem à luz qualquer história enterrada e esquecida sobre uma mulher (especialmente uma mulher de cor), há motivos para festejar”. Assim, utilizo - me dessa citação com o desejo de trazer à tona as histórias e vivências das mulheres negras, reconhecendo sua relevância e valorizando sua voz como ação de luta e resistência na coletividade.

E, por isso, com a voz firme e com bastante entusiasmo, como pesquisadora e mulher negra que sou, tomo como ponto de partida para embasar minhas reflexões nas categorias de gênero, raça e etnia, as leituras realizadas por mim nas bases teóricas, subsidiada pela fundamentação, segundo a perspectiva de intelectuais feministas negras como bell hooks (2017), Lélia Gonzalez (2020) e Oyèrónké Oyéwùmí (2021), dentre outras.

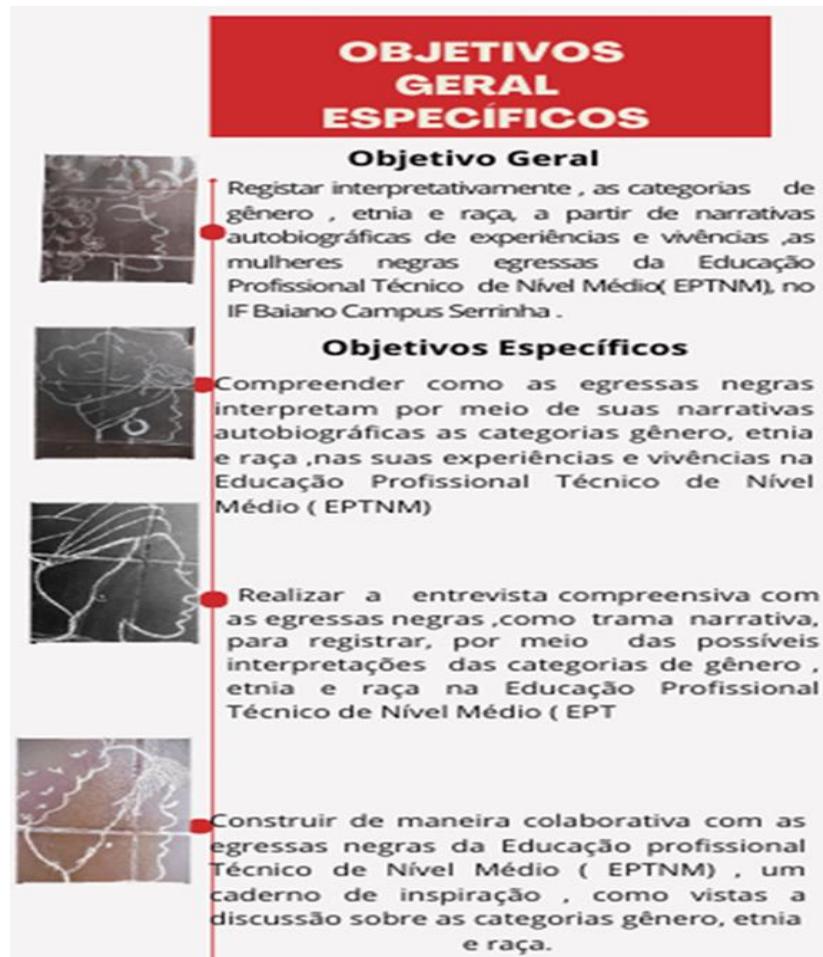
¹⁶ “Compriiiiida”. Para maiores informações, consultar o texto “Fuxicando” (GORDILHO, Viga. **O vestido fuxiqueiro:** Um conto para todas as idades. 2013, p. 14. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16734/1/o-vestido-fuxiqueiro.pdf>>>. Acesso em: ago 2023.

No que se refere aos Fundamentos da Escola do Trabalho, recorro às contribuições do autor Moisey M. Pistrak (2018). Em relação a Educação Profissional (EP), conecto-me com as reflexões da autora Marise Nogueira Ramos (2014). No que diz respeito ao método fenomenológico, proponho um diálogo com a fundamentação teórica nos pensamentos dos autores Angela Ales Bello (2006), André Dartigues (2008) e Robert Sokolowski (2014).

Além disso, é importante salientar que também utilizo neste texto as bases teóricas de outras intelectuais negras que discutem questões de gênero, etnia e raça, como Giovana Xavier (2019) e Lívia Sant'anna Vaz (2022). Essas referências se interligam com os acontecimentos práticos e sociais vivenciados no IF Baiano Campus Serrinha, que se constitui como o local para o desenvolvimento das etapas metodológicas deste estudo de pesquisa.

Em razão disso, apresento, na forma de um infográfico, a Figura1 a seguir, os objetivos gerais e específicos, como um fio condutor das primeiras reflexões na elaboração dessa investigação intitulada “**Seu limite é o céu**”: *Narrativas Autobiográficas de Egressas Negras da Educação Profissional do Instituto Federal Baiano Campus Serrinha*. Estes objetivos da pesquisa encontram-se em constante sintonia com a elaboração do Produto Educacional (PE), que consiste no Caderno de Inspirações para o ensino: Narrativas (Auto) Biográficas: Mulheridades Negras e Educação Profissional.

Figura 1: Infográfico - Objetivo(s) Geral e Específico



Fonte: Elaboração da autora (2023)

Cabe destacar que as imagens das mulheres negras utilizadas na confecção deste infográfico, na Figura 1 acima, foram desenhadas uma a uma pela artista negra Célia Araújo, que é cabeleireira especialista em cabelos crespos e cacheados, trancista, tem 38 anos, casada, mãe de dois filhos. Assim, as imagens escolhidas têm como pano de fundo os detalhes de azulejos afixados na parede do seu *Studio Natural e Bela*, localizado no Bairro de Góes Calmon, em Simões Filho. Assim, Célia se utiliza da sua inspiração artística e, com giz colorido em mãos, realiza traços firmes que ressaltam ainda mais a beleza manifestada por cada uma dessas representações femininas negras presentes nas referidas imagens, como podemos observar na Figura 1 acima.

Nesse sentido, sem perder a conexão com os objetivos traçados, por mim com as etapas que compõem a elaboração desse estudo, compartilho que parto nessa pesquisa do seguinte questionamento: de que maneira as egressas negras interpretam as categorias gênero, etnia e raça na Educação Profissional Técnico de

Nível Médio (EPTNM) no IF Baiano *Campus de Serrinha*?

Assim, com base nesta perspectiva, apresentarei no capítulo 2 o modo como foi conduzido o percurso teórico e metodológico da minha travessia como mullher negra na realização do encontro geracional com as egressas negras que passaram pela EPTNM, no IF Baiano *Campus Serrinha*.

CAPÍTULO 2: PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO ENEGRECIDO A PARTIR DE SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES

Adotar um método de pesquisa científica com referência no método fenomenológico é de suma importância para mim enquanto pesquisadora e mulher negra. A fenomenologia me possibilitou planejar as etapas que vão subsidiar a minha trajetória no desenvolvimento deste estudo investigativo. Segundo Daniel Augusto Moreira (2002, p.11), “a pesquisa científica assemelha-se a um jogo, que deve ser jogado dentro de certas regras; em parte, são essas regras que tornam delicado, e por vezes, complexo, o treinamento do pesquisador.

Assim, confiante nestes princípios, sou guiada por este fio condutor. Iniciei o processo do desenvolvimento das etapas neste estudo de investigação, na abordagem referenciada pelo marco qualitativo-reflexivo. Estas etapas estão conectadas com a coleta de dados e construção das narrativas, devido a sua importante relevância para o estudo de conteúdos vinculados às questões sociais e científicas. Com relação aos eventos vinculados às questões sociais, não posso deixar de considerar, ainda outra questão vivenciada por mim na trajetória deste Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica no ProfEPT.

Rememoro que, quando iniciei a escrita do meu projeto de pesquisa, que resultou na construção desta dissertação, a população mundial estava passando por momentos de muita insegurança devido aos altos índices pandêmicos atribuídos ao novo Coronavírus (COVID-19) e suas variantes, como a ômicron.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa variante possui uma disseminação muito rápida. Assim, diante da situação epidemiológica apresentada, conforme a Tabela1 a seguir, apresento os dados compilados dos casos notificados e acumulados da COVID-19 nos anos 2020, 2021, 2022 e 2023, no Brasil, Bahia, Simões Filho e Serrinha (adaptados do Boletim Epidemiológico Eletrônico da COVID-19- Brasil Casos e Óbitos Ministério da Saúde), atualizado de 01/01/23 a 07/10/23¹⁷.

Dessa maneira, diante dos impactos causados, durante a pandemia, no setor educacional brasileiro, sobretudo, em se tratando da interrelação da pesquisadora com as participantes da pesquisa, considero importante apresentar e demonstrar, no Quadro 1 a seguir, os dados compilados para compreendermos como a referida

¹⁷Maiores informações, consultar COVID-19 no Brasil. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 14 out 2023

situação epidemiológica impactou no desenvolvimento desta pesquisa com as egressas negras da EPTNM:

Quadro 1: Casos de COVID-19- em 2020, 2021, 2022 e 2023.

CASOS NOTIFICADOS				CASOS ACUMULADOS			
BRASIL	BAHIA	SIMÕES FILHO	SERRI-NHA	BRASIL	BAHIA	SIMÕES FILHO	SERRI-NHA
210.167	11.287	26	183	7.657.973	493.400	2.916	5.470
52.895	1.270.858	26	64	22.287.521	6.054	9.547	18.361
210.930	6.287	18	26	36.331.281	1.769.063	11.803	25.099
22.007	145	0	0	37.849.919	1.807.104	12.076	25.494

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Nesse sentido, mesmo que esses encontros tenham ocorrido na modalidade virtual, é preciso considerar que esta pesquisa se constituiu a partir de uma dinâmica desafiadora e provocadora, ao ponto de descortinar o entrecruzamento das experiências do vivido entre a pesquisadora e as pesquisadas da EPTNM. Digo isso porque não custa lembrar que o encontro geracional se dá com mulheres negras contando e recontando suas experiências de vida por meio das suas narrativas (auto)biográficas. Corroborando com o pensamento supracitado Moreira (2002, p. 50) afirma o seguinte:

O pesquisador, sob tal enfoque, vai interpretar o mundo real a partir das perspectivas subjetivas dos próprios sujeitos sob estudo. É preciso que o pesquisador, de forma cuidadosa, tente sentir dentro de si mesmo a experiência do sujeito.

Nessa perspectiva, é evidente a importância de fundamentar as etapas deste estudo de investigação no fortalecimento das relações entre a pesquisadora negra e as egressas negras que são participantes desta pesquisa. É fundamental considerar

as experiências de vida dessas mulheres negras em seus respectivos lugares sociais de fala. Desse modo, elaborei tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos, conforme apresentado no Infográfico no capítulo 1 (ver Figura 1), com a intenção de que eles sirvam como uma bússola para me guiar nesse estudo de pesquisa.

Esses objetivos são fundamentais para conduzir e direcionar a escuta sensível as narrativas do vivido pelas egressas negras a partir de um movimento dinâmico, participativo e colaborativo, sempre respeitando a subjetividade das sujeitas negras participantes da pesquisa.

Além disso, foi realizado um chamamento para a escuta narrativa de outras vozes negras da comunidade escolar na EPTNM. Por exemplo, o nosso Griô Capilla, ativista do Movimento Negro e Sindical do território do Sisal, relatou em sua entrevista a importância de articular as políticas públicas de ações afirmativas no IF Baiano Campus Serrinha, com a comunidade estudantil de meninas e mulheres negras no Território do Sisal, em Serrinha. Isso está de acordo com bell hooks (2019, p. 52), quando afirma o seguinte:

Para conhecer nosso público, para saber quem ouve, precisamos estar em diálogo. Devemos falar com, e não somente falar para. Ao ouvir as respostas, começamos a compreender as nossas palavras agem para resistir, transformar, mudar.

Sendo assim, sigo as orientações da autora citada acima sobre a importância de utilizar o ato da fala como um gesto de resistência e mudança em meu lugar social de fala. Pensando em estabelecer e fortalecer os laços de solidariedade com as pensadoras feministas, me sinto motivada a sistematizar algumas categorias refletidas pelas intelectuais negras bell hooks¹⁸, Lélia Gonzalez e Oyérónké Oyéwùmí. Assim, busco, antes de tudo, priorizar de maneira significativa as contribuições presentes no pensamento destas intelectuais, que são importantes guias de referência teórica para o embasamento nas categorias predicativas como trabalho, raça, mulheridade e feminismo; categorias essas manifestadas quando foi retirada todas as camadas de possibilidades pelo sentido e me permitiu identificar um fenômeno nas essências durante a realização da minha Redução Eidética, um recurso do método fenomenológico¹⁹. Elas estão devidamente distribuídas em figuras

¹⁸ Utilizo-me do nome da escritora bell hooks, em caixa baixa mesmo, como uma forma de reconhecimento e de valorização atribuída ao seu legado ancestral quando autora utiliza-se desse pseudônimo para homenagear a sua avó materna.HOOKS,bell.**Olhares Negros: raça e representação**: tradução de Stephanie Borges, São Paulo: Elefante, 2019, p. 349.

¹⁹ Retorno, mas especificamente, na questão no tópico 2.3. Construção das Narrativas: Um desafio ¹⁹

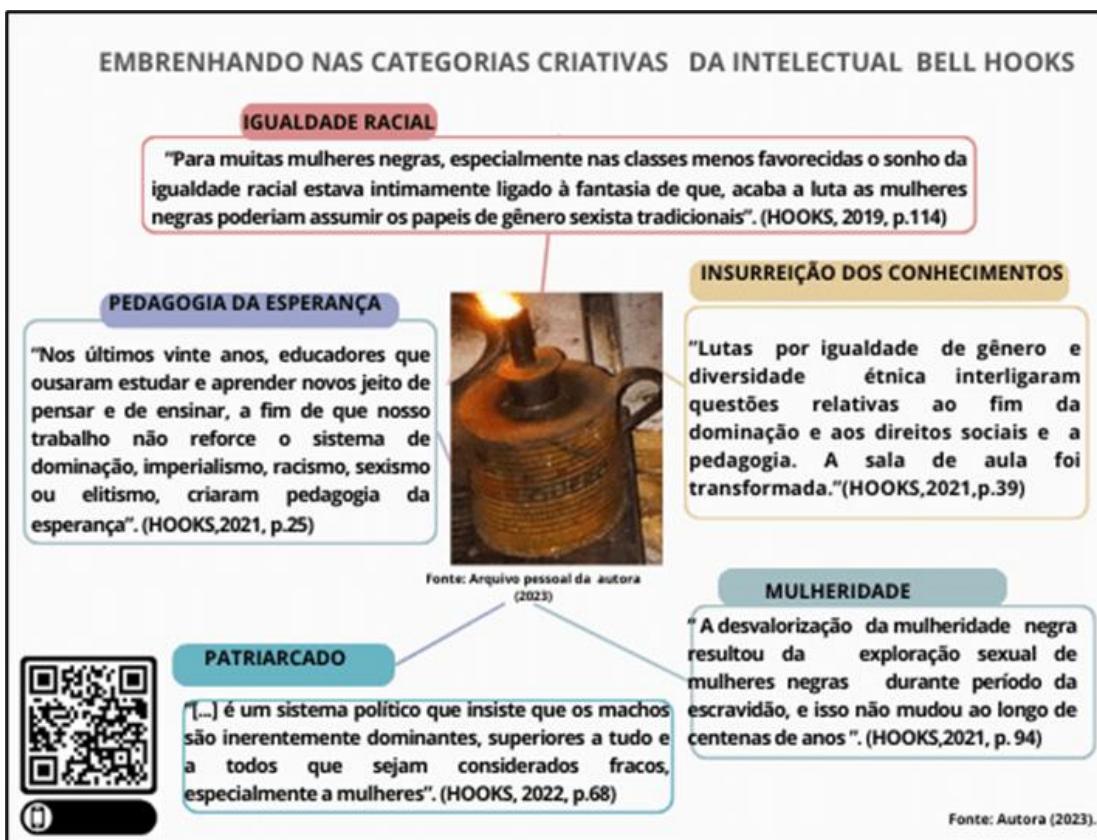
numeradas de 2 até 9 abaixo.

Assim, no intuito de percorrer estas conexões dinâmicas e dialógicas, apoiada nas referências teóricas do pensamento¹⁹ destas intelectuais supracitadas, sou conduzida a me embrenhar nestas categorias criativas. No centro destas figuras, há a presença do candeeiro, que representa a minha dedicação e foco na ideia! Ele (o candeeiro) está próximo! Está em minhas mãos! Da mesma forma que essas mulheres negras trazem suas narrativas para perto, não para longe. Por isso, percebo a ação pulsante em dois movimentos simultâneos: o entrelaçamento e a soma no pensamento dessas intelectuais mencionadas. Em primeiro lugar, investigo como ocorre o entrelaçamento mutuamente nas categorias criativas das autoras. Em segundo lugar, observo que, mesmo elas seguindo os caminhos diferentes e distintos na condução do seu pensamento intelectual para conceber cada uma das suas categorias criativas, ainda assim, ao final, é possível perceber que essas categorias se somam, mesmo sendo apresentadas de maneira distintas por hooks, Gonzalez e Oyēwùmí, conforme mostra a Figura 2 a seguir:

Utilizo-me do nome da escritora bell hooks, em caixa baixa mesmo, como uma forma de reconhecimento e de valorização atribuída ao seu legado ancestral quando autora utiliza-se desse pseudônimo para homenagear a sua avó materna.HOOKS,bell.**Olhares Negros: raça e representação**: tradução de Stephanie Borges, São Paulo: Elefante, 2019, p. 349.

¹⁹ Retorno, mas especificamente, na questão no tópico 2.3. Construção das Narrativas: Um desafio na Imersão.

Figura 2: Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual bell hooks



Fonte : Elaboração da autora (2023)

Convém observar que, no caso de bell hooks, faz-se necessário criar mais de uma figura, porque eu trago as referências distintas nas obras dela num total de seis livros. Assim, para melhor distribuir sistematicamente estas categorias criativas, elaborei três figuras como o nome de hooks. Para além disso, elaborei ainda mais quatro figuras, para distribuir sistematicamente as categorias criativas das autoras Lélia Gonzalez e de Oyèrónké Oyěwùmí, conforme veremos a seguir:

Figura 3 : Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual Lélia Gonzalez

EMBRENHANDO NAS CATEGORIAS CRIATIVAS DA INTELECTUAL LÉLIA GONZALEZ

ESCOLAS SEGREDADAS

"Enquanto isso, as crianças negras que vão à escolas sofrem os estigmas do pecado de serem negras, pois o discurso pedagógico as submete a diferentes maneiras envergonharem de si mesma." (GONZALEZ,2020. p.182)

DIVISÃO RACIAL DO TRABALHO

"Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social." (GONZALEZ,2020, p.96)

AMEFRICANIDADE

"[...]caracterizamos o termo amefricanas /ameficanos como nomeação de todos os descendentes dos africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América antes de seu "descobrimento" por Colombo" (GONZALEZ,2020, p.265)

IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

"[...] se constitui como pano de fundo dos discursos que exaltam o processo da miscigenação como expressão acabada de nossa "democracia racial". (GONZALEZ,2020, p.33)



MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

"[...]enquanto modo de representação /discurso que encobre a trágica realidade vividas pelo negro no Brasil ".(GONZALEZ,2020, p.38)

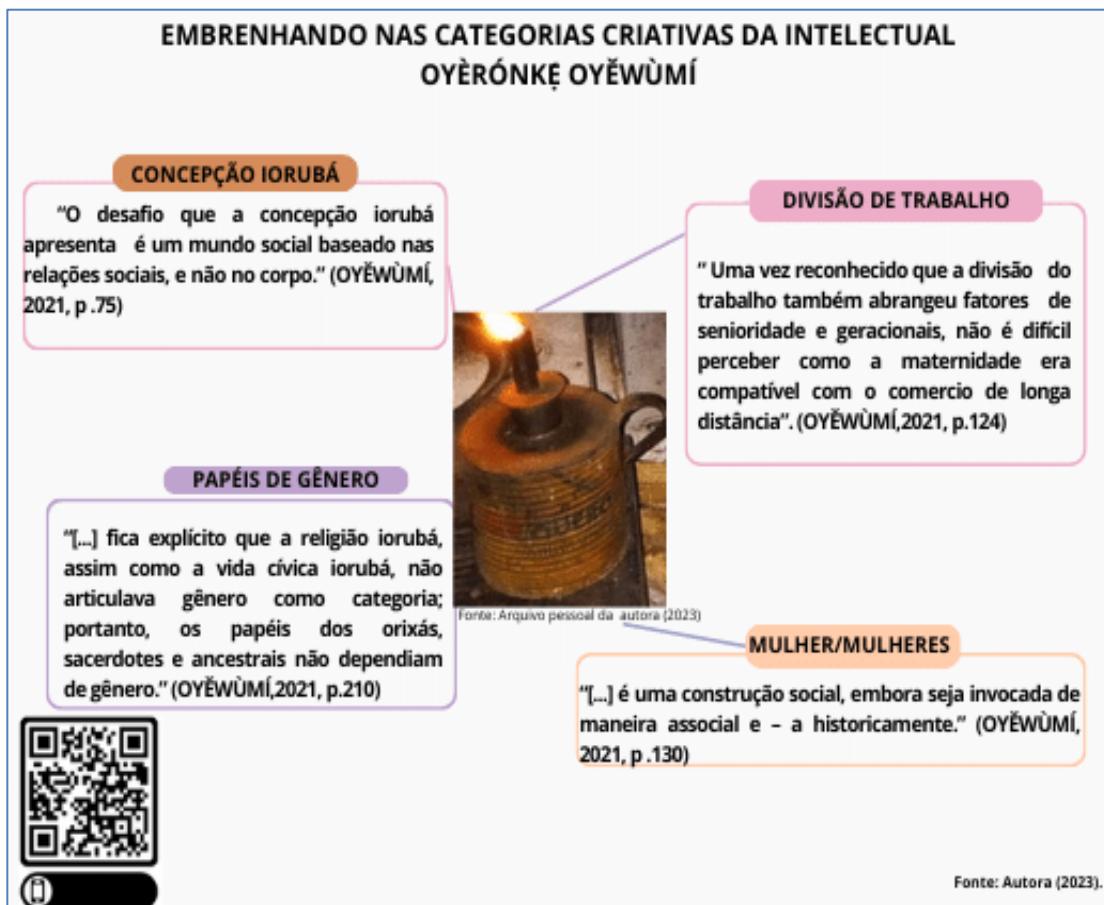
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

Fonte: Autora (2023).

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Então, onde ocorrem os entrelaçamentos entre as autoras bell hooks e Lélia Gonzalez? E onde elas se somam? Por exemplo, há um entrelaçamento entre a categoria criativa Mito da democracia racial da autora Gonzalez e na categoria criativa Igualdade Racial da autora hooks. Digo isso porque é possível perceber que autora hooks aborda a ideia de raça de forma proativa e positiva, conforme a Figura 2, acima, enquanto a autora Gonzalez traz uma narrativa racial que é precedida em provocar um diálogo que possa valorizar o reconhecimento na construção da identidade negra como forma de insurgências sociais, conforme a Figura 3 acima.

Figura 4: Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual Oyérónké Oyéwùmí



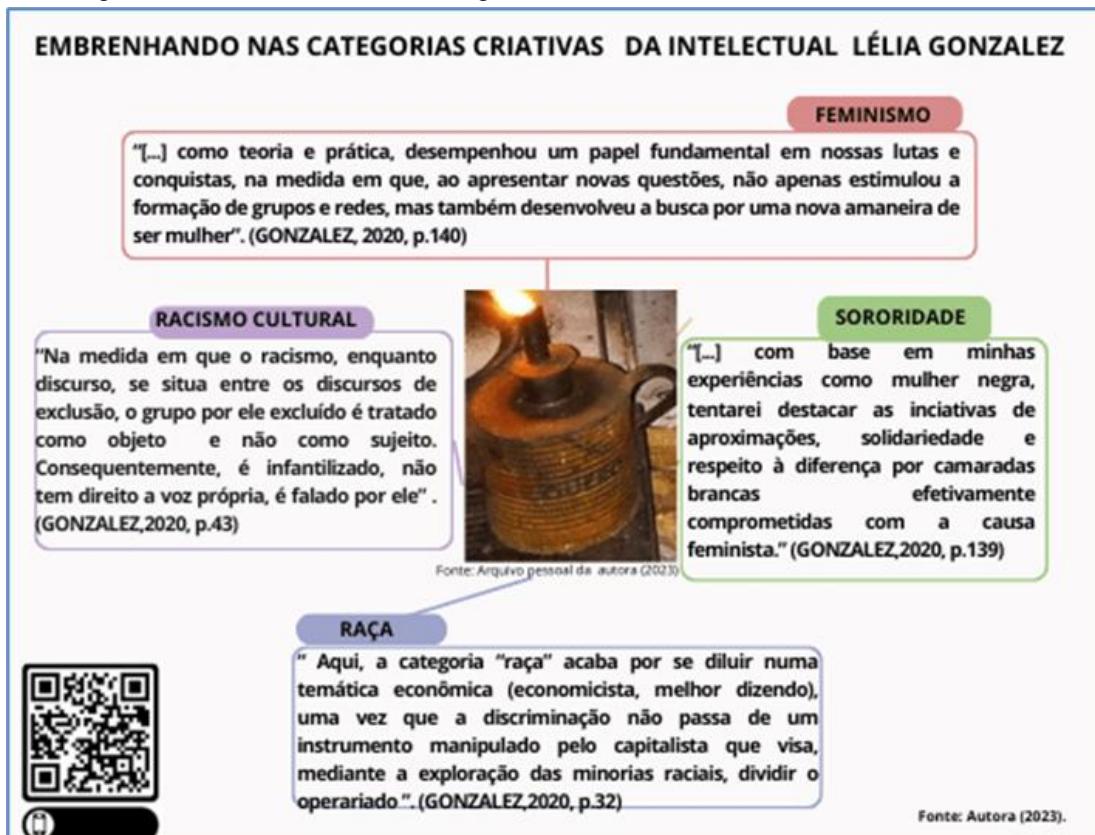
Fonte: Elaboração da autora (2023)

Para Oyérónké Oyéwùmí, a categoria criativa feminismo não é concebida na mesma direção do pensamento das autoras hooks e Gonzalez. Isso se dá em virtude de Oyéwùmí nos apresentar uma reflexão apoiada nos pilares da cultura Iorubá, que valoriza a concepção do corpo em detrimento da divisão de sexo (homem e mulher). Cabe salientar que mesmo Oyéwùmí percorrendo caminhos diferentes nas suas reflexões acerca da ideia de gênero, ainda assim, percebo um entrelaçamento entre as três autoras supracitadas quanto à formulação do pensamento desta categoria criativa do feminismo, conforme Figura 4, acima.

É importante notar que, para a categoria criativa Divisão de Trabalho, a autora Oyéwùmí aborda a ideia de profissão, a partir de três pilares fundamentais, que são a senioridade, a linhagem e a questão geracional, presentes na concepção da estrutura de trabalho na cultura Iorubá, conforme Figura 4 acima e Figura 7 a seguir. No caso da autora Gonzalez, esta apresenta a mesma categoria Divisão de Trabalho citado pela autora Oyéwùmí. E onde as autoras se entrelaçam? Na ideia apresentada

sobre a desigualdade social da classe trabalhadora negra, conforme a Figura 3 acima. Dessa forma, é possível perceber que as ideias das duas autoras citadas acima se entrelaçam e somam em diferentes aspectos na abordagem.

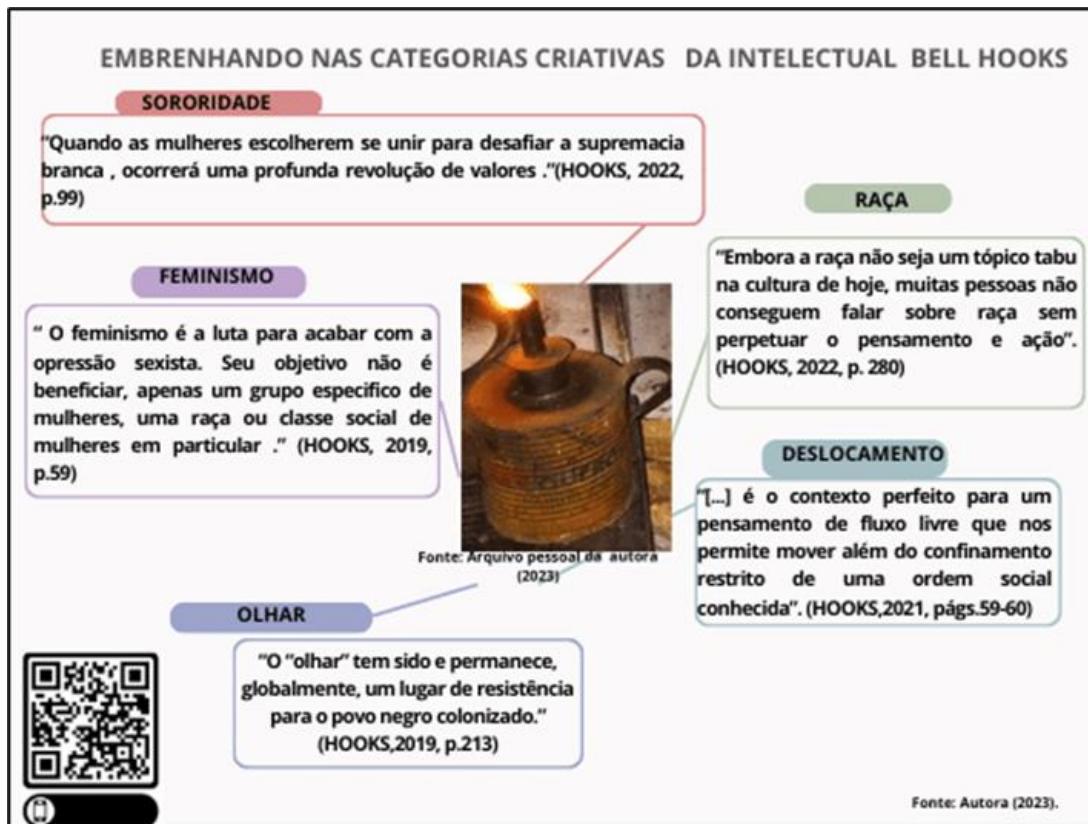
Figura 5: Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual Lélia Gonzalez



Fonte: Elaboração da autora (2023)

Como foi visto em Oyéwùmí, na Figura 2, a respeito da categoria criativa do feminismo, trago agora um outro exemplo de entreleçamento e soma entre as reflexões das duas autoras, Gonzalez e hooks. E onde elas se somam? Repare que ambas autoras chamam a atenção para a fundamental garantia dos direitos feministas negros. Isso pode ser observado quando a autora Gonzalez conclama, na sua narrativa, a necessidade da união de força para a resistência e a luta na conquista dos direitos feministas, fortalecida pelo/no protagonismo da mulher negra, conforme a Figura 5 acima. A autora hooks considera, em sua narrativa, as intenções do movimento feminista como importante espaço na conquista de direitos, invocando o exercício da empatia e do companheirismo entre as mulheres negras, conforme a Figura 6 a seguir:

Figura 6: Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual bell hook



Fonte: Elaboração da autora (2023)

Assim, é possível perceber que a autora bell hooks aborda a ideia da educação como ação propositiva por um ensino de qualidade, conforme Figura 9 a seguir. No entanto, a autora Lélia Gonzalez, por sua vez, sua narrativa envocando a necessidade de fortalecer o protagonismo do negro na escola, como mostrado na Figura 3 acima. Com um pensamento desnaturalizado para categoria de gênero, a autora Oyèrónké Oyéwùmí reconhece a necessidade de promover diferentes iniciativas de inclusão educacional, sobretudo para as mulheres, conforme Figura 7 a seguir .

E onde as três autoras se somam? Por exemplo, no conceito da categoria criativa de mulheridade, as autoras bell hooks (Figura 2 acima), Lélia Gonzalez (Figura 8 a seguir) e Oyèrónké Oyéwùmí (Figura 7 a seguir), apesar de escolherem caminhos diferentes para apresentar suas reflexões sobre essa categoria, elas se aproximam, com o objetivo comum de valorizar a representatividade, de modo a quebrar a barreira que invisibiliza a criação de laços coletivos como prática de liberdade.

Figura 8: Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual Lélia Gonzalez

EMBRENHANDO NAS CATEGORIAS CRIATIVAS DA INTELECTUAL LÉLIA GONZALEZ

FORÇA DE TRABALHO NEGRA

"[...] o desenvolvimento econômico brasileiro, enquanto desigual e combinado, manteve a força de trabalho negra na condição de massa marginal, em termos de capitalismo industrial monopolista, e de exército de reserva, em termos de capitalismo industrial competitivo (satelitizado pelo setor hegemônico do monopólio)". (GONZALEZ,2020, p.96)

EDUCAÇÃO

"[...] articulações ideológicas adotadas pelas escolas, nossas crianças são induzidas a acreditar que ser homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado. Em contraste, eles são também induzidos a considerar que ser mulher negra e pobre é um dos piores males." (GONZALEZ, 2020, p.160)

RACISMO

"[...] como uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial ". (GONZALEZ,2020, p.55)

MULHERIDADE

"Esta questão é de caráter ético e político. Se estamos comprometidas com um projeto de transformação social, não podemos ser conviventes com posturas ideológicas de exclusão, que só privilegiam um aspecto da realidade por nós vivida". (GONZALEZ,2020, p.270)

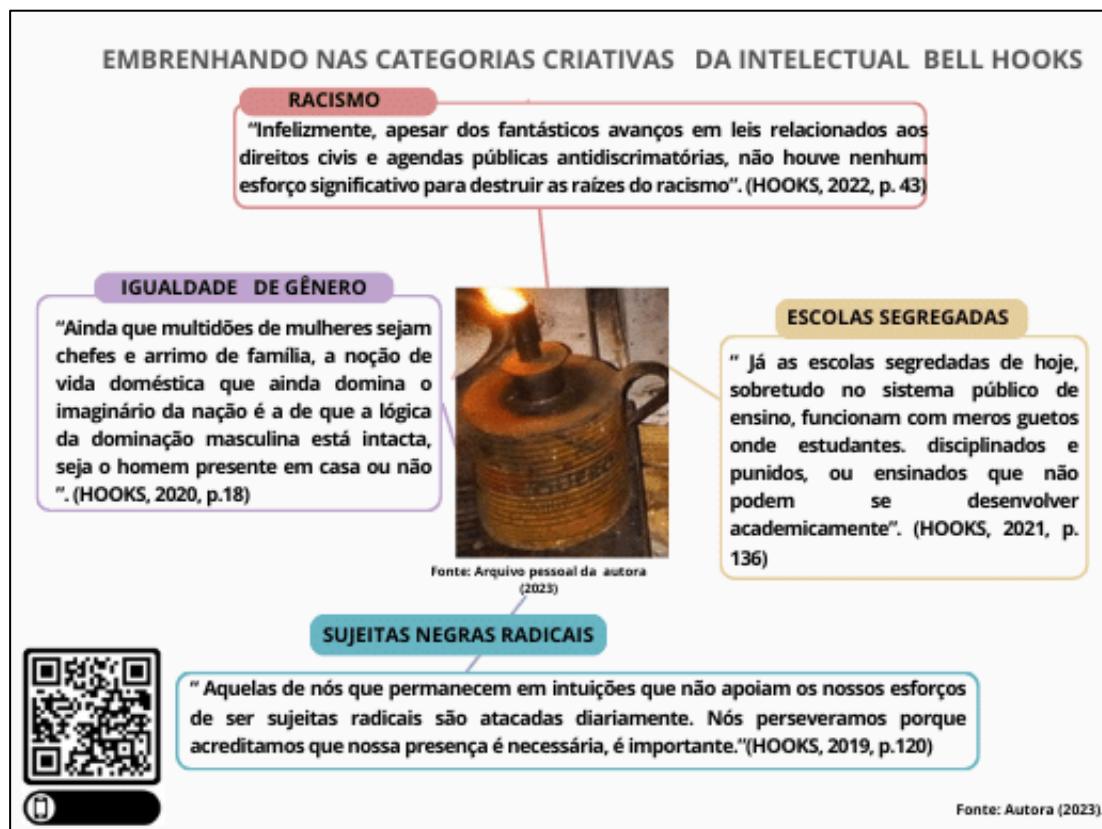
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

Fonte: Autora (2023).

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Nesse caminhar, é possível perceber que o pensamento das autoras bell hooks e Lélia Gonzalez se entrelaçam na abordagem da categoria Sororidade. E se somam quando? No momento em que elas trazem na sua narrativa a necessidade de unirmos as vozes negras, evocando o sentido genuíno na solidariedade e da irmandade contra os processos impostos pela estrutura da sociedade, como a exclusão social e a dominação hegemônica que invisibiliza nossa condição feminina negra (conforme as Figuras 5 e 6 acima). Assim, é possível observar na narrativa destas autora citadas acima um entrelaçamento, quando elas manifestam o pensamento proativo na construção ideológica na abordagem da categoria criativa do Racismo. Em função disso, elas se somam no desejo mais visível de criar formas de sororidade real e necessária na resistência e luta nas artimanhas das ações racista, conforme a Figura 8 acima e Figura 9, a seguir:

Figura 9: Embrenhando nas Categorias Criativas da Intelectual bell hooks



Não tenho nenhuma dúvida de que a solidariedade e a coletividade negra são inspirações fundamentais para o meu aquilombamento. Então, chegou a hora. Vamos nos aquilombar mulherada? Vamos nos aquilombar em conexão tanto com as contribuições teóricas presentes nas categorias criativas destas três mulheres negras citadas acima, na valorização das experiências vividas pelas egressas negras que passaram pela Educação Técnico Profissional de Nível Médio (EPTNM), as participantes desta pesquisa.

Sem mais delongas, digo que, no tópico a seguir, vou contar como desbravei o caminho para chegar no Território do Sisal, em Serrinha e fui completamente atravessada como mulher negra e pesquisadora pelo magnífico encontro Geracional.

2.1 DESBRAVANDO O CAMINHO A PARTIR DE UM ENCONTRO GERACIONAL

O caminho foi traçado, a bagagem foi arrumada, mas confesso que a expectativa continuava tomando conta de mim como mulher negra. Sentia uma mistura de emoções que me deixava bastante inquieta, devido às várias questões que permeavam meu imaginário. Por exemplo: o desafio de pesquisar egressas negras da Educação Técnico Profissional de Ensino (EPTNM), sendo eu mesma professora da educação básica na rede municipal de ensino. Outra questão que me afetava intensamente era a diferença dos contextos entre o momento vivenciado por mim na minha formação profissional no curso do magistério, com o momento vivenciado pelas as egressas negras na EPTNM .

Confesso que esses sentimentos de medo começaram a tomar conta do meu corpo preto e ameaçavam a qualidade da minha escuta, o que comprometia minha capacidade de receber apoio e solidariedade das pessoas ao meu redor que poderiam me encorajar a enfrentar meu maior medo no primeiro encontro com as egressas negras.

Segundo hooks, no ato de superar nosso medo da fala, de sermos vistas como ameaçadoras, no processo de aprendizagem de falar como sujeitas, participamos da luta global para acabar com a dominação (hooks, 2019, p. 55). Acredito que a luta contra o processo de dominação deve ser diária, pois (tiro por experiência própria) este sentimento de medo me dominava e me neutralizava, lembro-me como se fosse hoje, quando realizei o primeiro contato com as egressas negras.

Neste sentido, não consigo conter a emoção ao lembrar! Cheguei ao ponto de não parar de falar com as pessoas no meu dia a dia sobre a realização desse encontro, um momento único em minha trajetória de vida, um verdadeiro encontro geracional. Isso significa, de acordo com a visão de hooks que, ao compartilhar as contradições em nossas vidas, ajudamos umas às outras a aprender como lidar com as contradições como parte do processo de se tornar uma pensadora crítica, uma sujeita radical (hooks, 2019, p. 119).

Em consequência disso, assumo o meu protagonismo como sujeita radical e busco rememorar os detalhes desses encontros com as egressas negras. Sou tomada por uma forte sensação de ser guardiã das experiências vividas, com a responsabilidade de garantir a continuidade e o reconhecimento desse legado entre as gerações de meninas mulheres negras, assim como eu.

Por essa razão, compartilho com você, leitora, que ainda não conhece as nove egressas negras, pois não apresentei seus nomes até o momento. No entanto, é importante ressaltar que, seguindo as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (CEP/UNEB) Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016, não foi possível trazer as identificações das egressas negras, nesta apresentação.

Por esse motivo, sou inspirada pelo legado ancestral que me conecta com os saberes e experiências de vida destas mulheres negras que são homenageadas na pesquisa com seus respectivos nomes e sobrenomes. Inclusive, como forma de demonstrar a importância da valorização deste legado, passo a me chamar, a partir de agora, de Zeferina Malaquias dos Santos Sororidade, como responsável por manter a sororiedade com o meu *gueto feminino negro*, materializado nos nomes descritos no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Formação na Educação Técnico Profissional de Nível Médio-EPTNM

Egressas Negras	Idade	Ano Ingresso	Ano Término	Cursos (EPTNM)
Maria Beatriz Nascimento Coragem	46 anos	2016	2018	Agropecuária
Bezinha dos Santos Coragem	37 anos	2016	2022	Agropecuária
Maria Felipa de Oliveira Conquista	47 anos	2016	2021	Agropecuária
Dandara de Palmares Gratidão e Saudades	30 anos	2016	2022	Agroindústria
Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre	40 anos	2016	2019	Agroindústria
Maria Bernadete Pacífico Gratidão Sempre	46 anos	2018	2021	Agroindústria
Elidineide dos Santos Resilência	24 anos	2016	2018	Agroecologia
Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço, Reconhecimento	22 anos	2016	2018	Agroecologia
Carolina de Jesus Gratidão	23 anos	2016	2018	Agroecologia

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Diante do exposto, cabe dizer que o nome de Maria Beatriz Nascimento Coragem se refere à intelectual sergipana Maria Beatriz Nascimento²⁰, a qual foi pesquisadora, escritora e militante no movimento negro, na vida acadêmica, com o pensamento firmado nas questões antirracistas. Já o nome Bezinha dos Santos se refere ao apelido da canundense Izabel Malaquias do Santos, minha mãe, que foi modista, catequista, palestrante, que gerenciava obras na construção civil e liderava as ações sociais na comunidade.

O nome Maria Felipa de Oliveira Conquista se refere à guerreira itapariciana Maria Felipa de Oliveira²¹, que foi marisqueira, pescadora, capoeirista e trabalhadora braçal. Atuou na linha de frente, na resistência de Itaparica, e pela libertação da dominação portuguesa no Recôncavo da Bahia.

O nome Dandara de Palmares Gratidão e Saudades se refere à quilombola Alagoana Dandara de Palmares²², a qual foi mãe, trabalhadora braçal e líder guerreira dos palmeiristas na luta contra os portugueses. E o nome de Maria Firmina dos Reis Gratidão se refere à intelectual maranhense Maria Firmina do Reis²³, que foi professora folclorista, poetisa, compositora, escritora do romance *Úrsula* (1859) e defensora da abolição.

Já o nome Maria Bernadete Pacífico Gratidão Sempre se refere à quilombola soteropolitana, a valorixá Maria Bernadete Pacífico (*in memoriam*), a qual foi mãe, assistente social, professora e líder guerreira, brutalmente assassinada na luta e resistência dos quilombolas de Pitanga de Palmares, em Caipora-Ba.

O nome de Elidineide dos Santos Resiliência se refere à intelectual Elidineide Maria dos Santos (*in memoriam*), alagoinhense, que foi mãe, professora, pesquisadora, mestrande do ProfEPT, e que lutava em defesa dos direitos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O nome Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço, Reconhecimento se refere ao apelido da simoesfilhense Maria da Cruz Conceição (*in memoriam*), minha avó paterna, parteira, benzadeira, lavadeira, vendedora de quitutes e marisqueira.

²⁰ Maiores informações em: <<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1422-beatriz-nascimento>>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

²¹Maiores informações em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62353785>>. Acesso em: 05 jan 2023.

²² Maiores informações em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historia/dandara-dos-palmares>> Acesso em : 05 jan. 2023.

²³ Maiores informações em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>> Acesso em : 05 jan. 2023.

E por fim, o nome Carolina de Jesus Gratidão se refere à intelectual mineira Carolina Maria de Jesus²⁴, a qual foi mãe, favelada, catadora de matérias recicláveis, lavadeira, poetisa, escritora, com pouca escolaridade, de vários livros, como *Quarto de Despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961).

Desse modo, a distribuição dos nomes aparece da seguinte maneira: cinco nomes de personalidades femininas negras brasileiras, dois nomes em homenagem às minhas ancestrais, mãe (*in memoriam*) e avó paterna (*in memoriam*), um nome em homenagem a uma colega de turma do Mestrado do ProfEPT (*in memoriam*) e um nome em homenagem a uma líder quilombola de Simões Filho (*in memoriam*). Adicionalmente, aos nomes e sobrenomes no Quadro 2 acima, acrescento também um adjetivo como forma de dar visibilidade e potencializar o legado destas mulheres negras participantes da pesquisa.

No decorrer das entrevistas individuais realizadas com as egressas negras, elas escolheram uma palavra que defizesse, atualmente, sua passagem pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio (EPTNM). Cabe dizer, também, que a divulgação dos adjetivos escolhidos, por cada uma delas, aconteceu na etapa de validação do Produto Educacional. Digo isso porque, coincidentemente, fui surpreendida com a duplicidade em dois adjetivos (Gratidão Sempre e Coragem).

Assim para exercermos nosso poder em nosso lugar de fala como mulheres negras, considero importante registrar o sobrenome das homenageadas, devido a todo o processo de apagamento da história das mulheres negras, que também ocorre por meio dos sobrenomes. O sobrenome traz consigo a ideia de parentesco e a identidade marcada pelo registro civil. Por exemplo, meu sobrenome é Santos, indica que sou parente de outro Santos, que é meu vizinho.

Para além dessa questão, mantendo as orientações do CEP/UNEB de preservar o sigilo dos nomes das egressas, em conformidade com as determinações estabelecidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual são mencionados os requisitos éticos de anonimato, confiabilidade e participação voluntária, de acordo com as resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016.

Neste sentido, ressalto que, embora compreenda as orientações éticas do

²⁴ Maiores informações disponíveis em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso: 05. jan. 2023.

CEP/UNEB em preservar o sigilo do nome, sobrenome e endereço das participantes deste estudo de pesquisa, tenho plena consciência da minha responsabilidade como pesquisadora e mulher negra de conduzir minha escrita neste texto dissertativo, protegendo as identificações pessoais dessas egressas negras, que representam um legado importante de suas memórias construídas nas experiências vividas durante a EPTNM.

Além disso, conforme Delgado (2006, p. 43) explica,

A comunidade acadêmica, preocupada com a transmissão das heranças do passado que possam servir como esteios para o futuro, tem buscado criar alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o que passou e o que ficou.

Outro aspecto complementar presente na transmissão desse legado de experiências vividas pelas egressas negras na EPTNM é o senso de coletividade geracional, que acontece a partir das trocas de saberes e práticas realizadas de maneira recíproca entre as pesquisadas e a pesquisadora. Sokolowski (2014, p. 53) afirma que “o mundo é a configuração última para nós mesmos e para todas as coisas que experienciamos. O mundo é o concreto e o todo atual de nossa experiência.”

Assim, não posso negar que esse movimento entre o concreto e o real, que se manifesta de maneira intensa durante o processo de escuta sensível das narrativas das egressas negras para a construção das suas narrativas (auto)biográficas contribuem não só na troca de saberes e práticas ancestrais, como também no fortalecimento do sentido de sororidade no nosso lugar social de fala.

É importante dizer que, como minha pesquisa se insere na Linha 2: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica – EPT, considero importante dizer que, neste *Campus* de Serrinha, existe um Núcleo de Estudo Afro-brasileiro e Indígena (NEABI), que vai de alguma forma entremear o meu olhar como mulher negra e pesquisadora com as experiências destas egressas nas discussões importantes de políticas educacionais para a implementação de ações para a Educação das relações Étnico-Raciais nas dependências do IF Baiano; além da parceria com representantes da comunidade externa, como o movimento feminista negro, que vem potencializando as ações coletivas junto a comunidade local com a realização de várias atividades com as palestras, os seminários e as rodas de conversas, dentre outras atividades, relacionadas às temáticas citadas acima, para informar e conscientizar as mulheres negras no Território do Sisal.

Outro aspecto a se considerar nesse movimento de partilha é o quanto fui motivada por todos os membros participantes do grupo de pesquisa “Entre Colchetes – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Profissional e Fenomenologia”, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano.

Desde os primeiros desejos e intenções, bem como as inquietações sobre a proposta deste estudo de pesquisa, recordo-me que, ainda na fase embrionária da elaboração do projeto, fui agraciada por uma intensa manifestação de solidariedade e colaboração mútua entre os participantes desse coletivo de pesquisa, especialmente, os colegas participantes do Entre Colchetes, que são funcionários lotados no Campus do IF Baiano Serrinha e exercem as funções de Coordenador Geral e Técnico Administrativo em Educação (TAE), os quais, de pronto, se dispuseram a contribuir no que fosse necessário para a minha imersão no Campus. E, como andarilha que sou, eu desloco meu corpo preto de um lugar para o outro nas dependências do IF Baiano e vou, pouco a pouco, trilhando os caminhos da minha pesquisa.

2.2 TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

O intuito desta pesquisa é potencializar as discussões sobre o respeito às diferenças e o pluralismo cultural na construção do conhecimento e de saberes relacionados às vivências dessas mulheres em seus lugares de fala. Isso porque não devemos esquecer que “a cultura dominadora quer que não tenhamos a linguagem para expressar completamente a beleza e o poder da diversidade” (hooks²⁵, 2022, p. 232).

Assim, diante do exposto, percebo a necessidade do meu corpo preto ser tocado e impulsionado a vivenciar outras experiências culturais, ambientais, profissionais e educativas, dentre outras, a partir da minha primeira imersão no IF Baiano Campus Serrinha, local da pesquisa, que faz parte do Território de Identidade do Sisal, conforme a Imagem 6 do prédio a seguir:

²⁵ Utilizo-me do nome da escritora bell hooks em caixa baixa mesmo, como uma forma de reconhecimento e de valorização atribuída ao seu legado ancestral, quando a autora se utiliza desse pseudônimo para homenagear a sua avó materna (HOOKS, bell. **Olhares Negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019, p. 349).

Imagen 6: Prédio do IF Baiano Campus Serrinha



Fonte: <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/serrinha/page_fullposts/>. Acesso em: 14 out 2023.

Adoto como local para realizar a pesquisa o IF Baiano *Campus Serrinha*. O campus está localizado na Estrada Vicinal de Aparecida S/N, Aparecida, e faz parte do território de Identidade do Sisal. Distante 185,4 km da capital do Estado, atualmente este Campus oferece os seguintes cursos: Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino²⁶, Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio Médio, Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio (Projeja), Técnico em Agropecuária Subsequente ao Ensino Médio. Com exceção do curso de alimentos, os demais cursos foram selecionados, pois atendem aos critérios de inclusão das estudantes egressas negras na pesquisa.

Cabe salientar ainda que o *Campus* do IF Baiano oferece os seguintes cursos: Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas e a Licenciatura em Ciências Biológicas, Pós-graduação *Lato Sensu* em Inovação Social, com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia, Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo, Pós-graduação *Lato Sensu* em Alfabetização e Letramento, Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Profissional e Tecnológica e Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais. Para além destes cursos, o *Campus* oferta, também, três cursos na modalidade EaD: Curso Técnico em Vendas, Curso Técnico em Multimeios e Curso Técnico em Secretaria Escolar.

²⁶ O curso técnico em alimentos iniciou em 2021, por essa razão não atende ao critério de inclusão das estudantes negras na pesquisa.

Dentro desse novo cenário de novidades e diversidades em que o IF Baiano Campus Serrinha me impulsiona e me toca como mulher negra e pesquisadora, não deu outra, tive que realizar um planejamento prévio e, juntamente com meu orientador, Professor Dr. Davi Silva da Costa, elaboramos uma proposta do meu itinerário para a minha primeira viagem de imersão no *Campus Serrinha*. Sem perder de vista as experiências vividas pelas egressas negras durante a sua passagem pela Educação Técnico de Nível Médio (EPTNM), incluímos algumas das etapas consideradas importantes para o desenvolvimento da pesquisa, conforme a Figura 10 a seguir:

Figura 10: Imersão IF Baiano Território do Sisal -Serrinha



Fonte : Elaboração da autora (2023).

Como ponto de partida, sem necessidade de uma bússola para contribuir como guia em minha rota durante todo o trajeto em direção ao *Campus do IF Baiano* na cidade de Serrinha, levo minhas expectativas e desejos. Devido à realização da primeira imersão neste Território do Sisal, tudo para mim foi novo. Digo isso porque

não considero a cidade de Serrinha tão distante da cidade em que resido, Simões Filho. O deslocamento estimado é de duas horas e quinze minutos de carro próprio. Caso opte por utilizar o ônibus, o tempo de deslocamento é maior devido às várias paradas realizados pelo ônibus até chegar à rodoviária da cidade.

Ainda assim, não tinha a menor noção de como seria minha imersão no IF Baiano. Nesse percurso rumo ao desconhecido, busquei não pensar muito nas inquietações que vez ou outra surgiam em minha mente. Por exemplo, se eu seria questionada por alguma pessoa que encontrasse nas dependências do IF Baiano – pessoal de apoio da limpeza, professores e TAE – sobre os motivos de realizar meu estudo de pesquisa naquele *campus* específico.

Embora tenha recebido, anteriormente, manifestações de acolhimento e atitudes solidárias por parte de alguns funcionários do IF Baiano *Campus Serrinha*, durante os encontros do grupo de pesquisa Entre Colchetes, o medo tomava conta do meu corpo e transmitia uma sensação única de incertezas e confusões. Cheguei a sentir aquele “friozinho na barriga”.

Isso ocorreu porque não considerei essa viagem para a primeira imersão no campo da pesquisa semelhante a uma das viagens que costumo fazer durante minhas férias do trabalho. Ao contrário disso, clamei pela proteção das minhas ancestrais e de Exu para abrir meu caminhos. Assim, segui as pistas no mapeamento da minha rota e me joguei para desbravar o novo, pois, como lembra hooks²⁷ (2019, p. 306), “para viajar, devo sempre me mover em meio ao medo, confrontar o terror”.

Ainda movida por algumas inquietações, dei continuidade à viagem, admirando toda a beleza da caatinga, que pouco a pouco se apresenta aos meus olhos, à medida que avançamos no percurso. Chego na entrada da cidade de Serrinha e, quando percebo uma pequena comunidade recortada com uma estrada de chão revestida com plantas típicas da região do Sisal, como aroeira, licuri, língua-de-vaca, melancia de praia, bem-me-quer, barriguda, umbuzeiro, dentre outras que embelezavam aquele vasto caminho de terra batida que guiava meu olhar na direção de um enorme prédio branco no topo de um morro imponente.

²⁷ Utilizo-me do nome da escritora bell hooks em caixa baixa mesmo, como uma forma de reconhecimento e de valorização atribuída ao seu legado ancestral, quando a autora se utiliza desse pseudônimo para homenagear a sua avó materna. HOOKS, bell. **Olhares Negros:** raça e representação. Tradução de Stephanie Borges, São Paulo: Elefante, 2019, p. 349.

Cheguei! Foi a primeira palavra que me veio à mente. E, sussurrando, falei para mim mesma: é ali, naquele prédio branco com detalhes vermelhos em sua fachada, que inicio uma nova fase na trajetória da minha vida. Como primeiros vestígios, absorvo o cheiro, assim que toco nas paredes e me movimento no IF Baiano *Campus Serrinha*, no Território do Sisal.

Nesse momento, lembro-me da entrevista concedida pela egressa negra Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, quando ela relatou o momento em que no IF Baiano *Campus Serrinha*, sentiu a necessidade de refletir sobre as categorias que envolvem gênero, etnia e raça. Ela afirma o seguinte:

"[ah] o tempo todo [ênfase na fala] o tempo todo porque o IF ele é um espaço maravilhoso em qualidade de ensino [eh] a qualidade do ensino do IF é completamente diferenciado por ter um quadro completo de professores com doutorado, são especialistas mesmo em suas áreas, contribuem bastante, não tem falta de aulas, vou falando pra todo mundo, até as mães dos meus alunos pra que elas também se enxerguem dentro do IF Baiano; [eh] tem um detalhe, quando a gente vai [ênfase na fala] pontuar essas questões de gênero, raça e etnia, o IF ainda [pausa] deixa muito a desejar. Se a gente não tá ali no pé, cobrando o tempo todo pra que tenha uma intervenção, pra que tenha uma atividade voltada pra isso [ênfase na fala]" (Entrevista concedida por Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, 2022).

A fala de Dandara, ressalta a importância de valorizar as narrativas (auto)biográficas das egressas negras como um momento de lembranças e resistências, ao ponto de potencializar suas experiências do vivido na sua passagem pela EPTNM no IF Baiano *Campus de Serrinha*, isso porque, “o ato de falar é uma forma de a mulher chegar ao poder, contar nossas histórias, compartilhar a história, envolver-se na discussão feminista” (hooks 2019, p. 265).

Nessa perspectiva, guiada pelo fio da memória, compartilho a seguir minhas reflexões a respeito da fundamentação teórica do método fenomenológico, que contribuiu de maneira efetiva na construção das narrativas dos dados coletados na pesquisa, pois “sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser adequado” (Moreira, 2002, p. 60).

Assim, inspirada nos pressupostos do método fenomenológico, compartilho no tópico a seguir a construção das narrativas, a partir de um movimento dinâmico a ser guiado pelas experiências vivenciadas por cada uma das egressas negras que passaram pela EPTNM.

2.3 CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS: DESAFIO DA IMERSÃO NA ESCRIVIVÊNCIA

Para pensar o processo de aproximação e reflexão com a (auto)biografia das egressas negras preciso me conectar com o método fenomenológico. Conforme sinaliza Robert Sokolowski (2014, p. 24), “a fenomenologia nos permite reconhecer e restaurar o mundo que pareceu ter sido perdido quando estávamos bloqueados em nosso próprio mundo interno por confusões filosóficas.

Com isso, a fenomenologia nos possibilita reapprender o mundo na relação do ser no mundo, absorvido pela consciência que o constitui. Isso significa dizer que o ser humano se torna o centro no processo de seu conhecimento. Em razão disso, a investigação fenomenológica tem como base as experiências do mundo vivido, desveladas a partir da representação única da pesquisa como objeto de compreensão maior que a explicação. Isso demarca o lugar do método fenomenológico, pois ele possui seu caminho próprio em relação ao tempo vivido e ao tempo experienciado, conectados em um movimento dinâmico no ato de pensar e agir entre a pesquisadora e as egressas negras, para o desenvolvimento das etapas da pesquisa.

Sem perder de vista este movimento dinâmico, sigo corajosamente atenta no caminho e realizo o primeiro contato com as egressas negras do IF Baiano *Campus Serrinha* participantes da pesquisa para darmos início à construção das narrativas (auto)biográficas e, por não conhecê-las pessoalmente, solicitei o auxílio de um ex-professor destas estudantes negras no IF Baiano *Campus Serrinha*. E foi assim que meu orientador se tornou um importante intermediário disponibilizando alguns contatos telefônicos destas estudantes negras.

Inicialmente, ele me concedeu dois contatos telefônicos de duas egressas negras, uma do curso Técnico em Agroecologia e a outra do curso Técnico em Agropecuária. Em seguida, ele me encaminhou o terceiro contato, desta vez foi de uma egressa do curso Técnico de Agroindústria e, de posse desses contatos telefônicos, enviei uma mensagem, via *Whatsapp*, com o convite que explicou sobre o meu objeto da pesquisa, além de perguntar se elas aceitavam participar da pesquisa, pois eu vislumbrava seguir o caminho da técnica do *snowball*.

Na compreensão de Juliana Vinutto, o *snowball*, conhecido como bola de neve, é uma técnica de amostragem que se apresenta como uma boa opção para o estudo de grupos de difícil acesso. Além disso, possui um caráter de amostra não

probabilística, ou seja, há uma intenção implícita na escolha dos elementos que orientam o resultado, bem como na determinação das participantes da pesquisa. Assim, contribuindo com o pensamento da autora citada acima sobre a metodologia da técnica *snowball*, a intelectual negra Joseane da Conceição Pereira Costa (2021, p. 47-48) explica que:

A técnica consiste basicamente em contatar “sementes” (também denominados de informantes-chave), os quais têm conhecimento ou participam da comunidade e, assim, podem indicar outras pessoas de suas relações sociais ou afetivas para participarem da pesquisa.

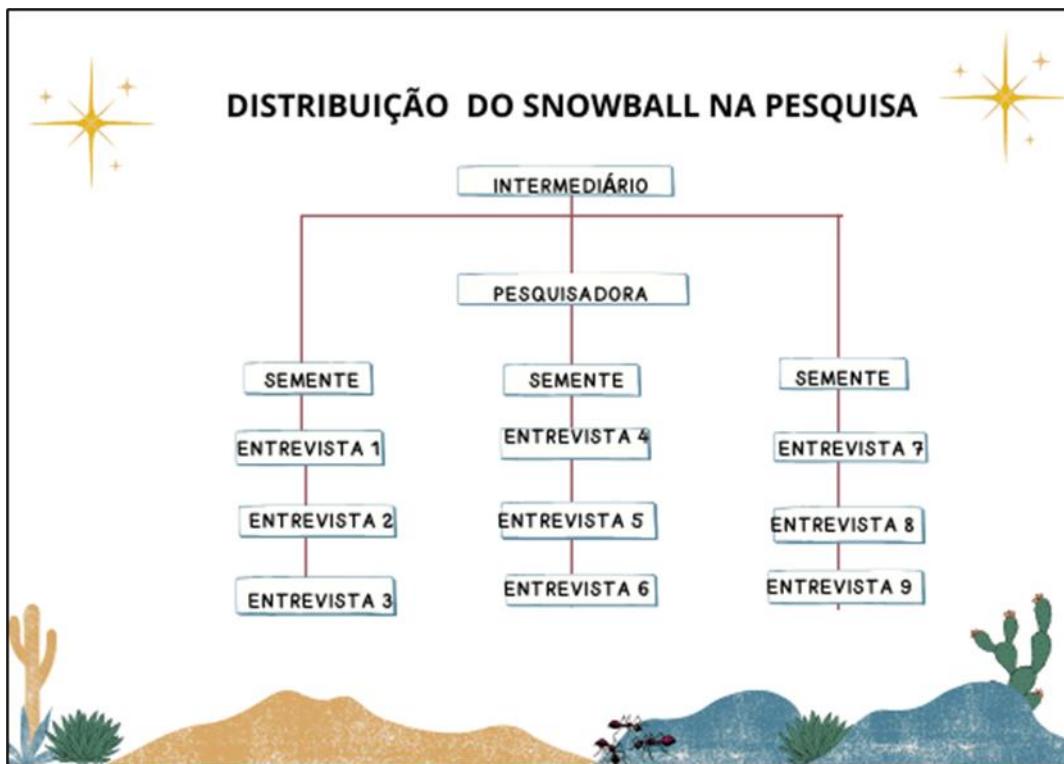
Assim, eu digo que aé utilizar essa técnica significa antes de mais nada privilegiar o lugar social de fala das egressas negras com vista ao fortalecimento dos vínculos geracionais e da reciprocidade entre a pesquisadora e essas sujeitas negras participantes da pesquisa, pois, conforme Kaufmann (2013, p. 36), “a entrevista, enquanto suporte de exploração, é um instrumento flexível nas mãos de um pesquisador atraído pela riqueza do material que está descobrindo”.

É importante ressaltar que, no meu caso, as três sementes (informantes - chave) também foram entrevistadas e se tornaram participantes da pesquisa, conforme Figura 11, abaixo. Dito isso, dei continuidade à bola de neve, solicitando às três sementes indicações na sua rede de contatos de estudantes da sua turma ou de outras turmas no IF Baiano *Campus Serrinha*, que atendessem aos seguintes critérios previsto no TCLE (conforme Apêndice B): ser mulher, negra e egressa da EPTNM, nos cursos cursos de Agroecologia, Agroindústria e Agropecuária.

Dessa forma, foi indicada por cada uma das sementes entrevistadas o contato telefônico de uma colega da turma que atendia aos critérios de inclusão na pesquisa, em acordo com o previsto no TCLE. E assim, depois de realizar o contato telefônico com as três egressas negras do curso de Agroecologia, Agropecuária e Agroindústria indicadas pelas três sementes, após a realização das entrevistas, houve a validação das egressas negras como participantes da pesquisa.

Em seguida, elas indicaram mais três contatos telefônicos de colegas da própria turma que atendiam aos critérios para inclusão na pesquisa, e , após a realização das entrevistas, foram validadas como participantes. E foi assim que conduzi o desenvolvimento metodológico na técnica do *snowball*, com um total de nove informantes entrevistadas para a construção das narrativas das egressas negras, conforme Figura 11 a seguir, com a distribuição do *snowball* na pesquisa:

Figura 11: Distribuição do *snowball* na pesquisa



Fonte: Elaboração da autora (2023)

E por falar em construção das narrativas em meio aos desafios na imersão, atendo-me neste caminhar a todos os detalhes durante a minha escuta sensível, no aqui e agora, na presença destas mulheres negras egressas da EPTNM quando levantam a sua voz para ecoarem em alto e bom som o seu protagonismo e fala sobre as suas experiências de vida, pois “nossas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação – em resistência. A linguagem é também um lugar de luta” (hooks, 2019, p. 74).

Antes de prosseguirmos, leitora, eu preciso abrir um parêntese para compartilhar que, mesmo assumindo minha posição privilegiada na observação direta das entrevistadas para a construção das (auto)biografias, a partir das narrativas destas mulheres negras, confesso que foi muito difícil conduzir as entrevistas logo de início. A meu ver, foi devido à forte semelhança presente nas experiências vividas por essas mulheres negras no Território do Sisal com situações que passei na minha trajetória de vida em Simões Filho.

Por essa razão, foi muito difícil segurar a emoção. Isso me fez lembrar do conceito de entropatia, definido pela intelectual Angela Ales Bello (2006, p.63), que nos diz o seguinte: “sinto a existência de outro ser humano como eu, portanto, uma apreensão da semelhança imediata”. Dessa forma, a dinâmica estabelecida no ato de sentir proporcionou-me compreender o quanto estou conectada como mulher negra e pesquisadora com estas experiências vividas relatadas pelas egressas negras.

Repare que o sentimento de semelhança ocorre no tempo cronológico em que a epifania acontece, no ano de 2022, o que me leva a crer que sim, nossas experiências de vida se entrecruzam como mulheres negras que somos, por meio de uma identificação imediata, de modo que posso dizer “nós”. E onde acontece este entracuzamento nas experiências entre a pesquisadora e as egressas negras? Bem, a meu ver, quando fui completamente envolvida como mulher negra e pesquisadora pela potência presente na fala destas mulheres negras que trazem consigo o desejo de fortalecer a construção da sua identidade negra.

Isso só confirma que a escolha da técnica da entrevista comprehensiva não ocorre por acaso. Ao contrário do que se pensa, as entrevistas, sobretudo as comprehensivas, se constituem como um importante fio condutor que demarca um percurso para uma nova aprendizagem e troca de conhecimentos no processo de condução das entrevistas, que foram conduzidas de maneira fluida e espontânea.

Dessa forma, com a conclusão desta etapa das entrevistas comprehensivas com as egressas negras participantes da pesquisa, chegou o momento de realizar a transcrição das gravações, que compõe a próxima etapa de sistematização dos dados coletados no campo da pesquisa para a realização da redução eidética.

2.3.1 INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DAS EGRESSAS

Acredito que muito provavelmente você, que está lendo este texto, já tenha ouvido em algum momento da sua vida o seguinte ditado popular: “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”. Pois bem, cara leitora, minha situação começa a desandar quando percebo que a realização das transcrições das gravações das entrevistas não seria tão fácil e prática como eu esperava.

Agora, imagine, leitora: Como alguém consegue transcrever as gravações realizadas com as participantes da pesquisa em apenas duas semanas? Eu confirmo que, pelo menos para mim, isso foi impraticável. Em primeiro lugar, devido à

abundância de material coletado durante a aplicação das entrevistas compreensivas com as egressas negras no campo da pesquisa. E em segundo lugar, não menos importante, devido ao extenso volume dos registros gravados durante a realização das entrevistas compreensivas com as participantes da pesquisa.

Mesmo preocupada com os prazos definidos pelo orientador, Prof.Dr. Davi Silva da Costa, para a conclusão das transcrições, que eram um requisito importante para a realização daproxima etapa da redução eidética, eu ainda assim não solicitei ajuda externa. Isso porque comprehendia a importância de transcrever esses registros confiados a mim como pesquisadora e mulher negra pelas egressas negras.

Essas entrevistas constituíam-se como verdadeiras marcas subjetivas na luta e resistência em suas trajetórias de vida. Assim, adotei meu próprio estilo para as transcrições das entrevistas, que consistia em uma escuta sensível e concentrada dos trechos das falas em cada gravação, enquanto simultaneamente realizava a digitação no documento editável.

Em relação aos dados coletados por meio dos referidos instrumentos metodológicos nesta pesquisa, precisava chegar à fase de aplicar a técnica da redução eidética. Essa escolha se deve à possibilidade de apresentar as conexões entre as ações humanas e sua realidade, com o objetivo de descrevê-la tal como se apresenta em sua experiência pura, sem o propósito de explicá-la.

A redução eidética, na compreensão de Angela Ales Bello (2006, p. 23) “o sentido das coisas, deixando de lado tudo aquilo que não é o sentido do que queremos compreender e buscamos, principalmente, o sentido”. Dessa forma, considero que tudo faz sentido e nada é por acaso. Inclusive, vivi um momento único de aprendizagem ao participar do desenvolvimento das etapas na redução eidética.

No primeiro dia, em um total de três, com início às 8:00hs da manhã e previsão de término às 20:00hs, tive a oportunidade de participar dessa experiência. Além de mim, como pesquisadora negra, estavam presentes, durante esses três dias de encontro, o orientador,o Prof. Dr. Davi Silva da Costa, as intelectuais e pesquisadoras negras Geicilene Rodrigues dos Santos e Viani Soares da Silva, que também estavam realizando suas reduções eidéticas.

Cabe dizer que se torna importante a presença de outras pesquisadoras na realização da redução eidética, pois, segundo o mediador do encontro, o orientador Prof. Dr. Davi Silva da Costa, isso ocorre porque ajuda a esvaziar as intenções preconcebidas, uma vez que somos, acima de tudo, estruturalistas na produção acadêmica²⁸.

Assim, dadas as boas-vindas a todas as participantes do encontro, o professor Davi assumiu o papel de um grande maestro, usando sua batuta para que pudéssemos visualizar melhor as estratégias a serem seguidas. Logo de início, fomos alertadas por ele de que não existe uma estratégia própria para a redução eidética que servisse como referência para desenvolvêrmos os recursos do método fenomenológico.

Dessa forma, seríamos guiadas pelas estratégias elaboradas por ele em comunhão com suas ex-orientandas, agora mestras, Gleice Miranda, Joseane Costa, Eliane Nascimento, Rosimeire Lima e o ex-orientando, o mestre Adilton Gomes, durante a realização de suas próprias reduções em anos anteriores.

Nessa perspectiva, utilizaremos como ponto de partida duas estratégias. Em primeiro lugar, fizemos o uso das nossas vivências com as sujeitas participantes da pesquisa, obtidas por meio do contato no campo da pesquisa. Em segundo lugar, utilizamos as anotações realizadas durante a realização das entrevistas comprehensivas, que serão responsáveis por conduzir essas etapas durante a redução eidética.

Bem, minha gente, cheguei no primeiro encontro completamente cheia de intenções e conceitos, acreditem! Confesso que por alguns minutos fiquei envolvida com a convicção de que as etapas da redução eidética seriam realizadas em uma única manhã, pois já tinha em mente o objeto de pesquisa que desejava explorar. Imaginava que o encontro seria intenso, com trocas de conhecimento entre os participantes, e que conseguiríamos concluir todas as etapas em apenas um dia. Ledo engano, minha gente!

²⁸ Conceito coletado pela pesquisadora no primeiro encontro, na realização das etapas da Redução Edética, em 16 de janeiro de 2023.

E vou explicar por que me enganei: primeiro, o maestro, Prof. Davi, nos convidou a refletirmos sobre a necessidade de buscar atribuições de sentido para que um fenômeno se manifeste. Para isso, era preciso deixar de percepções, conceitos e conclusões que nos pareciam óbvios em nossa realidade, ou mesmo em questões socialmente desgastadas, como o racismo.

Cabe mencionar ainda que seguindo as orientações do Prof. Davi, não realizei leituras prévias sobre questões como gênero e raça, e lembro-me nitidamente que, antes da realização da redução eidética, eu tinha várias inquietações sobre a construção do meu referencial teórico, a tal ponto que, em todos os encontros de orientações, perguntava insistente mente se não teríamos alguma indicação de leitura teórica. Dotado de muita paciência, meu orientador, como um verdadeiro maestro, orquestrava nossas inquietações e sempre nos dizia que aguardássemos a redução eidética.

E assim, enquanto aguardava a redução eidética, fui instigada pelo orientador a realizar a leitura do livro *A entrevista Compreensiva: Um guia para pesquisa de campo*, de 2013, do autor Jean-Claude Kaufmann, que inclusive nos alerta, a partir do seu pensamento, que não é possível admitir a teoria antes de realizarmos a pesquisa de campo.

Assim, em consonância com as reflexões do autor citado, comprehendo, por experiência própria, vivida no movimento dos desenvolvimentos das etapas à minha redução, que não devo confirmar a teoria no campo, mas é esse contato com o campo que me garante a confirmação da teoria. É interessante dizer que essa orientação no pensamento de Kaufmann alinha-se com a proposta fenomenológica que “visa descobrir como as coisas e a mente tem de ser para a descoberta tomar lugar” (Sokolowski, 2014, p. 196).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Kaufmann (2013, p. 119-120) acrescenta que “a fabricação da teoria não é, portanto, apenas o objetivo final, ela representa um instrumento muito concreto de trabalho, que permite ir além do conteúdo aparente e dar volume ao objeto”. E assim aconteceu. Aguardei tranquilamente a realização das etapas da redução eidética para construir toda a base teórica que fundamenta a pesquisa. Além disso, conforme Moreira (2002, p. 103), o método fenomenológico

É um método “pessoal”, em que o dado é aprendido direta e unicamente pelo fenomenólogo, que deve então se libertar de teorias, pressuposições ou hipóteses explicativas. A apreensão do fenômeno deve dar-se em primeira mão.

Nessa concepção, entendo que a condução da fenomenologia na pesquisa, não foi um processo tão simples como imaginei, sobretudo na compreensão de como devia conduzir a intuição eidética. Socialmente falando, estamos acostumados com as coisas que se propagam e são validadas no senso comum, tanto que, na literatura, ainda há uma carência enorme de pensadores que ousaram pensar e agir fora da caixa, projetando-se a partir do que “poderia ser”.

Ao abordar essa dualidade entre a variação imaginativa e a intuição eidética no campo da filosofia, muitas vezes enfrentamos críticas, justamente porque a intuição eidética é amplamente utilizada e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e na permanência do campo, juntamente com as áreas educacionais e de desenvolvimento humano. Assim, a filosofia reforça questões que já foram esquecidas ou estão em desuso, faz-nos pensar sobre elas e ativar um olhar crítico sobre tudo.

Diante de tantos avanços, surge a pergunta: por que é necessário sempre retornar às mesmas coisas? Para responder essa pergunta direciono o meu olhar no sentido de que “primeiro, porque, a despeito de sua obviedade, algumas pessoas as negam”, e segundo “é humanamente gratificante tornar-se consciente de necessidades eidéticas” (Sokolowski, 2014, p. 193).

Nesse sentido, a intuição eidética não pode se basear apenas na percepção pura, pois, nesse caso, as conclusões estariam fundamentadas no que é imaginável *versus* a real possibilidade. Podemos encontrar vários exemplos na história em que houve um certo exagero no desenvolvimento de projeções e o resultado foi a marginalização desses pensamentos, exatamente por estarem fora de qualquer realidade possível e imaginável.

É claro que falar e tratar de questões imaginativas ou empíricas incorre no risco de erros, pois, como afirma Sokolowski (2014, p. 194-195),

Nem sempre temos êxito em nossas intuições eidéticas. Podemos pensar que temos uma quando não temos. Nossa tentativa pode não dar certo. Podemos passar do limite. Podemos imaginar algo novo e pensar que temos revelado algo necessário sobre a coisa em questão, mas podemos estar enganados: podemos ter escorregado para a pura fantasia sem essências.

Desse modo, quando os erros acontecem, eles podem ser corrigidos. E aqui surge a pergunta: como corrigir esses erros? Sokolowski (2014, p.195) sugere o seguinte: “[...] falando com outros sobre eles, imaginando contraexemplos, e, mais do que tudo, vendo como nossas propostas eidéticas correspondem aos universais empíricos que temos identificado antes de alcançar o eidético”.

Essa é a proposta da redução eidética, que parte do princípio de que as coisas são como são. Sua principal função é desenvolver um olhar projetivo em relação a todas as coisas, a fim de suscitar situações inicialmente consideradas sem sentido, que servem como ponto de partida para o que chamamos de “pensar fora da caixa”, pois “para captar a fronteira, devemos estar fora, conceber algo além dela ou não veríamos a fronteira”. (Bello, 2006, p.98).

Assim, compartilho como aconteceu comigo este movimento de olhar além das fronteiras determinadas no meu campo de visão, que considero como um momento genuíno de total liberdade para imaginar como o objeto tomado se manifestava para a mulher negra e pesquisadora. Em outras palavras, significa dizer o que já qualificamos acima do “pensar forada caixa”, conforme imagem 7, a seguir:

Imagen 7: “Pensar fora da caixa”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Há de se considerar que, ao realizarmos esse movimento de “pensar fora da caixa”, desperta em mim a necessidade de colocar em suspensão o conhecimento das coisas do mundo exterior na busca daquilo que é humano em sua essência, que a fenomenologia procura sentir, perceber e acolher. A esse respeito, Angela Ales Bello considera que “isso significa que há correntes de consciência que nos dizem que nossos atos são importantes, mas são limitados, e que existe algo que nos transcende, e que o conhecimento dessa transcendência está em nós” (Bello, 2006, p. 98).

Em consequência disso, percebo o quanto o contato com o método fenomenológico contribuiu de maneira significativa na minha condição humana, ao ponto de me atravessar e me provocar uma nova forma de olhar e pensar a natureza das coisas em toda a sua realidade.

Com base nesta perspectiva, traço um percurso metodológico que seja capaz de mediar o desenvolvimento das etapas na redução eidética. Alinhada com as propostas do método fenomenológico, apresento a seguir uma descrição resumida do passo a passo elaborado, conforme o proposto por Joseane da Conceição Pereira Costa (2021, p. 59):

Etapa 1: Leitura geral das transcrições, Etapa 2: Descriminação de noemas, Etapa 3: Releitura de cada transcrição com a identificação de noesis com foco em cada noema separadamente, Etapa 4: Integração e explicitação do conteúdo das unidades de sentido considerando o fenômeno investigado e noesis encontradas e a Etapa 5: Vinculação das unidades de sentido em conjuntos de essências que caracterizam a estrutura do fenômeno.

Assim, seguindo o fio condutor da intencionalidade, compartilho como foi a minha experiência na imersão como mulher negra e participante no desenvolvimento das etapas no recurso do método fenomenológico: a redução eidética. Cabe salientar que optei por utilizar a palavra “movimento” aqui para transmitir a ideia de como os corpos dos pesquisadores negros presentes na ação reflexiva, durante a realização da redução eidética, se movem de um lugar para outro, buscando o essencial para fazer o mundo parecer como ele é, apoiado nas essências de um fenômeno.

Dessa forma, iniciamos com o primeiro movimento, que compreende a escolha de uma das nove transcrições das entrevistas comprehensivas realizadas com egressas negras da EPTNM. Em seguida, foi realizado o rito da leitura em voz alta, com o objetivo de promover, naqueles presentes, incluindo nosso orientador e as pesquisadoras presentes no momento, uma maior aproximação imaginativa de cada momento das informações sobre as experiências vividas pela egressa negra ao

passar pela EPTNM.

Esses momentos foram concluídos com a leitura da transcrição da entrevista. Na continuidade, passamos para o segundo movimento, denominado de “colorir o texto”, que, basicamente, consiste em marcar com cores diferentes os possíveis objetos que se referem aos atos da consciência. Ou seja, são o início do sentido, pois, “nós os consideramos não simplesmente coisas, mas como ‘coisas sendo intencionadas’. Isto é, nós os consideramos como noemas” (Sokolowski, 2014, p. 203).

Como os noemas são as ideias que se manifestam aos nossos olhos, neste momento de busca atenta no texto, não foi possível estabelecer nenhuma relação entre eles e as perguntas feitas como intenção de pesquisa no roteiro da entrevista comprehensiva.

Dito isso, em seguida, como bem nos lembra Joseane Costa (2021), o terceiro movimento consiste na releitura de cada transcrição com a identificação de *noesis*, com foco em cada noema separadamente. Essa releitura ocorre de forma individual, em que o pesquisador participante utiliza o bloco de transcrições realizadas com as sujeitas informantes da pesquisa. Partindo desta noção, Dartigues (2008, p. 23) afirma o seguinte:

[...] com o nome de *nóese* a atividade da consciência e como o nome de *nóema* o objeto constituído por essa atividade, entendendo-se que se trata do mesmo campo de análise do qual a consciência aparece como se projetando para fora de si própria em direção ao seu objeto e o objeto como se referindo sempre aos atos da consciência.

Nesse momento, sou provocada a realizar um movimento muito interessante, na minha opinião. De forma intencional e consciente, sou direcionada à apreensão imediata e direta de ver o objeto, neste caso, a *noesis*. É importante ressaltar que não perco de vista o objeto construído por essa atividade, o *noema*. Em outras palavras, isso significa que tanto a *noesis* quanto o *noema* pertencem ao mesmo campo de análise, pois a consciência se projeta para fora de si mesma em direção ao seu objeto, e esse objeto sempre se refere aos atos da consciência.

Em razão disso, sigo pelo fio condutor da intencionalidade em busca das unidades de sentido, enquanto aguardo pacientemente a manifestação do meu fenômeno. Por isso, seguimos com o quarto movimento, nomeado como Etapa 4, descrita como “integração e explicitação do conteúdo das unidades de sentido considerando o fenômeno investigado e a *noesis* encontrada” (Costa, 2021, p. 59).

Dessa maneira, é possível observar que o quarto movimento acontece a partir dos aspectos colocados pelas egressas negras que passaram pela EPTNM durante a realização de suas entrevistas compreensiva e podem se manifestar como uma ideia de sentido. E assim, já consigo observar as manifestações das unidades de sentido.

Assim, quando tratamos da transformação do objeto em sentido, definida exclusivamente a partir da relação estabelecida pelos atos da consciência em si, a consciência deixa de ser uma parte do mundo e se torna o lugar onde se desenvolve a intencionalidade. Com isso, seguimos para o quinto movimento, enquanto aguardo pacientemente a manifestação do fenômeno para a Etapa 5: “Vinculação das unidades de sentido em conjuntos de essências que caracterizam a estrutura do fenômeno” (Costa, 2021, p. 59). Como bem explica Sokolowski (2014, p. 204), “ser um sentido, contudo, não é o mesmo que ser um noema. Um sentido ou uma proposição é um candidato à verificação, à verdade da exatidão, mas um noema é meramente um alvo da análise da filosofia”.

Essa verificação acontece quando questiono minha relação de ser no mundo, e a resposta se manifesta. Concordo que “quando mudamos para a atitude fenomenológica, contemplamos a proposição ou o sentido como correlato objetivo de uma reflexão proposicional. Focamos noematicamente na proposição do sentido” (Sokolowski, 2014, p. 205).

Para isso, realizei o meu movimento de caminhada, pegada por pegada, apoiada intencionalmente pelos movimentos que meu meu corpo preto que ia se deslocando lentamente na direção dos noemas²⁹-noesis³⁰, sempre bem atenta e presente ao momento em que se constituiam as essências, pois a qualquer momento podia ser surpreendida com a manifestação do meu fenômeno. E como isso acontece? Veja no quadro 3 a seguir:

²⁹ A proposição ou sentido é um noema, assim como qualquer outro correlato objetivo de qualquer outra intencionalidade. Ver SOKOLOWSKI, Robert. A fenomenologia Circunscrita. In: _____. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Editora Loyola, 2014. 4. ed. p. 205.

³⁰ O nome de *noése*, a atividade da consciência. Ver DARTIGUES, André. Um positivismo superior. In: _____. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo: Centauro, 2008. 10. ed.

Quadro 3: Mapeando as unidades de sentidos noema -noesis

Nº	NOEMAS	UNIDADES DE SENTIDO (noesis)	ESSÊNCIAS
1	Negociação buscando a profissionalização	Trabalho Relação Familiar	Obstacularização do mundo do trabalho
2	Racismo estrutural	Invisibilidade Preconceito racial Violência doméstica	As tessituras estruturais do racismo
3	Questões identitárias	Manipulações sofridas Ancestralidade Condições feminina	A construção feminina
4	Relação com o mundo do trabalho	Desigualdade de Gênero (Re) Resiliência Machismo estrutural Patriarcado	O trabalho a partir da consciência do feminismo negro
5	Acesso à [educação] para mulher negra	Experiência Superação Formação ações reparatórias	Educação como política reparatória

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Nesse sentido, busco seguir com tranquilidade, todas as etapas da redução eidética atenta a cada passo dado por mim, que tem como o fio condutor o meu fenômeno: *a formação a mulher negra para o mundo do trabalho, que se constrói a partir da raça e do feminismo*, e é assim que estabeleço a relação entre o objeto e a intenção associada a cada ato da minha consciência. Digo isso porque, na atitude fenomenológica, o mundo aparece tal como ele é, retornando às coisas mesmas. Confesso que ao deslocar meu corpo preto durante o movimento da realização de cada uma das etapas da redução eidética, culminado com a manifestação do fenômeno, me proporcionou sentir as sensações de satisfação e de confiança que não havia experimentado antes da minha imersão no método fenomenológico.

Dessa maneira, Oyewùmí (2021, p. 28) nos diz que “o corpo é um alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e para a vista”. Assim sendo, eu exploro as informações por meio de estímulos sensoriais no ver, no pegar, no sentir e no ouvir, que, a meu ver, são imprescindíveis na compreensão das camadas

que envolvem as etapas no desenvolvimento do método fenomenológico, pois “ver e tocar são vivências, e se são vivências, quer dizer que são registradas por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências” (Bello, 2006, p. 32).

Nesse sentido, continuo o caminho na encruzilhada da minha escrivivência. Exu, abra meu caminhos! Sigo minha caminhada inspirada e atenta ao que vejo, escuto e sinto em direção a contribuir nas reflexões da recomposição do tempo vivido. Em função disso, compartilho, na próxima seção, os registros narrativos da trajetória de vida das egressas negras que passaram na EPTNM .

A partir das conexões estabelecidas com as essências que foram capturadas com resultado de um movimento dinâmico nas atividades noematicamente na atitude fenomenológica por onde sou conduzida, assim as unidades de sentidos no momento da realização desta redução eidética demarcam todo o meu percurso na pesquisa.

E me conduzem como um fio condutor, pois me mostram uma direção a seguir nesta encruzilhada da minha escrivivência na realidade que se manifesta e se entrelaça durante o encontro geracional entre o ser desta mulher negra e pesquisadora e as egressas negras na pesquisa. E como pretendo manter essa conexão geracional? É o que veremos no capítulo a seguir quando a (auto)biografia se entrecruza com a experiência do vivido no IF Baiano.

CAPÍTULO 3: (AUTO)BIOGRAFIAS E AS EXPERIÊNCIAS DO VIVIDO NO IF BAIANO

As lembranças que se tornam latentes cotidianamente no indivíduo são influenciadas pelas memórias resguardadas e pelas experiências vividas, conhecidas através do discurso transmitido de geração a geração. É nesse sentido que o papel desempenhado pela linguagem na interação social torna-se um importante mecanismo, devido a sua dinâmica no processo linguístico e no processo discursivo, cuja função consiste, portanto, no envolvimento do ser humano ao ponto de possibilitá-lo no seu desenvolvimento nas várias formas de interação comunicativa como uma garantia ativa na sua vida social, por essa razão é possível afirmar que “a linguagem contém uma visão de mundo, que determina nossa maneira de perceber e conceber a realidade, e impõe-nos essa visão” (Fiorin, 2007, p. 52).

Assim, por atribuição, consideramos a linguagem como um legado social “uma realidade primeira”, que, uma vez assimilada, favorece uma conexão entre o indivíduo e pensamento, como também, favorece as várias possibilidades no processo da interação comunicativa, como, por exemplo, a ampliação do reconhecimento do outro, de si próprio e de interpretação, sob uma nova forma de olhar a sociedade e seu entorno, o que lhes permite uma troca constante de saberes.

Diante dessa realidade, é possível perceber como a linguagem delineia seu próprio caminho durante todo o processo em que ocorre a interação comunicativa, pois dessa forma permite a homens e mulheres se comunicarem, bem como, se apropriarem, compreenderem e utilizarem dos diversos códigos linguísticos que o circunda cotidianamente, em consequência deste uso efetivo, independentemente do contexto. A linguagem possibilita a criação de um espaço dialogal entre si e com seus pares, além de proporcionar a construção ou a aquisição de saberes distintos. No entanto, convém ressaltar que, no plano de linguagem, as narrativas orais expressam hábitos e valores cujo compartilhamento se dá nos diversos ambientes, como o da família, o do trabalho, o da comunidade, o da educação, o religioso, dentre outros.

Além disso, deve ser observado o contexto da transmissão destas narrativas da vida como instrumento essencial na dinâmica de interação humana como prática social, isso porque, na compreensão de Delgado (2006, p. 43), “as narrativas têm a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada”.

Isso demonstra que “a valorização da narração coloca o narrador numa condição de autor e, mais importante ainda, de viver o processo de autorização [...] de tornar-se co-autor de si” (Macedo, 2015, p. 46). Em outras palavras, significa dizer que quando o narrador manifesta suas experiências vividas, por meio das narrativas no determinado contexto histórico ou social, esse narrador assume e demarca duas direções possíveis neste lugar de produção do discurso, ora ele se constitui pelos fatos narrados, ora ele se torna um ser constitutivo da sua experiência em si, na medida em que estabelece as interações comunicativas com o outro nas suas relações cotidianas. A esse respeito, Macedo (2015, p. 46) compartilha o seguinte:

No que concerne à relação entre a experiência e narração, sabe-se que a experiência tem um claro conteúdo narrativo porque transcorre do tempo, vive a duração, portanto, reflete as vivências e as implicações do sujeito e do seu protagonismo.

Neste sentido, cumpre dizer o intenso desafio que desponta, sobretudo, nas estratégias que devo assumir, enquanto responsável por (auto)biografar as narrativas de vida destas egressas negras que passaram pela EPTNM, por meio das manifestações singulares na experiência do vivido e pelos processos de interlocuções das suas convivências sociais, isso porque “a narrativa contém em si força ímpar, visto ser também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte poder do olhar e das vozes da memória” (Delgado, 2006, p. 44).

François Dosse (2015) compartilha, em seus escritos, uma reflexão importante sobre as bases constitutivas da memória, no sentido da sua primeira concepção conceitual. Assim, “o uso de “memórias”, confissões ou registros autobiográficos é dotado de formas diversas nas biografias; dá a entender que se está mais próximo da restituição autêntica do passado” (Dosse, 2015, p. 68).

Neste propósito, a (auto)biografia assume o papel fundamental para a manutenção e valorização dos substratos da memória, numa perspectiva de preservar os relatos localizando no tempo e no lugar no qual eles são produzidos, pois “a memória não separa o presente do passado, uma vez que o primeiro contém o segundo, que vai atualizando fatos da história e da vida [...]” (Machado, 2006, p. 81).

A necessidade de considerar as memórias, durante o processo de reconstrução desta trajetória rumo às representações registradas no seio dos grupos pelos quais vivenciou nos diversos momentos da sua vida . Quando são estimulados a acessar algum destes registros, sistematicamente ocorre uma retomada do tempo vivido.

Neste sentido, Maurice Halbwachs (1990, p. 63) declara que “o essencial é que o momento em que compreendamos venha logo, isto é, enquanto a lembrança esteja viva ainda. Então é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica”.

Diante desses aspectos, surge a enorme tarefa de manter atenta com a escuta sensível na busca incessante da preservação e atualização das experiências presentes nestas memórias individuais, utilizadas como principal fonte para a manutenção da identidade e aqui de maneira especial das egressas negras durante toda a sua trajetória na formação educacional, no âmbito do EPTNM no IF Baiano Campus Serrinha, pois “a política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir ma posição a partir da qual possam criticar as estruturas dominantes, uma posição que dê objetivo e significado à luta” (hooks, 2017, p. 120).

Esse processo confirma, além das questões já apresentadas, o desafio posto para o biógrafo, ao meu ver, de registrar com intensidade a verdade do vivido de quem é o objeto desta escrita,porque “o biógrafo pode então tirar o melhor dessa documentação íntima, pois se encontra o mais perto possível do autêntico, a ponto de alimentar às vezes a ilusão de poder restituir inteiramente uma vida”(Dosse, 2015, p. 59).

Com isso, cumpro reconhecer que o ato de recordar, neste contexto, significa um momento ímpar na vida de homens e mulheres que procuram interpretar, por meio de um processo dialógico demarcado pela interação comunicativa, as inúmeras manifestações de saberes construídos como uma forma de ação social e histórica de engajamento das situações.

Em consequência disso as narrativas orais, neste momento, ultrapassam o simples ato de narrar por narrar algo ou alguma coisa, frutos das nossas lembranças consagradas no gesto da interação comunicativa e validada por uma escuta sensível e contínua norteada por um comprometimento reflexivo e de maneira singular pelas egressas negras que passaram pela EPTNM sobre as categorias gênero, etnia e raça. Dessa forma, no capítulo a seguir, proponho um diálogo com o capítulo anterior, por meio dos trançamentos e enegrecimentos (auto)biográficos.

CAPÍTULO 4: TRANÇAMENTOS E ENEGRECIMENTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS

Considero as discussões a seguir uma porta aberta para lembrarmos das inúmeras mulheres negras esquecidas e invisibilizadas historicamente, por meio das narrativas enegrecidas das egressas negras da (EPTNM) e entrelaçadas com todas as camadas retiradas pelo sentido, as essências esquematizadas acima no Quadro 3: Mapeando as unidades de sentidos noema-noesis.

Assim, alinhada a essas questões, sou guiada pelas bases teóricas que fundamentam a pesquisa, para assumir o meu protagonismo como mulher negra e pesquisadora, no meu lugar de fala, para contar as nossas próprias experiências de vida negra, isso porque “embora eu seja imensamente grata aos historiadores brancos e semelhantes que trabalharam para informar as pessoas sobre a experiência negra, nós podemos falar e de fato falamos sobre nós mesmas” (hooks, 2019, p. 101).

Então, seguindo a orientação da autora acima citada, vou falar que organizei um percurso para discussão, seguindo a ordem cronológica em que as essências se manifestavam a partir dos movimentos feitos pelo meu corpo preto durante a realização da redução eidética. Dessa forma, seguindo a trajetória construída pela manifestação das essências, inicio minhas reflexões apoiada nas narrativas de vida das egressas e na fundamentações teóricas que embasam a pesquisa. E assim, sem mais delongas!, compartilho a seguir, no tópico 4.1, a essência nomeada como *Obstacularizações vividas no mundo do trabalho e na profissionalização de processo*.

4.1 ESSÊNCIA I: OBSTACULARIZAÇÕES VIVIDAS NO MUNDO DO TRABALHO E NA PROFISSIONALIZAÇÃO DE PROCESSO

Nesta seção, apresento as reflexões sobre as obstacularizações³¹ vividas no mundo do trabalho e como essas questões se manifestavam para as egressas negras enquanto passaram pela EPTNM no IF Baiano Campus Serrinha e quais as estratégias foram utilizadas por elas, no cumprimento das exigências necessárias para concluírem a sua formação profissional para o mundo do trabalho.

Parto da intenção de perguntar: De onde surge as obstacularizações no mundo do trabalho para a mulher negra? Bem, considero importante iniciarmos as reflexões

³¹ Obstacularizações ao que presume são os desafios que dificultam o alcance de um objetivo, por mulheres negras que ocupam papéis sociais como estudantes, trabalhadoras, mamães e/ou avós.

dizendo que desde o seu nascimento, a mulher negra já nasce com determinação de servir a uma hierarquia social do patriarcado.

A leitora provavelmente deve lembrar de ter escutado seu pai a seguinte expressão: “menina (ou mulher) é para casar. Eu ouvi várias vezes essa expressão do meu pai durante a minha trajetória de vida, e agora comprehendo a partir de hooks (2022, p. 67-68), quando afirma que “ o patriarcado começa em casa. Novamente, esse é um aspecto da cultura dominadora que tendemos a aprender com nossa família, com pessoas que alegam se importar conosco”.

Com relação ao pensamento de hooks acima, lembro-me do relato de Maria Felipa de Oliveira Conquista, egressa negra participante desta pesquisa, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha. Ela descreve sobre um desentendimento com seu patrônio na fazenda que trabalhou quando quis lhe bater:

“quando foi um dia eu não lembro o motivo, mas eu lembro que ele também queria me bater e ele queria me bater com aquela correia que eles fazia de pneu de caminhão [pausa] tinha aqueles pneus de trator, então eles faziam uma cinta com aquilo ali[voz embargada], aí, neste dia, ele ameaçou que iria me bater [pausa] ai eu falei que ele não iria me bater, que ele não era meu pai [pausa].Neste dia [risos], eu disse ‘você não vai me bater porque você não é meu pai’ [ênfase na fala]” (Entrevista concedida por Maria Felipa de Oliveira Conquista, 2022).

Depois de se sentir ameaçada e lembrar ao seu patrônio que ele não era seu pai para lhe bater com uma correia feita de pneu de caminhão ou dos tratores que tinham na fazenda, Maria Felipa diz:

“Aí, ele disse ‘sua negra ousada [voz embargada] vou te bater’ [pausa]. Daí eu disse ‘você não vai’. Neste dia, eu lembro que eu fugi [pausa], fui embora, quando cheguei em casa, meu pai ficou muito chateado, porque eu tinha vindo embora e queria que eu retornasse. Só que minha mãe não deixou [nê], daí minha mãe disse ‘ela não vai mais’. Sempre minha mãe me salvando [voz embargada]” (Entrevista concedida por Maria Felipa de Oliveira Conquista, 2022).

Diante dessa situação, hooks (2022, p. 68), afirma que

A maioria dos homens e mulheres de nossa sociedade raramente usa a palavra *patriarcado* ou sequer entende seu significado. O patriarcado é um sistema político e social que insiste que os machos são inherentemente dominantes, superiores a tudo e a todos que sejam considerados fracos, especialmente as mulheres.

Nessa perspectiva, observa-se que existe todo um interesse na hierarquia social de perpetuar essa ausência sobre o significado do patriarcado nas relações

entre os homens e as mulheres. Isso pode ser confirmado através do relato de Maria Firmina, no qual se observa que a figura do pai ainda exerce todo o poder de dominação, pois ela se valendo desta proteção patriarcal quando respondeu imediatamente ao patrônio no momento em que a ameaçava na fazenda.

Contudo, ao retornar para casa, é possível perceber, no relato de Maria Felipa, como seu pai manifesta uma adesão ao pensamento condicionado do seu patrônio na dominação masculina, quando seu pai a manda de volta ao trabalho. Essa experiência se dá porque “eles seriam dotados do direito de dominar e governar os fracos, bem como de manter esse domínio por meio de várias formas de abuso psicológico e violência” (hooks, 2022, p. 68-69).

Outro aspecto importante no relato de Maria Felipa sobre as dificuldades enfrentadas no seu trabalho na fazenda e que merece destaque é o papel importante desenvolvido por sua mãe, de proteção contra a violência doméstica cometida pelo seu patrônio no trabalho, pois mesmo diante da manifestação patriarcal do seu marido, sua mãe desafia essa autoridade dominadora e promove um deslocamento de solidariedade materna ao desautorizar a determinação do esposo e pai para a filha retornar ao seu trabalho na fazenda.

Diante de tal situação, não posso deixar de mencionar a importante contribuição do pensamento de bell hooks (2021) para o termo *deslocamento*. Segundo a autora significa dizer que “é o contexto perfeito para um pensamento de fluxo livre que nos permite mover além do confinamento restrito de uma ordem social conhecida” (hooks, 2021, p. 59-60).

Em relação ao deslocamento, recordo-me do relato da egressa negra participante desta pesquisa, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, Elidineide dos Santos Resiliência, que me relatou sobre a sua mudança de postura, durante a sua formação técnica no IF Baiano:

“Antes [pausa] eu acho que era mais tímida [voz embargada] porque era uma pessoa mais tímida, não discutia com segurança em público [voz embargada] não levantava meu posicionamento, meu ponto de vista, minhas convicções acerca de alguma coisa, isso [pausa] e de uma certa forma o IF faz isso na gente [pausa]” (Entrevista concedida por Elidineide dos Santos Resiliência, 2022).

Convém observar uma questão importante nesse relato de Elidineide, quando ela acredita que seu medo de falar em público esteja relacionada à sua timidez. Por isso eu posso perguntar: será que essa dificuldade de falar em público por nós

mulheres negras está relacionado ao nervosismo de manifestar a nossa opinião em determinada situação social?

Diante dessa realidade, a meu ver, falar sobre esta dificuldade da mulher negra de se expressar em público, significa, antes de mais nada, identificar quais as estratégias são utilizadas pelo dominador que nega a nós, mulheres negras, falar em público sobre si mesma e demarcar o nosso lugar social na fala, em várias discussões sobre as questões de gênero, etnia e raça, em vários setores da sociedade, como os setores educacional e profissional, que contribuem com mudanças em nosso modo de vida. Eu também já me vi neste lugar e, muitas vezes, ponderei o que falaria, se falaria e muitas vezes me silenciei, contudo, hoje não me silencio mais e ergo minha voz, frente às artimanhas perversas de dominação hegemônica.

De modo similar, no relato egressa negra Bezinha dos Santos Coragem participante desta pesquisa, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha e me concedeu essa entrevista, aparece o seguinte:

“Hoje eu sou uma outra pessoa, em todos os sentidos [voz embargada]. Sei onde posso ‘tá [ênfase na fala]. Tenho que ocupar meu espaço mesmo, falando da minha vida e corro atrás sempre de tá ocupando nossos espaços, que não é só meu [risos], é de todas nós [ênfase na fala]. Tenho que estudar, porque eu tenho que ver que não é só o branco que pode ‘tá lá [voz embargada]. Eu sou negra [ênfase na fala], tenho a mesma capacidade de estar lá do lado dele” (Entrevista concedida por Bezinha dos Santos Coragem, 2022).

Nesse sentido, o ato de falar sobre si mesma nestes lugares constitui um ato de luta, resistência e liberdade, porque “a língua é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para ler a si mesmo – para reunir, reconciliar, renovar” (hooks, 2019, p. 74). Assim, a minha intenção do registro escrito por meio das narrativas destas egressas negras, por si só, já justifica a minha escolha desde do início da pesquisa pela (auto)biografia.

Digo isso devido ao movimento dinâmico e simultâneo entre as sujeitas que falam de si, mas também interpretamos juntas, pois as vivências parecem repetições. Ao desenvolver essa escuta sensível sobre os desafios e dificuldades enfrentadas pelas egressas negras, ao longo da sua história de vida educacional, profissional e pessoal, eu consigo identificar as semelhanças com a minha história de vida como mulher negra e sobre o meu lugar social de fala. Em outras palavras significa dizer que “sinto a existência de um outro ser humano, como eu, é, portanto, uma apreensão

de semelhança imediata” (Bello, 2006, p. 63).

Desse modo, considero também uma semelhança entre as narrativas de vida das egressas negras participantes da pesquisa, no que tange às desigualdades de gênero, quando essas mulheres desejam continuar a sua escolarização para atender às constantes mudanças nas profissões e no mundo do trabalho e “tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar” (Gonzalez, 2020, p. 58).

Digo isso porque, enquanto mulheres, principalmente negras, sofremos a pressão social sobre a necessidade de cumprimos nossas responsabilidades de ser mulher e esposa. Alinhado a isso, ela ainda tem que se munir de paciência, de força e de determinação para conseguir dar conta de executar as tarefas domésticas de lavar e preparar os alimentos para seus familiares.

Veja como isso acontece na prática, como a mulher negra busca cumprir todas estas atividades domésticas e resolve se profissionalizar, no relato da egressa negra participante da pesquisa, Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano *Campus Serrinha*. Ela fala:

“Acredito que esteja relacionada à igualdade de gênero [ênfase na fala]. Eu tiro por experiência própria. Eu sou uma mulher preta, periférica, mãe de três crianças solo e não tenho uma rede de apoio [voz embargada]. Se não fosse a minha ousadia tão grande [ênfase na fala] no primeiro ano, no primeiro semestre de curso, eu teria desistido [voz embargada], porque a gente não tem uma política dentro do IF Baiano [pausa], uma política estudantil que venha atender a essas mães” (Entrevista concedida por Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, 2022).

Ao relembrar sua própria experiência de mulher preta, periférica e mãe solo, a egressa Dandara Gratidão e Saudades nos convida a refletirmos sobre duas questões. A primeira questão que ela coloca como dificuldade é a igualdade de gênero. Para muitas mulheres negras, a experiência de ser mãe proporciona satisfação e alegria de poder doar seu corpo para dar vida ao ser humano. Por essa razão, considero, como mulher e mãe negra, que temos um grande desafio para conciliar as demandas profissionais e científicas com as tarefas do maternar.

Nesse ponto é que a desigualdade de gênero se manifesta com bastante intensidade no momento em que o pai, com o pensamento e ação machistas, direciona as responsabilidades de educar, alimentar e orientar os filhos a cargo da

mulher. A esse respeito, Lélia Gonzalez (2020, p. 199) afirma o seguinte:

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo.

Essa reflexão vai nos ajudar a compreender o desafio para a educação na promoção de uma formação humana contra hegemônica e integrada às questões da atualidade, como a criação de uma rede de apoio apontada, na entrevista acima por Dandara Gratidão e Saudades, como a segunda dificuldade encontrada no seu caminho, quando passou pela EPTNM, quando ela afirma que “*se não fosse a minha ousadia tão grande [ênfase na fala] no primeiro ano, no primeiro semestre de curso, eu teria desistido [voz embargada]*”. Repare o uso da palavra ousadia, a meu ver, utilizada pela entrevistada como estratégia de encorajamento para vencer os desafios e obstáculos encontrados no seu caminho durante a profissionalização do seu curso técnico na EPTNM.

Outro aspecto interessante e importante no relato de Dandara Gratidão e Saudades é que, ao finalizar sua fala na entrevista, ela conclama que a instituição, o IF Baiano Campus Serrinha, promova reflexões sobre a necessidade de se implantar ações afirmativas para contribuir como uma rede de apoio no momento do ingresso nos cursos da EPTNM, das mulheres negras mães “*porque a gente não tem uma política dentro do IF Baiano [pausa], uma política estudantil que venha atender a essas mães*” (Dandara Gratidão e Saudades, 2022).

Ainda no que diz respeito à necessidade de priorizar as reflexões sobre a implementação das políticas públicas estudantis no IF Baiano Campus Serrinha apontadas acima por Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, lembro - me do relato da egressa negra participante da pesquisa, Bezinha dos Santos Coragem, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha. Ela considera o seguinte:

“Eu tive dificuldade como o transporte, (eu tenho) meus filhos pra tomar conta, eu não tinha [comoção], eu tinha condição de pagar uma pessoa? [pausa], eu sou assalariada[pausa]. Como é que eu iria pagar uma pessoa para tomar conta dos meus filhos? [comoção]” (Entrevista concedida por Bezinha dos Santos Coragem, 2022). (grifo meu)

Nesse sentido, observo um entrelaçamento nos discursos das duas egressas negras. E onde ele acontece? Quando elas levantam a voz e relatam como era sua trajetória na EPTM, inclusive citando as dificuldades encontradas para conciliar as múltiplas tarefas na jornada de atividades diárias, como a maternidade e a construção do conhecimento científico para o mundo do trabalho. Contudo, é bom lembrar que “a linguagem que usamos para expressar essas ideias, em um primeiro momento, é incômoda, mas, quando adotamos uma linguagem mais inclusiva e normalizamos seu uso, esse desconforto diminui” (hooks, 2021, p. 80).

E por falar em escolhas e dificuldades, compartilho a entrevista da egressa negra participante da pesquisa, Maria Beatriz Nascimento Coragem, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano *Campus Serrinha*, sobre as lembranças do seu retorno ao mundo do trabalho na condição de mãe solo e desempregada, moradora da zona rural. Ela diz:

“[...] em 2015 [pausa] e aí, quando eu lembava que não tinha um emprego, ia morar como? [ênfase na fala] pagar aluguel como? [ênfase na fala] [sabe] tudo isso. Aí o rapaz que me convidou, ele trabalhava em Salvador e aí ficava a semana toda em Salvador e só vinha para casa final de semana[pausa]. Aí a gente combinou assim, ele falou assim: ‘eu preciso organizar uns documentos aqui do movimento negro, está muito desorganizado, tu vem me ajudar, eu consigo um trabalho’. Nesta época, ele trabalhava na prefeitura [ênfase na fala]” (Entrevista concedida por Maria Beatriz Nascimento Coragem, 2022).

Ao manifestar suas lembranças, é possível observar, na fala de Maria Beatriz Coragem, como o sentimento do medo, sem aspas, lhe atormentava e impedia de tomar a decisão entre aceitar o trabalho para organizar os documentos do movimento negro ou permanecer na zona rural, desempregada, e cuidar dos filhos. Cabe aqui a seguinte pergunta: De onde parte este sentimento de medo sem aspas que atormentava Maria Betriz Coragem? Aqui é difícil dar uma resposta precisa para essa questão. Nesse sentido, hooks (2019, p. 55) chama a atenção para o seguinte:

Aquela conversa que nos identifica como descompromissados, sem consciência crítica – que significa uma condição de opressão e exploração – é absolutamente transformada quando nos engajamos em uma reflexão crítica e quando agimos para enfrentar a dominação. Só estamos preparados para lutar pela liberdade quando essa base está estabelecida.

Diante do exposto, não posso deixar de falar como essa condição de opressão e exploração manifesta no relato dela o sentimento da generosidade. Perceba como o empregador, aproveitando a oportunidade, impõe uma condição. Procuremos

entender o que ele quis dizer com “*tu vem me ajudar, eu consigo um trabalho*’, *nesta época ele trabalhava na prefeitura*” (Maria Beatriz Coragem, 2022).

Bem, a meu ver é neste momento que o sentimento de genenorisidade se transforma no processo de negociação trabalhista, por meio de uma barganha inspirada no conhecido ditado popular do “toma lá, dá cá”, pois, se ela não aceitasse organizar os documentos por ele designados, provavelmente não conseguiria a vaga na prefeitura. Além disso, subjacente à “bondade” do rapaz, existe a discriminação da mão de obra feminina, em relação a divisão racial do trabalho, pois “não é casual, portanto, o fato de a força de trabalho negra permanecer confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração” (Gonzalez, 2020, p. 96).

Ainda de acordo com Gonzalez (2020, p. 44), “o modo paternalista mais sutil é exatamente aquele que atribui o caráter de ‘discurso emocional’ à verdade contundente da denúncia presente na fala do excluído”. E assim, de maneira perversa, esse poder paternal exerce sua função de dominação na hierarquia social sobre uma máxima de quem fala e de quem obedece nas relações de trabalho, chegando ao ponto de nos negar, como mulheres negras, o nosso poder de escolha e tomar decisões na nossa vida.

Outra questão a se considerar nessa realidade é o controle que a pessoa, em especial a mulher negra, deve buscar, de tomar as suas próprias decisões na vida. É por isso que bell hooks (2022, p. 136) afirma o seguinte:

Mulheres negras, sozinhas ou em grupos, têm se esforçado para se autodefinir, para inventar identidade que sejam atos de resistência e desafiem estereótipos negativos – aquelas projeções machistas racializadas que nos são impostas – enquanto trabalham, simultaneamente, para criar bases para a autorrealização e a autodeterminação.

Dessa forma, imbuída nesse sentimento da coletividade e solidariedade, como mulher negra que sou, desejosa de valorizar a minha identidade negra como importante legado ancestral, potencializado por meio das narrativas das egressas negras que passaram pela EPTNM e da maneira como foram vivenciadas por elas as questões referentes às tessituras estruturais do racismo, faço minhas reflexões na seção a seguir.

4.2 ESSÊNCIA II: AS TESSITURAS ESTUTURAIS DO RACISMO

Nos últimos anos, vivenciamos uma ampla discussão, em vários setores da sociedade, como o educacional, o profissional, o da moda, o do esporte, o das mídias sociais e entretenimento, acerca das consequências do racismo estrutural na vida da mulher negra. Essa estrutura de opressão e obstacularização tem causado uma crescente preocupação nos movimentos negros e feministas.

Nesse sentido, crescem em número e estratégias a defesa e a proteção da integridade da pessoa humana e dos grupos de pessoas que advogam pelo cumprimento do rigor (e da reconstrução) da lei contra os atos de discriminação racial que continuam nos marginalizando. Como mulheres negras, temos o direito de exercermos socialmente o nosso direito de cidadã, como previsto na Constituição Brasileira no seu Art. 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade[...]” (BRASIL, 2020, p. 11).

Então, se somos todos iguais (e todas iguais), então cabe perguntar: como é possível explicar as manifestações de racismo contra a mulher negra na nossa sociedade? Para contribuir com a resposta da pergunta, me apoio no pensamento de Lélia Gonzalez (2022, p. 34), quando ela afirma que “no Brasil o racismo – enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas – passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses.”

Cabe ainda mencionar o quanto é contundente o discurso ideológico no sistema de dominação, ao ponto de nos fazer acreditar, como mulher negra, numa falsa imunidade do racismo em nossas relações cotidianas. Um bom exemplo disso está no relato da egressa negra participante da pesquisa, Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço e Reconhecimento, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha e me concedeu essa entrevista. Ela afirma o seguinte:

“Assim, na minha área de venda diretamente até momento ainda não percebi o racismo, se sim[pausa] assim não percebi [pausa]. Olha, eu nem sei nem dizer assim, porque assim [eh] eu trabalho abordando as pessoas. Tem muita gente que não dá aquela atenção. Até o momento, até hoje, não sei identificar [pausa] que não querem porque não tem o interesse ou por essa questão de

ser mulher negra, de ser assim nova, porque tem muita gente que vê você parece ser mais nova, não acredita naquilo que você está querendo dizer, em seu potencial, assim até o momento não consegui identificar [risos]" (Entrevista concedida por Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço e Reconhecimento, 2022).

Por ser algo menos perceptível, as ações discriminatórias, na maioria das vezes, podem ser consideradas como algo “natural de acontecer” nas relações sociais entre o agressor e sua vítima. Tais situações chegam a tal ponto, que nem sempre identificamos como e quais estratégias se alicerçam nas práticas cotidianas e os vários tons (ou simulações reais) do racismo naquele que se beneficia pela manutenção de invisibilizar e subjugar a mulher negra.

Outro bom exemplo disso está presente nas relações de trabalho entre o empregador e a mulher negra, quando se almeja acessar as vagas de emprego para obter a sua tão sonhada independência financeira; sim, é aqui que a batalha está posta. Digo mais ainda, como mulher negra que sou, que não é tão simples de se identificar situações de racismo nas relações trabalhistas, pois a meu ver essa batalha antirracista está anteposta.

Para contribuir com o pensamento citado acima, lembro-me da egressa negra participante da pesquisa, Maria Felipa de Oliveira Conquista que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, e me relatou, durante a entrevista, como acontecia sua relação como empregada doméstica com a dona da casa onde trabalhou:

"Ela era branca [silêncio], ela me tratava normal [pausa]. Assim ela também, não era agressiva [ênfase na fala]. Eu morei nesta casa também, mas eu dormia no quarto do fundo [pausa], não dormia dentro da casa, tinha um quarto no fundo, eu dormia lá [pausa], fazia as refeições separadas, não fazia com eles na mesa, mas eles diziam que eu era como se fosse da família [pausa]. Eu sei que hoje não é verdade [ênfase na fala]" (Entrevista concedida por Maria Felipa de Oliveira Conquista, 2022).

É possível perceber, na fala da entrevistada, que há uma intenção em amenizar ou justificar as estratégias do racismo estrutural, quando atribui valores de justiça e empatia àquela mulher branca. Repare que o início do relato de Maria Felipa Conquista já deixa algumas pistas sobre como acontecia a sua relação de trabalho com a dona da casa, além das artimanhas do racismo encobertas nas condições impostas pela dona da casa à empregada, mulher negra, considerada uma pessoa da família, mas ainda assim, tinha quer comer depois dos seus supostos parentes.

E como se não bastasse tudo isso que já foi dito acima sobre as manifestações de racismo, bem demarcada nesta relação da empregadora e da empregada, Maria Felipa Conquista tinha o direito de transitar com seu corpo preto que trabalha pela casa da patroa durante o dia, mas, na hora de dormir, o corpo preto, cansado da labuta do dia, agora deve se afastar dos supostos familiares e repousar no quartinho da empregada no lado de fora, localizado nos fundos da casa. Tal situação me fez lembrar da relação *senzala x casa grande* vivenciada por minhas ancestrais escravizadas e tão brutalmente silenciadas. Por esse motivo, “cabe ressaltar como tais efeitos se concretizam nos comportamentos imediatos do negro ‘que se põe em seu lugar’, do ‘preto de alma branca’ ” (Gonzalez, 2022, p. 33).

Ainda se tratando do presente vivido pelas lembranças trazidas por Maria Felipa Conquista, repare que tem um momento no seu relato em que ela se dá conta, como mulher negra, do lugar dela de doméstica e o que estava em jogo naquela relação trabalhista com os supostos familiares. E, assim, ao concluir o seu relato com uma problematização daquela vivência, Maria Firmina Conquista afirma o seguinte: “*mas eles diziam que eu era como se fosse da família [pausa], eusei que hoje não é verdade*”. Ou seja, como diz bell hooks (2022, p. 226-227), “todos aqueles que estão olhando para além da raça e do racismo, que permanecem comprometidos em desafiar e transformar a supremacia branca, são guiados pelo pensamento crítico”

A pergunta que se coloca é: De que maneira o pensamento crítico sobre o racismo funcionou para Maria Felipa Conquista durante a realização da entrevista? Bem, não custa lembrar, em primeiro lugar, que minha intenção, durante a realização das entrevistas, foi compreender, por meio da “escuta sensível”, as inúmeras manifestações da experiência vivenciadas pelas interlocutoras negras. Isso porque, “empatia rima com simpatia, e o pesquisador deve ser, antes de tudo, amável, positivo, aberto a tudo aquilo que diz respeito ao seu interlocutor” (Kaufmann, 2013, p. 87).

Em segundo lugar, não posso deixar de mencionar as contribuições do processo de formação profissional de Maria Felipa Conquista na EPTNM, pois, a meu ver, as discussões em sala de aula entre os professores e estudantes do seu curso técnico favoreceram, de alguma maneira, com a construção deste pensamento crítico desta mulher negra, a tomada de decisões, ao ponto de ela se questionar e de denunciar as injustiças no tempo presente vivido da postura de dominação racista hegemônica exercida pela sua patroa, uma mulher branca.

Contribuindo com o pensamento citado, recorro-me ao relato da egressa negra participante da pesquisa, Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, ao explicar como foram discutidos em sala de aula pelos professores os conteúdos atrelados à formação técnica e política, com ênfase nas relações entre a mulher negra e o mercado de trabalho, durante a sua formação no curso técnico:

“Frequente [ênfase na fala] justamente na questão da valorização [pausa], a valorização é da pele, da cor [ênfase na fala], não é da capacidade, então [eh] eles conversavam com a gente essa questão de posicionamento [pausa], da gente se posicionar [ênfase na fala], da gente saber que a gente pode ocupar qualquer espaço que não é a cor da pele da gente, que diz o que a gente é ou que a gente é capaz [ênfase na fala]. E eu concordo [ênfase na fala], me posicione sempre que preciso. Anteriormente, não [ênfase na fala], mas hoje me posicione” (Entrevista concedida por Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre, 2022).

Nesse sentido, mesmo a educação assumindo um papel fundamental na formação da consciência crítica dessas estudantes, ainda assim não podemos baixar a guarda na luta antirracista. Digo isso porque as manifestações veladas dos atos de discriminação racial persistem em diversas outras frentes na nossa trajetória de vida, como mulheres negras.

Para citar um exemplo, penso sobre quando somos guiadas pelo pensamento da estrutura de dominação racista hegemônica para participarmos de uma competição com as mulheres brancas. O que se constrói é a assunção de outras identidades que não nos define, a partir da adoção de padrões estéticos considerados “aceitáveis” socialmente, inclusive, quando somos submetidas à seleção para uma vaga no setor de uma empresa no escritório.

Mesmo atendendo todos os requisitos exigidos, inclusive a qualificação profissional, ainda assim, na maioria das vezes, nós mulheres negras somos excluídas das próximas etapas neste processo seletivo. Na visão da egressa negra participante da pesquisa, Bezinha dos Santos Coragem, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, uma estratégia que pode ser utilizada no IF Baiano Campus Serrinha se refere à instituição acompanhar as egressas negras da EPTNM quando elas fossem realizar uma entrevista de emprego:

“Eu acho que poderia acompanhar assim, [pausa] mostrando uma visão maior da gente negro, porque, querendo ou não, se for fazer uma entrevista tendo um negro e um branco, dependendo do lugar, o branco passa e eu serei desclassificada [voz embargada], devido minha cor

de pele, meu cabelo [vozembargada]. Eu posso ter o estudo melhor que o branco, mas infelizmente. [pausa] Aí [silêncio] tem lugar que a gente chega [ênfase na fala] tem muito preconceito" (Entrevista concedida por Bezinha dos Santos Coragem, 2022).

A egressa negra Bezinha dos Santos Coragem relata que o conflito existente entre a mulher negra e a mulher branca no quesito cor da pele e na questão da textura do cabelo são os pontos fundamentais para a desclassificação em uma seleção para uma vaga de trabalho, e isso se deve ao preconceito. Isso me fez lembrar da egressa negra participante da pesquisa, Maria Bernadete Pacífico Gratidão Sempre, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, e, me relatou durante a sua entrevista, que ela nunca havia sofrido nenhum tipo de discriminação racial, mas conhecia alguém, uma colega que viveu uma situação de discriminação racial quando foi indicada por outra pessoa para o preenchimento de uma vaga numa loja na cidade em que ambas residem:

"Assim, eu tenho uma colega que ela é bem negra [nê] [ênfase na fala], bem escurinha, [tá entendendo] [ênfase na fala] ela disse que já estava com uma entrevista marcada para trabalhar na loja que o amigo dela havia arrumado, então ela disse na loja, eu vim aqui pra entrevista, só que quando ela chegou lá. Eles olharam pra ela, simplesmente, falou que a vaga já tinha sido preenchida, só que eles haviam dito para mandar a menina lá , daí ela me falou: "eles apenas me olharam e falaram que a vaga já havia preenchido" (Entrevista concedida por Maria Bernadete Pacífico Gratidão Sempre 2022).

Diante dessa situação Lélia Gonzalez (2020, p. 41-42) considera o seguinte:

Mesmo nos dias atuais, em que se constatam melhorias quanto ao nível de educação de uma minoria de mulheres negras, o que se observa é que, por maior que seja a capacidade que demonstre, ela é preterida. Que se leiam os anúncios nos jornais na seção de empregos, as expressões “boa aparência”, “aparência ótima” etc. constituem um código cujo sentido indica que não há lugar para a mulher negra. As possibilidades de ascensão a determinados setores de classe média são praticamente nulas para a maioria absoluta.

Corraborando com o pensamento da autora citada acima, a egressa negra participante da pesquisa, Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço e Reconhecimento, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, relata que este tipo de preconceito acontece muito, principalmente quando estão ocorrendo à mesma vaga com uma mulher branca. Segundo Tibúrcia, isso acontece porque a mulher negra já começa com uma certa desvantagem, em comparação com a mulher branca para concorrer à vaga de

trabalho e lamenta que o processo seletivo considere como requisito na contratação a questão da estética como narrativa da “boa aparência”. Ela argumenta o seguinte:

“Não, infelizmente não [pausa] porque assim, as mulheres brancas, as pessoas já colocam um estereótipo [nê], porque a mulher é branca, tem o cabelo liso, tem lábios fino [nê] o tom da pele [nê]; e aí já querem dizer que a branca é mais bonita, é mais mulher que a mulher negra, só por essas questões de estética [silêncio]” (Entrevista concedida por Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço e Reconhecimento, 2022).

Diante do exposto, pode se dizer que “embora exista muita conscientização de que o pensamento e ação da supremacia branca são cotidianos e onipresentes, pouco se fala sobre o que as pessoas podem fazer para proteger a mente, o corpo e o coração” (hooks 2022, p. 235). Por essa razão, o racismo que percebemos na nossa existência como mulheres negras deve nos provocar a transformação na maneira como olhamos e como falamos sobre a nossa própria narrativa de vida nos lugares por onde ainda transitamos. A seguir, apresento as reflexões acerca da construção feminina da mulher negra nas relações sociais.

4.3 ESSÊNCIA III: A CONSTRUÇÃO FEMININA

Nesta seção, dialogaremos sobre a construção feminina da mulher negra. Falar de construção da identidade feminina negra não é uma tarefa fácil, é difícil porque é uma jornada complexa e recente, que ainda sofre constantes transformações, condicionadas pela interseccionalidade de gênero, raça e classe, destacando-se como as formas de opressão que acumulam e se interconectam. E, por isso, segundo a intelectual negra Carla Akotirene (2019, p. 27), “a interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos”. Em outras palavras, isso significa dizer que não se trata adicionar a categoria de gênero a uma expressão aritmética e a outras identidades sociais, mas se trata de olhar mais a diversidade e a inclusão, tomando como base analítica as intersecções entre as categorias de orientação sexual, raça e de classe social.

Na mesma direção, o relato da egressa negra participante da pesquisa, Maria Felipa de Oliveira Conquista, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, nos permite perceber este tipo de particularidade, pois, além da cor da pele, ela traz consigo a experiência de uma prática de negação social da postura dominante que nos impõe, como mulher

negra, seguir um padrão de beleza estética capilar inspirada no modelo da mulher branca eurocêntrica. Ela afirma o seguinte:

“Chamavam meu cabelo de duro [comoção], que parecia com bombril, que tinha que alisar [ênfase na fala]. ‘Por que não alisa?’ [pausa]. ‘Passa ferro’. Então, desde nova que comecei passar ferro no cabelo [pausa], com onze anos comecei a passar ferro [pausa]. Gente! Era terrível passar ferro! Mas tinha que passar, porque era fácil de pentear, mas queimava tanto meu couro cabeludo e ele só ficava liso dois dias. E aí, geralmente, passava uma semana porque ficava aquele, dois dias bonitinho e arrumadinho, depois ele começava ficar espinchado, porque suava, o cabelo começava a enrolar [ênfase na fala]. E aí, no final da semana, ia de novo passar ferro nesse cabelo” (Entrevista concedida por Maria Felipa de Oliveira Conquista, 2022).

A egressa negra participante da pesquisa, Bezinha dos Santos Coragem, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, explica como acontecia a ofensa racista sobre o seu cabelo crespo nas suas relações cotidianas com as pessoas e como ela reagia aos insultos: “*Já teve gente de chamar meu cabelo de bombril [risos prologados] eu não ligava, eu nunca liguei [ênfase na fala] nunca baixei a cabeça, eu dava risada, brincava, meu cabelo sempre foi crespo [pausa]*” (Entrevista concedida por, Bezinha dos Santos Coragem, 2022).

Neste sentido, não é possível identificar que são agressores, em ambos os relatos das egressas acima, digo isso porque os atos racistas, devido à utilidade nas estratégias empregadas na execução da ação pelo agressor. Na maioria das vezes, a vítima não quer acreditar que esteja sofrendo uma ação racista. Veja o caso de Bezinha dos Santos Coragem, quando afirma o seguinte: “*eu não ligava, eu nunca liguei [ênfase na fala] nunca baixei a cabeça, eu dava risada, brincava, meu cabelo sempre foi crespo [pausa]*”. Ao mesmo tempo “tal pensamento nos permite examinar nosso papel como mulheres na perpetuação de sistemas de dominação” (hooks, 2019, p. 59).

Assim, uma vez que as situações de opressão e de manipulação do poder hegemônico se manifestam, invisibiliza-se o direito de escolha destas mulheres negras, chegando ao ponto de a vítima considerar esse ato como algo bom ou até mesmo natural de se acontecer cotidianamente e, com a mais pura tranquilidade, nas relações interpessoais.

Só para ilustrar essa reflexão, retorno ao relato acima de Maria Felipa Conquista. Perceba que ela não reclamava, simplesmente cumpria as determinações impostas pelos padrões estéticos para o alisamento do seu cabelo como algo natural

de acontecer na sua trajetória de vida, sem nenhuma intenção de romper o medo de erguer a voz, ao ponto de se manter conectada ao discurso do agente do Outro como necessidade primeira na sua vida.

As psicólogas Amanda Schreiner Pereira, Angela Maria Resende Vorcaro e Maria Keske-Soares, que realizaram um estudo teórico - crítico e psicanalítico – apoiadas nas explicações teóricas do pensamento dos psicanalistas Sigmund Freud (médico, pesquisador austríaco e criador da psicanálise) e Jacques Lacan (psicanalista, um dos discípulos da teoria freudiana) – explicam como acontece a relação entre o discurso do agente do outro à voz – apelo do sujeito. Elas afirmam o seguinte:

O Outro primordial é o portador dos primeiros significantes que serão endereçados por meio do campo discursivo ao *infans*, aquele que ainda não fala. O campo do Outro já está lá, antes que o *infans* venha ao mundo, e é o lugar de onde o sujeito se constitui. Valendo-se desse lugar, o agente dos Outros opera interpretações sobre o pequeno ser que nasce e comanda o que se presentifica como sujeito (Pereira; Vorcaro; Soares, 1982, p. 432).

Diante dessa realidade, a figura do Outro assume um poder decisivo sobre as fragilidades e sensibilidades apresentadas pela criança; e, de maneira intencional, utiliza-se da segregação promovida por essa dominação social e hegemônica atormentada por um fantasma chamado a negação identitária.

É oportuno frisar que esse fantasma da negação identitária assume sua estrutura corporal na figura do discurso do Outro, que assume uma dupla relação. Por um lado, se aproxima e provoca uma emoção na criança ou um desejo, pois nessa fase a criança não consegue distinguir a si mesma e o Outro, possibilitando assim, que a criança assimile os sentimentos e as emoções do Outro como se fossem seus próprios sentimentos. E, por outro lado, o Outro rejeita e ignora o grito de apelo desta criança no autorreconhecimento e na construção da sua identidade feminina negra.

Na compreensão da intelectual negra Nilma Lino Gomes, isso acontece porque “mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro, e mais especificamente para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos” (Gomes, 2002, p. 44).

Sem dúvida, este tipo de conflito com o racismo estrutural já começa a atormentar e perseguir a vida de uma menina negra logo na infância, em relação ao autocuidado com o seu cabelo crespo. A meu ver, esta situação se torna frequente em

dois momentos. Em primeiro lugar, acontece devido à inabilidade da mãe em pentear o cabelo crespo da filha, tendo que conciliar os cuidados de higiene pessoal da filha com a sua exaustiva jornada de trabalho. E, em segundo lugar, ocorre quando a criança ingressa na escola considerada por alguns como seu segundo “lar” e passa frequentar as turmas iniciais da Educação Infantil.

Acontece que faz parte da rotina na Educação Infantil a contação de histórias, importante para estimular a imaginação e despertar a curiosidade, dentre outros objetivos presentes na contação de histórias para crianças. Então, as professoras escolhem o dia e levam para a sala de aula a literatura infantil, por exemplo, de Branca de Neve, os Sete Anões. Após a leitura, é comum a socialização de parte da literatura com os ouvintes.

Durante a socialização da história infantil, a menina negra descobre que a personagem principal é uma jovem princesa branca de cabelos lisos e pretos e tem um espelho mágico que reflete a sua beleza sem igual. Enquanto isso, a menina negra se olha no espelho e percebe que seu cabelo e sua cor de pele não são iguais ao cabelo liso e à cor de pele branca da princesa Branca de Neve. Por conseguinte “estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. (Gomes, 2002, p. 44).

E por falar nestes tipos embates sofridos já na infância de mulher negra, devido à estética do seu cabelo, lembro-me do relato da egressa negra participante da pesquisa, Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha e me concedeu essa entrevista. Ela explicou como foi na prática o processo de alisamento do seu cabelo crespo na infância com ferro quente:

“Eu passei por esse processo de alisamento, não foi algo muito tranquilo [ênfase na fala], porque é aquela sensação de que [pausa] eu me olho e não me vejo [ênfase na fala] no espelho, eu me olho e não me vejo [voz embargada] [nê]. Desde criança, teve aquele processo torturador de alisamento de cabelo com a chapinha quente [nê], queimando mesmo o couro [ênfase na fala]. E aí, depois passamos pelo processo de alisante onde tinha que dar esses produtos químicos no cabelo para ter que baixar o volume, para acharem a gente mais bonita. Foram esses processo que eu não me enxergava [pausa]. Mainha trabalhava muito [ênfase na fala], e aí a gente acabava optando por essas alternativas que pareciam mais práticas, mais na verdade, não eram [nê] (Entrevista concedida por Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, 2022).

Assim, quando Dandara Gratidão e Saudades relata em sua entrevista que “se olhava no espelho e não se via”, ela reforça a ideia da invisibilidade sofrida por

muitas meninas negras, inclusive o exemplo que apresentei acima da estudante na Educação Infantil. Assim, devido à falta de representatividade estética de mulheres, na trajetória de vida destas meninas negras, elas acabam negando sua identidade estética e sendo conduzidas a acreditar na beleza artificial, a beleza da “boa aparência”. É verdade que “todas essas práticas culturais e estéticas estão alicerçadas na estética da supremacia branca, que continua a estabelecer os padrões do que é considerado belo e desejável” (hooks, 2022, p. 53).

Dessa maneira, é importante considerar as intersecções nestas experiências que contemplam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras em comparação às mulheres brancas. E de onde vem essa dificuldade? Da pressão por um padrão social de beleza estético da “boa aparência”. Se a mulher, principalmente, se ela for negra, não cumprir as normas e regras ditadas por esse padrão social de beleza, automaticamente ela não consegue concorrer, de igual para igual, com uma mulher branca no perfil exigido para o preenchimento de uma vaga de trabalho.

Situações como estas retiram a capacidade individual da mulher negra de autoaceitação e autoestima, a tal ponto que, na maioria das vezes, ela acaba abrindo mão de suas características físicas e culturais para tentar se encaixar nesse padrão imposto pela cultura hegemônica, com procedimentos que vão desde o alisamento capilar até às cirurgias que modifiquem essas características físicas e culturais.

Ainda no que diz respeito às manipulações do sistema de dominação dos opressores na construção da nossa identidade negra, recorro à entrevista da egressa negra participante da pesquisa, Maria Beatriz Nascimento Coragem, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, a qual traz, na sua narrativa, um sentimento de tristeza e lamentação, devido às sutilezas utilizadas pelo seu agressor na discriminação que sofreu como uma criança indefesa e desnorteada pela professora na turma multisseriada com a mudança de escola da zona rural para a escola zona urbana na cidade em que residia:

[Ah] [ênfase na fala], minha filha aí foi [pausa], deixa eu dizer, foi assim [ênfase] um verdadeiro calcanhar de Aquiles, porque [pausa], quando cheguei na turma aqui na cidade, as crianças estudavam todas com aquela professora específica para elas eram tudo da mesma idade[entendeu]. Então pra mim, eu me senti perdida [silêncio], porque [pausa] eu fui estudar com uma professora que era racista [ênfase na fala] [entende]. Por eu morar na zona rural [pausa], por eu morar no Curral de Fora, as pessoas taxavam a gente praticamente de burros [pausa], de escravos, estas coisas assim [pausa] [comoção]. Ela não me dava atenção em momento algum [pausa]. Era, assim, de 25 (vinte e cinco) a 30 (trinta) alunos da turma [sabe], e os meninos já sabiam ler e escrever, e eu não sabia, então [ênfase na fala], ela

dava atenção aos meninos que eram da cidade, que sabiam ler escrever.
 (Entrevista concedida por Maria Beatriz Nascimento Coragem, 2022).

Ela continua:

“Deus sempre coloca anjos na nossa vida [pausa]. Deus sempre bota anjo. Então, eu era amiga, colega, da menina riquinha da cidade [ênfase na fala], menina rica, branca [sabe]. Então, era diferente, ela dava atenção a essa menina [nê]. E aí, como amiga dela, estava sempre na panga dela, sempre olhando o que era que ela fazia [nê], ela sempre me ajudava: ‘não é assim’, ‘não faça assim’. A menina falava, a professora não [silêncio] [voz embargada]. A professora, todo mundo chamava, e ela se aproximava dos alunos que chamava ela, mas, quando era minha vez, ela inventava de fazer alguma coisa e dar atenção a outro colega [pausa]; e, quando eu levantava com o meucaderno para perguntar a ela se estava certo ou errado [voz embargada], ela dizia ‘vá sentar!', e não olhava, ‘vá sentar e pronto!’” (Entrevista concedida por Maria Beatriz Nascimento Coragem, 2022).

Cabe salientar que, muitas vezes, por serem veladas as ações de discriminação, temos dificuldade de nos posicionarmos no enfrentamento com o nosso agressor, principalmente uma criança. E, no intuito de amenizar este sofrimento de fragilidade e medo, Maria Beatriz Coragem manifestava ser grata a Deus por colocar na sua vida “um anjo”, uma menina branca e rica para protegê-la, por ser uma menina com uma postura diferente da postura da professora e lhe dava a atenção que precisasse na sala de aula. Com isso, a construção da identidade dessa menina negra está atrelada à dominação identitária da branquitude, o que me leva a crer que “como sujeitos, as pessoas têm o direito de definir sua própria realidade, estabelecer suas próprias identidades, nomear sua história” (hooks, 2019, p. 100).

Por isso, é tão importante falar sobre a discriminação racial e de gênero, simultaneamente, para debater a construção feminina negra. Digo isso porque, uma mulher negra pode enfrentar desafios que não são apenas uma combinação de sexism e racism, mas uma forma única de discriminação que surge na intersecção dessas duas categorias sociais. A seção a seguir foi organizada com as reflexões sobre o entrelaçamento entre a práxis (proativa, política e criativa), a partir da consciência do feminismo.

4.4 ESSÊNCIA IV: A PRÁXIS (PROATIVA, POLÍTICA E CRIATIVA) A PARTIR DA CONSCIÊNCIA DO FEMINISMO NEGRO

A partir da consciência do feminismo negro, as mulheres negras podem desenvolver uma práxis proativa, como forma de superação do racismo e sexismo nas discussões de fortalecimento do movimento feminista negro, pois não é possível pensar a participação da mulher negra no ambiente profissional, sem manter uma importante conexão entre o desenvolvimento destas duas tarefas, ao ponto delas perceberem a necessidade de assumirem um postura contra-hegemônica dentro da sua militância no movimento feminista . Em razão disso, Lélia Gonzalez (2020, p. 140) afirma o seguinte:

É inegável que o feminismo ,como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que apresentar novas questões não apenas estimulou a formação de grupos e redes mas também desenvolveu a busca de uma nova maneira de ser mulher.

Nesse sentido, é importante enfatizar as contribuições deste movimento político como importante inspiração para as mulheres erguerem a sua voz e reivindicarem seus direitos femininos, o reconhecimento de si mesma como mulher. No entanto, era um movimento liderado por uma maioria de mulheres brancas que reivindicavam a valorização da liberdade individual e a igualdade de direitos entre as pessoas independentemente do gênero, classe social ou origem.

Assim, sem qualquer intenção de trazer à tona uma reflexão mais aprofundada sobre dados históricos do movimento feminista no Brasil, penso que é preciso contextualizar como aconteciam as reivindicações destes direitos políticos dentro deste movimento feminista. De uma maneira geral, as pautas se baseavam nas questões de desigualdade salarial, questões contraceptivas, patriarcado, além das transformações sociais e culturais, abordando temas como sexualidade e gênero. Além disso, conforme hooks (2020, p. 18):

O feminismo sobre o qual mais ouvem falar é ilustrado por mulheres que são primordialmente engajadas em igualdade de gênero – salários iguais para as funções iguais e, algumas vezes, mulheres e homens dividindo as responsabilidades do trabalho doméstico e de maternagem e paternagem.

Dessa forma, é possível perceber a necessidade de se buscar alternativas e soluções para a desigualdade de salários, pois essa questão ainda é uma barreira a ser superada pela mulher negra, inclusive em relação à mulher branca, assim como

as opressões sociais relacionadas às questões da igualdade de gênero, da divisão de tarefas domésticas e das condições de acesso ao mundo do trabalho, atrelado às questões relacionadas ao recorte de gênero, raça e classe, que desqualificam a visão que se tem socialmente da mulher negra em relação à mulher branca, pois, em alguns casos nas famílias com uma grande quantidade de filhos, normalmente, essa função na prestação de serviços domésticos é delegada na maioria dos casos, às filhas, e, quase sempre, a filha mais velha.

Cabe ainda destacar como acontecem as negociações trabalhistas, a prestação de serviço doméstico da mulher negra e seu empregador, o que me faz lembrar agora do relato da egressa negra Maria Felipa de Oliveira Conquista – participante da pesquisa, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha –, contando como aconteciam, na maioria das vezes, as negociações trabalhistas entre seu pai e o seu patrônio, o dono da fazenda em questão, da sua prestação de serviço doméstico. Ela fala o seguinte:

“Era mesma situação [pausa] eu tinha 08 anos e eles não me pagavam salário [ênfase na fala], apenas ajudava minha família com uma cesta básica e comigo, quando precisava de uma roupa [pausa], assim em tempo de festa [nê], no São João, aí eles compravam uma roupinha [pausa], era no mesmo jeito que as casa anteriores [pausa]. Eu lembro mesmo que meu pai me mandou para esta casa, porque [voz embargada] quando eu saí da segunda casa, a da fazenda [pausa], porque este fazendeiro tinha prometido um milheiro de blocos tipo tijolinho para poder ajudar na construção casa [pausa], aí a gente morava de aluguel [pausa] não tinha [nê]. E aí meu pai tinha um terreno e queria construir esta casa [pausa], daí o fazendeiro prometeu os materiais, [pausa], na verdade, ele tinha até dado, no que eu saí da casa [pausa], o fazendeiro veio com carro e levou todos os materiais embora [risos]. Meu pai ficou muito bravo por conta destes tijolinhos [risos longos]. E aí me mandou [ênfase na fala] pra esta outra casa do irmão do fazendeiro [pausa], que prometeu também [pausa] ajudar [pausa], e aí ele deu os tijolinhos ao meu pai[pausa]”
 (Entrevista concedida por Maria Felipa de Oliveira Conquista, 2022).

Diante do relato de Maria Felipa Conquista, é possível observar que houve a exploração da sua mão de obra infantil, pois não recebia qualquer remuneração em troca dos serviços prestados como doméstica na casa do fazendeiro. Além disso, é possível observar que ela não tinha nenhuma consciência sobre a relação de empregada no capitalismo patriarcal, por ser uma criança. Seu pai, como seu tutor, usufruía deste benefício e da força dominadora masculina fortalecida pelas estratégias patriarcais, ao utilizar a mão de obra da sua filha como moeda de troca para suas negociações de materiais de construção, invisibilizando, assim, o direito de

escolha da sua filha.

Diante dessa realidade surge, então, uma questão: No caso de Maria Felipa se ela fosse uma menina branca seria utilizada como moeda de troca? Provavelmente, não porque “a mulher negra é vista pela sociedade brasileira (...) como o corpo que trabalha e que é superexplorado economicamente, ela é faxineira, cozinheira, lavadeira, etc. que faz o “trabalho pesado” das famílias de que é empregada” (Gonzalez, 2020, p. 69).

Dessa forma, ainda que no corpo preto Maria Felipa Conquista fosse uma criança com dez anos de idade, ela era vista com uma menina negra, forte, que podia aguentar o trabalho pesado, pois o que mais importava nesta relação para seu pai era atender às suas necessidades pessoais, mesmo que, para isso, durante o processo das negociações contratuais de emprego, sua filha tivesse sua mão de obra alugada para o serviço, sem nenhuma chance de questionamento à postura do patriarcado. Com esse pensamento, a autora bell hooks (2022, p. 66) afirma o seguinte:

As histórias que localizam na invenção do patriarcado a raiz da dominação podem parecer imprecisas, mas, na cultura dominadora, a família é de fato uma das principais esferas pedagógicas para o ensino do pensamento e da praticada dominação por meio da aceitação e da perpetuação do patriarcado.

De modo similar, Lélia Gonzalez (2020, p. 78-79) contribui para o entendimento sobre a invenção do patriarcado, relacionando-o com a noção de como a consciência se manifesta diante da postura do discurso do dominador. Ela descreve o processo da seguinte maneira:

Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeito desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade.

Acerca disso, trago uma reflexão sobre o que a autora citada acima apresenta sobre o movimento de a consciência excluir o que a memória inclui, mediante ao discurso hegemônico. Assim, a meu ver, esse processo contribui para o silenciamento da mulher negra em sinal de respeito à autoridade e os interesses do patriarcado, pois “para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo, é um ato de resistência, um gesto político que desafia a política de dominação que nos conserva anônimos e mudos” (hooks, 2019, p. 36).

Contribuindo com o pensamento de hooks, apresento o relato de Maria Firmina

Reis Gratidão Sempre, egressa negra, participante da pesquisa, que passou pela Educação Profissional Técnico de Nível Médio – EPTNM, no IF Baiano *Campus Serrinha*, quando ela emite a sua opinião do porquê tinha medo de se posicionar nos lugares por ela transitado:

“Porque eu tinha medo [voz embargada], eu tinha receio, não por ser negra, apenas [pausa], mas a forma que eu iria ser tratada [voz embargada]. Então, eu preferia evitar alguns espaços e alguns lugares, para que eu não fosse vista ou me olhasse de uma forma que eu sabia que iria me machucar [voz embargada]. Hoje eu já não tenho mais problema com isso, e atribuo isso a todo tempo que passei aqui na minha formação no técnico, com a contribuição dos professores [ênfase na fala].” (Entrevista concedida por Maria Firmina Reis Gratidão Sempre, 2002).

Atendo-me, no relato de Maria Firmina Gratidão Sempre, à questão do silenciamento, pois ela, tinha medo de manifestar sua voz em lugares em que seu corpo preto se movimentava, como o ambiente de trabalho ou até mesmo nas relações familiares. Ela não sabia o que fazer ou dizer, por medo da reação das pessoas. Não sabia se a entenderiam ou se a apoiariam , ou até mesmo se ficariam chateados com ela, ao ponto de lhe prejudicarem, pois a “consciência exclui o que a memória inclui” (Gonzalez, 2020, p.78)

Em função disso, as manifestações de medo povoavam o seu pensamento com ideias negativas e pessimistas, ao ponto de lhe colocar limite para superar os desafios e resistir diante das incertezas no tratamento desigual que pudesse sofrer, causando um forte impacto na sua autoestima. Ela preferia se ausentar dos lugares, ao invés de confrontar as opressões sociais.

Contudo, cabe destacar que, no caso de Maria Firmina Gratidão Sempre, seguindo a leitura do seu relato acima citado, é possível observar que ela supera o desafio do medo e aumenta a confiança em si mesma. E essa transformação acontece, segundo ela, durante sua passagem na EPTNM, no IF Baiano *Campus Serrinha*.E contou ,também,com a contribuição dos professores da sua profissionalização.

A egressa negra Maria Firmina Gratidão Sempre, reconhece e valida o contexto educacional do IF Baiano *Campus Serrinha* como um espaço de ensino que tem o poder transformador, ao ponto de contribuir para aumentar a motivação, a confiança das estudantes, além de estimular o seu processo de autorrealização como mulher negra no seu lugar social de fala .

Lembro-me, ainda, do relato da egressa negra Tibúrcia da Cruz Renovação,

Recomeço e Reconhecimento, participante da pesquisa, quando menciona de que maneira aconteceu sua mudança de postura em lugares que seu corpo preto transitou, durante a realização do seu curso técnico nas dependências do IF Baiano:

"Sim, isso mesmo, [ênfase na fala]. Antes [é] eu acho que era mais tímida [voz embargada], porque era uma pessoa mais tímida, não discutia com segurança em público, não levantava meu posicionamento, meu ponto de vista, minhas convicções acerca de alguma coisa, isso [pausa] é, de uma certa forma, o IF faz isso na gente." (Entrevista concedida por Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço e Reconhecimento, 2022).

O ponto fundamental presente nesses relatos das egressas negras está na possibilidade de pensarmos a educação como um ato político capaz de transformar a sujeita ao ponto de promover a libertação do seu medo de falar da sua narrativa de vida. Cabe citar aqui também como esse processo educacional conseguiu proporcionar à estudante, uma nova visão de mundo, uma nova maneira de interagir com sua realidade. Nessa direção, Miguel Arroyo (2017, p. 158) nos diz o seguinte:

Avança-se em reconhecer que o processo de produção de conhecimento é inseparável do processo de produção da cultura, dos valores. Transmitir, inserir as crianças, adolescentes, jovens e adultos na riqueza cultural acumulada pela humanidade ainda resiste a ser reconhecida função da educação básica e superior, função dos currículos, da docência e do material didático.

Na mesma linha do raciocínio supracitado por Arroyo sobre o papel central desempenhado por uma pedagogia transformadora que promova uma aprendizagem significativa na vida do estudante, Pistrak (2018, p. 80) afirma que “a escola deve conquistar para si o direito de ter controle social deste ou daquele campo da vida, o direito e a obrigação de envolver-se com este ou aquele fenômeno, a obrigação de modificarativamente a vida em uma determinada direção”.

Assim, observando a realidade nas escolas da rede de ensino do município em que trabalho como professora, foi possível perceber as dificuldades e os desafios que estas escolas enfrentam para se manterem articuladas à teoria e à prática, ao longo da formação educacional do ser humano. É preciso repensar a práxis pedagógica social da escola, mas esse repensar ultrapassa os limites da sala, os conteúdos intencionados no tempo e no espaço no ambiente escolar. É aí, a meu ver, que está a difícil tarefa da escola de pensar, nos dias atuais, a elaboração de um Projeto Político Pedagógico - PPP que articule os conhecimentos com a formação para cidadania, pois de nada adianta qualificar uma pessoa aculturada nos conteúdos

disciplinares avaliados, se ela não participou como agente ativo do seu próprio aprender.

Dessa maneira, comprehendo, como professora que a teoria e a prática pedagógica estão dentro de mim. Assim, a meu ver, é de grande importância, neste processo de repensar a práxis pedagógica social na escola, que se tenha a presença de mulheres negras educadoras se posicionado com o seu relato de experiências de vida em lugares emancipatórios na formação humana.

Nessa direção, Arroyo (2017, p. 167-168) enfatiza que

O direito à cultura como direito à formação humana é muito mais do que usar a cultura como recursos didáticos e como corretivo social. É assumir que a escola pode e deve ser uma das instituições de acesso à produção e às realizações artísticas. Que a cultura vivenciada na escola pode ser um processo de socialização e de formação da criança, do adolescente, do jovem e do adulto como sujeitos culturais Humanos.

Com relação à utilização da cultura como recurso didático para a formação humana dos sujeitos, foi possível captar, durante as entrevistas realizadas com as egressas negras participantes da pesquisa, como as professoras e os professores no IF Baiano Campus Serrinha elaboravam as estratégias de atividades culturais alinhadas com os conteúdos programáticos das disciplinas no seu curso na EPTNM, a exemplo do *Projeto Margaridas que trabalha o empoderamento da mulher na zona rural e na comunidade a maioria das mulheres tinha uma cor negra, tipo clara, parda* (Entrevista concedida por Carolina de Jesus Gratidão, 2022) e da

"Caravana Agroecológica daqui do Campus Serrinha gente saiu pelas escolas apresentando o projeto [ah] quando vi as crianças tendo interesse em conhecer o que era as Plantas alimentícias não convencionais - PANCS e tendo interesse em provar aquelas plantas que a gente levava. Era Perfeito!" (Entrevista concedida por Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço, Reconhecimento, 2022).

Como se pode ver, a elaboração por parte das professoras e professores de tais estratégias garantiu o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para uma formação humana para o mundo da vida, ao ponto de encorajá-las a pensar a sua vida como mulher negra dentro de um constante movimento de luta e resistência na garantia dos seus direitos. Assim, a proposta da próxima seção é refletir como as políticas reparatórias contribuem neste movimento de luta e resistência na trajetória de formação educacional e pessoal da mulher negra .

4.5 ESSÊNCIA V: EDUCAÇÃO COMO POLÍTICA REPARATÓRIA

Sou encorajada a pensar a minha vida dentro de um movimento de luta e resistência. Compartilho, nesta seção, uma breve reflexão sobre os antecedentes da trajetória educacional do negro no Brasil. A esse respeito, Delgado (2006, p. 59) afirma que “a memória, por sua vez, como forma de conhecimento e experiência, é um caminho possível para que o sujeito percorra temporalidades de sua vida”.

Assim, guiada por esse fio condutor da memória, inicio dizendo que, dentro da perspectiva histórica sobre a trajetória educacional do negro no Brasil, tomamos como marco norteador alguns registros datados do século XX, a exemplo de um importante movimento de força contra o poder hegemônico de maior visibilidade social, cultural e político para a população negra brasileira, sobretudo no sistema educacional.

Traço esse percurso dentro de uma dinâmica que contribua de maneira assertiva com as discussões provocativas das questões relacionadas à africanidade, à oralidade, à ancestralidade, à identidade, à cultura e o pertencimento étnico e racial, a meu ver, combustíveis importantes que impulsionam fortemente a implementação das ações afirmativas nas leis 10639/03³² e a Lei n.º 12.711/2012 de cotas raciais de reparação na luta histórica em favor da efetivação deste legado afro-brasileiro

Face ao exposto, lembro-me, agora do relato da egressa negra Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, participante da pesquisa e que me concedeu essa entrevista. Ela explica o seguinte:

“Antes do IF, não tinha ouvido falar não em Cotas [ênfase na fala]. Quando eu iniciei minha escolarização [pausa], foi numa escola chamada Casa do Menor criada pela Igreja católica. E ela tinha finalidade de atender os filhos dos comerciantes, dos feirantes, daqui do município Serrinha. E aí, meu pai, ele vendia água de coco na praça, por isso a gente conseguiu [pausa]. Minha irmã e eu conseguimos ingressar na escola. E lá eu estudei até o quarto ano [pausa]” (Entrevista concedida por Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, 2022)

Embora a discussão neste momento esteja voltada para as questões das ações de reparação afirmativas com base nas duas legislações acima citadas, com um enfoque maior na lei de cotas de raciais, eu trouxe este relato de Dandara Gratidão e Saudades, para relembrarmos a ação social em favor dos pobres e desvalidos na

³² Responsável por alterar a Lei de Diretrizes Bases e incluir no currículo oficial da rede de ensino o Ensino aobrigatoriedade da temática de História e Cultura Afro-Brasileira

sociedade. Assim, depois da assinatura da Lei Áurea, a população negra caiu à margem dessa estrutura social, devido à falta de garantias institucionais para o acesso ao mercado de trabalho. Em troca, a história relata, nos seus escritos teóricos, que essa situação de tamanha crueldade se perdurou até os dias atuais.

Por sua vez, a Igreja Católica, diante desta situação, desenvolve sua ação social para atender às pessoas, como no caso do pai de Dandara, vendedor de água de coco e trabalhador negro informal. Na verdade, o interesse da Igreja em ajudar os filhos destes trabalhadores vai além da boa vontade cristã, pois o desejo do clero no atendimento destas crianças é que elas se tornassem uma referência, do mesmo modo que a ação catequética dos padres no início do Brasil colonizado tinha a função de domesticar negros e índios através da fé cristã. Então, isso não é uma benevolência cristã, e sim, racismo. É bom lembrar que

Já que o racismo é uma questão de poder, ele sempre exige que nós, membros de grupos subordinados, sejamos conscientes de nosso desejo de poder. Caso contrário, arriscamos afirmar do poder de maneira prejudiciais em qualquer situação na qual estejamos em posição de vantagem (hooks, 2021, p. 131).

E o meu desejo de poder, como mulher negra, é que se faça valer, para a população negra, os direitos garantidos nas políticas públicas educacionais de reparação afirmativa, como, por exemplo a lei de cotas raciais. Em relação à implementação das cotas raciais no Brasil, a intelectual negra Lívia Sant'anna Vaz (2022, p. 93-94) afirma que

Coube aos movimentos negros – com sua luta pedagógica – o papel de convencimento constrangimento do poder público e das instituições de ensino para a paulatina transformação das desigualdades raciais na sociedade brasileira.

Com relação ao Instituto Federal Baiano *Campus Serrinha*, observei que, no edital de n.º 66/2015, já constava uma distribuição para a reserva de (70%)³³ de cotas das vagas para os estudantes oriundos de escolas públicas. Entre as egressas negras entrevistadas, todas acessaram as cotas para o ingresso nos seus respectivos cursos da EPTNM, conforme Quadro 4 a seguir:

³³Para maiores informações, consultar edital nº 66/2015. Disponível em <<https://concurso.ifbaiano.edu.br/portal/discente20161/wpcontent/uploads/sites/26/2015/10/Edital-N%C2%BA- 66-Processo-Seletivo-2016pdf>>. Acesso em: 15 jun 2023.

Quadro 4: Síntese dos editais (Anos 2015-2017)

Edital Nº	Cursos	Forma de Articulação	ESTUDANTES ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS										
			Renda familiar bruta Percapita igual ou inferior a 1,5 salários mininos (Vagas)			Renda familiar bruta Percapita superior a 1,5 salários mínimos (Vagas)			Estudantes com Deficiência	Total de Vagas Cotas	Ampla concorrência	Total de Vagas	Etnia Raça
			Estudantes Pretos	Demais Etnias	Estudantes Pretos	Demais Etnias							
Nº 66/2015-2016	Técnico em Agropecuária	Subsequente	14	8	4	2	2	30	10	40	18 ^A		
Nº 66/2015- 2016	Técnico em Agroecologia	Integrada	14	8	4	2	2	30	10	40	22 ^B		
Nº 67/2015-2016	Técnico em Agroindústria-PROEJA	Integrada	14	8	4	2	2	30	10	40	15 ^C		
Nº 61/2016- 2017	Técnico em Agroecologia	Integrada	13	4	10	3	2	32	8	40	19		
Nº 63/2016-2017	Técnico em Agroindústria-PROEJA	Integrada	13	4	10	3	2	32	8	40	25		
Nº 64/2016- 2017	Técnico em Agropecuária	Subsequente	13	4	10	3	2	32	8	40	12		

A. Nesta turma estão : Maria Beatriz Nascimento Coragem ,Bezinha dos Santos Coragem e Maria Felipa de Oliveira Conquista .

B. Nesta turma estão : Elidneide dos Santos Resilência ,Carolina de Jesus Gratidão e Tibúrcia da Cruz Renovação, Recomeço, Reconhecimento .

C. Nesta turma estão : Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre,Maria Bernadete Pacífico Gratidão Sempre e Dandara de Palmares Gratidão e Saudades.

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Ainda sobre a questão das cotas, é possível observar, no quadro 4, a ausência do recorte de gênero. Há o recorte apenas de raça. Digo isso porque encontrei dificuldade em realizar o recorte da política pública para contestar a formação da egressa negra na EPTNM. Na mesma direção, a egressa negra Dandara Gratidão e Saudades, participante da pesquisa, relata a necessidade de que a política de reparação afirmativa, no caso das cotas raciais, reveja seus critérios de seleção do seu público-alvo e possa atender às pessoas pretas não binárias. Ela afirma:

"Eu accesei as cotas [pausa], mas cotas, ela é uma política que precisava avançar muito, mas, por questões que é uma política, ela foi pensada pra que homens e mulheres pretos e pessoas também não binárias, elas também tenham acesso a espaços. Até então que nós não [pausa] conseguimos acessar [pausa], mas que, infelizmente, o processo de políticas acaba atrapalhando e fazendo assim ela conseguem manter distantes outras pessoas de terem acesso [pausa]"(Entrevista concedida por Dandara de Palmares Saudades, 2022).

Nesse sentido, percebo, no relato de Dandara Palmares Gratidão e Saudades, que ainda temos um longo caminho de luta e resistência pela garantia de direitos nas

políticas educacionais, sobretudo nas políticas de ações afirmativas, como as cotas raciais. Contudo, não se pode esquecer que a realização desta entrevista com Dandara foi no ano de 2022 e, neste mesmo ano, a revisão da lei de cotas estava em tramitação no Congresso Federal e foi aprovada no ano de 2023. Em razão disso, com a atualização do projeto, é possível observar na Lei de Cotas sancionada alguns avanços, como por exemplo, a inclusão dos estudantes quilombolas como grupo específico a se beneficiar pelas cotas.

A egressa negra Maria Beatriz Nascimento Coragem, participante da pesquisa, que me concedeu esta entrevista, nos explica que usufruiu das cotas. Inclusive, o seu nome está escrito na primeira linha no quadro 4 citado acima:

“Eu accesei sim, as cotas é uma porta de entrada para mim, muito importante mesmo e eu acho que um dos benefícios nos encoraja a gente, em especial a mulher negra, pois já não tem muito espaço e lá nós temos a chance de chegar e entrar.” (Entrevista concedida por Maria Beatriz Nascimento Coragem, 2022).

No caso da egressa negra Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre, participante da pesquisa, que me concedeu esta entrevista, ela acredita que seja importante as mulheres negras usufruiu das cotas raciais, pois, além de ser um direito garantido, as cotas ainda trazem um grande benefício como:

“Na representatividade [pausa] e mostrar para outras mulheres pretas que é “possível está ali [pausa], é possível ocupar aquele local [ênfase na fala], que aquele local também é nosso [pausa]” (Entrevista concedida por Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre, 2022).

É possível notar, nos relatos das egressas negras Maria Beatriz Nascimento Coragem e Maria Firmina dos Reis Gratidão Sempre que elas apontam duas questões importantes, quanto ao acesso pelas cotas ao IF Baiano Campus Serrinha. Em primeiro lugar, na visão delas é uma oportunidade de ingresso da mulher negra numa Instituição de Ensino Superior, para a realização da sua qualificação profissional.

E, em segundo lugar, é importante a mulher negra demarcar seu lugar de fala social, por meio da sua representatividade no IF Baiano Campus Serrinha, como diz bell hooks: “É por isso que penso ser importante mulheres negras no ensino superior escreverem e falarem sobre nossas experiências, sobre estratégias de sobrevivência” (hooks 2019, p. 136).

Com base nessas questões, envolvendo a garantia de direitos, como prevê os dispositivos legais, é possível ver a necessidade de se pensar, inclusive no âmbito da Educação Profissional, em estratégias inclusivas que promovam à mulher negra a equidade de condições e direitos educacionais no acesso ao conhecimento e ao fortalecimento do seu pertencimento identitário na EPTNM. No próximo capítulo, apresento o meu percurso no desenvolvimento das etapas de garimpar, selecionar e transformar as preciosidades femininas negras para a elaboração do produto educacional: O caderno de Inspirações para o Ensino: Narrativas (Auto)Biográficas: Mulheridade Negras e Educação Profissional.

CAPÍTULO 5: GARIMPAR, SELECIONAR E TRANSFORMAR AS PRECIOSIDADES FEMININAS NEGRAS, A PARTIR DO ARTESANATO DO CONHECIMENTO

Seguindo a arte do fuxico como manifestação criativa, lúdica, curiosa e divertida, essa bricolagem das preciosidades femininas negras, estão presentes, na minha proposta de Produto Educacional, textos, postagens e podcasts selecionados nas redes sociais virtuais que estabelecem conexão com a mesma temática, a exemplo da categoria raça.

Cabe ressaltar que, para tornar concreto esse meu momento de caminhada, afirmo que minha inspiração ganha mais vigor durante um dos encontros de orientação, realizado na companhia do meu orientador.

Na verdade, digo que esses encontros de orientações marcaram e demarcaram minha trajetória na incansável busca de aprender e apreender, como também de aprender a fazer ciência a partir de uma dinâmica muito intensa, devido à grande potência nastrocas de conhecimento manifestados a cada momento partilhado.

Seja nos encontros presenciais, ou mesmo nos encontros virtuais, sempre estava envolvida com cada uma das etapas do desenvolvimento das atividades de garimpar, selecionar e transformar essas preciosidades femininas negras em verdadeiras jóias raras. E, assim, fui organizando cada uma delas, em cada página que compõe os catálogos do meu Produto Educacional, o Caderno de Inspirações para o Ensino : Narrativas (Auto)Biográficas : Mulheridades Negras e Educação Profissional

Não tenho nenhuma dúvida de que estes encontros corporais pretos se mantém regido por dois conhecimentos expressos na subjetividade e nas experiências do vivido, por mim, como mulher negra e por meu orientador, um homem negro gay. Por essa razão, no momento em que esses conhecimentos se entrecruzam mutuamente, provocam em nós dois um turbilhão de sensações manifestadas no chorar, no olhar, no sentir e no ouvir, em momentos únicos e indescritíveis. Por essa razão, “podemos acrescentar ainda, que a experiência institui uma memória incorporada, ou seja, o corpo cria e, ao mesmo tempo, é habitado pela experiência” (Macedo, 2015, p. 25).

E assim, à medida que movimentava meu corpo preto em busca de novas informações para a construção do caderno de inspirações, a minha conexão só aumentava com tudo que enxergava, ouvia, sentia e me envolvia com as leituras realizadas sobre as experiências de vida de outras mulheres negras como eu.

E foi a partir deste movimento intenso e dinâmico entre os meus achados que os nove temas para cada catálogo se manifestavam a mim. Lembro - me como se fosse hoje, como surgiu o primeiro tema, o tema da Maternidade. Comecei a esboçá-lo já no momento das transcrições das entrevistas compreensivas com as egressas negras, quando realizava a escuta dos registros e captei, nas narrativas, a incidência na importância do amor maternal. E assim, era com muita atenção e respeito por aqueles registros das narrativas que os outros oitos temas se manifestavam a mim: Preconceito, Cor de Pele, Etarismo, Direito, Ações Afirmativas, Estética, Lugar de Fala e Identidade.

Se olharmos, portanto, para o ato de garimpar enquanto o exercício da cientista engajada, observa-se que ele é desenvolvido, no mundo do trabalho, por homens chamados de garimpeiros. A propósito, vale citar que “fatores biológicos não determinam quem pode se tornar monarca ou quem pode negociar no mercado” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 42). Isso explica porque devo continuar como mulher negra executando a arte da garimpagem. Por outro lado, o artesanato, no Brasil, é nitidamente um ato feminino.

Assim, a minha garimpagem virtual se deu na imensa enxurrada de informações presentes nas redes sociais, o que é um ótimo sinal: há muito conteúdo produzido sobre mulheres e as questões raciais. Então, no intuito de não me perder, em meio a tantas informações, resvolvi, junto ao meu orientador, listarmos algumas possibilidades viáveis para uma rota, em que eu mantivesse o foco, sem perder minha expressão criativa.

Dentre as várias opções cogitadas durante as reuniões de orientação, destacam-se as redes sociais do *YouTube*, do *Instagram*, do *Facebook* e do *Spotify*. Minha intenção era me cercar, me apropriar e divulgar outras mulheres como eu, majoritariamente, como deve ter percebido neste texto, sobre as minhas referências teóricas.

Assim, optei por começar as minhas primeiras buscas por informações das preciosidades femininas negras na rede social do *Instagram*. Aponto dois motivos que considero importante citar que me inspiraram na escolha. Em primeiro lugar, devido

aos recursos oferecidos nesta plataforma que facilitavam a procura pelas informações desejadas, como, por exemplo, a bio (descrição do perfil), os *reels*, o *IGTV* e as *lives*, dentre outros. Em segundo lugar, o *Instagram* oferece uma abundância de conteúdo digital acerca do feminismo negro nas relações étnico-raciais. Assim, pude navegar usando perfis abertos a partir dos exemplos, como mostra a Figura 12, a seguir:

Figura 12: Potencialidades do Instagram Garipagem



Fonte: Elaboração da autora (2023)

Para além dessas questões citadas, minha intenção é alinhar essa escrita com os desígnios propostos na metodologia para este estudo de pesquisa. Nesse sentido, descreverei a seguir, de maneira didática, um quadro com o esquema de como aconteceu na prática o desenvolvimento de cada uma das etapas planejadas no processo da garimpagem das preciosidades femininas negras, conforme Figura 13 a seguir:

Figura13: Etapas do Planejamento do Produto Educacional



Fonte Elaboração da autora (2023).

Assim, de acordo com o quadro esquematizado na Figura 13, traçamos o percurso para o desenvolvimento dessas etapas. Ainda que pareça uma ação muito simples de execução, aprofundar cada publicação e temática foi tarefa densa e complexa.

Na verdade, a busca exploratória das informações exigiu muito da minha arte criativa, pois navegava nas redes sociais disponíveis de maneira labiríntica. Tenho consciência de todo o cuidado a ser dispensado para não me dispersar com temas transversais ou ser influenciada pelos algoritmos. Por esse motivo, construí um planejamento descrevendo cada etapa, mas ainda assim, em alguns momentos, lá estava eu, seduzida pelos vídeos no *Reels*, principalmente os que traziam como conteúdo a construção de recursos pedagógicos com baixo custo para crianças com dificuldades de aprendizagem.

Após me render, por alguns minutos, à visualização dessas atividades pedagógicas em vídeos curtos, retomei a rota para seguir cada etapa previamente traçada, visando à execução e à conclusão dessa etapa de garimpar, selecionar e transformar as preciosidades femininas negras em artesanato do conhecimento. Outra questão que considerei importante durante o processo de desenvolvimento desta atividade, para além do esquema, foi a elaboração de um pequeno roteiro que intitulei de “Encontro e Encantamento com os Tesouros Femininos Negros”.

Nele, registrei algumas inquietações que surgiram durante a pesquisa, como por exemplo, o que deveria ser considerado na postagem, além das informações presentes na escrita ou mesmo quantas postagens seriam necessárias em cada uma das categorias previamente definidas durante o planejamento, conforme mostra o Quadro 5 a seguir :

Quadro 5: Encontro e Encantamento com os Tesouros Femininos Negros

ATIVIDADES	
O que pesquisar?	Fotos, textos, <i>cards</i> , vídeos, poesias, poemas, etc.
Por onde começar?	Redes sociais (<i>Instagram, Facebook, youtube, spotify</i> etc.)
O que considerar numa postagem? E quanto a quantidade das postagens para cada catálogo? Como seria ?	As informações ou apenas a imagem sobre a temáticas para inserir nos catálogos de Preconceito, Etarismo, Maternidade, Cor de pele, Lugar de Fala, Direitos, Ações Afirmativas e Estética.

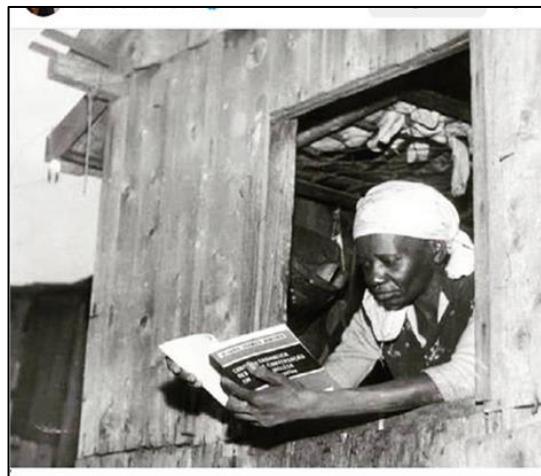
Fonte: Elaboração da autora (2023).

Ressalto, ainda, que minha motivação para atribuir esse nome ao roteiro aconteceu quando accessei o *Instagram*, e, ao primeiro movimento de rolar a página, meu olhar captou e paralisou para observar uma postagem de uma foto de Carolina de Jesus, em preto e branco, na janela de seu barraco, com um livro na mão, conforme a Imagem 9, a seguir.

Parei por alguns segundos e permaneci contemplando aquela imagem. Recordo-me da leitura realizada no livro “Quarto de Despejo”, onde a própria Carolina de Jesus narra sua história de vida. Confesso que fiquei alguns momentos vidrada naquela imagem, sem muito o que dizer, no meu silêncio, encantada com a serenidade transmitida por aquela mulher negra, humilde, com uma presença ancestral que se aproximava da minha realidade de vida.

Por esse motivo, a intelectual Carolina de Jesus foi a primeira mulher negra escolhida por mim como uma das fontes de inspiração feminina negra.

Imagen 9: Meu olhar captou



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/CpxJyCYghzC/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng>>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

A referida postagem, feita pela intelectual negra Carla Akotirene, intitulada “Tempo é Ancestral”, convida as leitoras a compreender o significado da expressão utilizada como título da obra. A intelectual inicia seu texto com um chamamento, nos motivando a prestar reverência às duas personalidades femininas negras, Marielle Franco e Carolina de Jesus, que estabelecem uma conexão ancestral, independentemente dos marcos históricos temporais que atravessaram suas vidas.

Como bem afirma a intelectual negra Carla Akotirene³⁴ (2023), “está acontecendo nos céus o mesmo que está acontecendo na terra. No orun de Marielle Franco, nasceu a intelectual negra Carolina de Jesus”. Sem perder de vista a força ancestral de luta e militância presente no legado deixado por essas duas mulheres negras, Carolina de Jesus e Marielle Franco me contagiam e me encorajam a recontar minha experiência de vida por meio das postagens presentes nas redes sociais.

Sou integralmente conduzida ao desenvolvimento das minhas habilidades rumo às práticas de autogestão e criatividade, a tal ponto que meus sentimentos, opiniões e desejos se afloram neste encontro de encantamento e curiosidade de

³⁴ Trata-se de uma postagem no Instagram. Disponível em: <<

maneira fluida e eficaz, com as preciosidades femininas negras, ao longo de todo o trânsito criativo destas informações e em tudo o que chamava minha atenção durante meu acesso nas redes sociais. E como foi este encontro com as preciosidades femininas negras garimpadas?

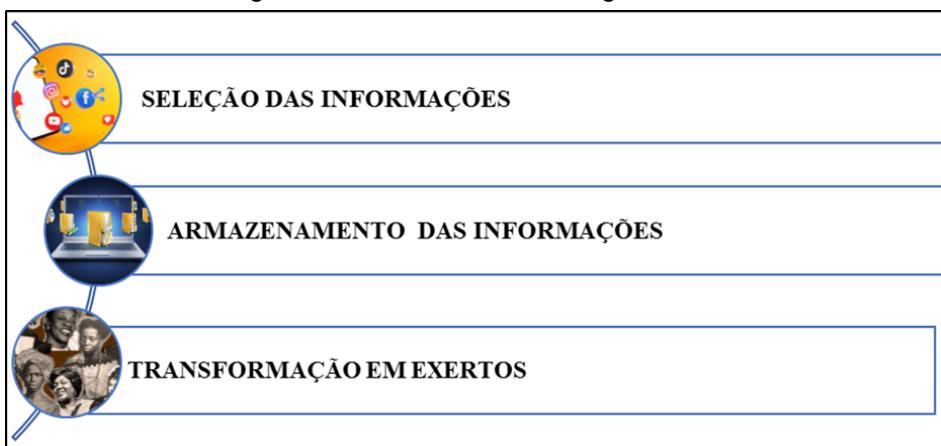
5.1 ENCONTRO, ENCANTAMENTO, CURIOSIDADE COM AS PRECOSIDADES FEMININAS NEGRAS GARIMPADAS

Realizada a garimpagem das informações que dominavam meu olhar durante o acesso às redes sociais do *YouTube*, do *Spotify* e do *Instagram*, sigo para as próximas etapas na seleção das informações para transformá-las em excertos nos catálogos que compõem o Produto Educacional Caderno de Inspirações para o Ensino: Narrativas Autobiográficas: Mulheridades Negras e Educação Profissional, conforme o percurso traçado e descrito no esquema da Figura 14, abaixo.

Mesmo com todas as informações organizadas em pastas etiquetadas com os nomes das temáticas (maternidade, preconceito, etarismo, cor de pele, direito, ações afirmativas, estética, lugar de fala e identidade), não foi tão simples, como eu esperava, administrar a questão do tempo cronológico, bem como a quantidade de material armazenado para a transformação dos excertos nos nove catálogos que compõem o miolo no caderno. Mais uma vez, me enganei, iludida nas minhas pretensões como mulher negra e capricorniana, imaginando que conseguiria, sim, cara leitora. concluir todo este material dentro do prazo mínimo de quinze dias. Foi tarefa árdua e complexa.

Em virtude disso, na Figura 14 abaixo, consta a distribuição detalhada das próximas etapas planejadas no percurso sobre a seleção das informações encontradas, o armazenamento e a transformação em excertos das narrativas negras femininas e organização nos catálogos que compõem o Caderno de Inspirações para o Ensino, de acordo com a Figura 14 a seguir:

Figura 14: Vozes femininas negras ecoam



Fonte: Elaboração da autora (2023)

No que se refere à seleção das informações, eu fui completamente seduzida por tantas imagens femininas negras nas redes sociais que acessava durante a garimpagem, e parte desta sedução vinha das aproximações das vivências manifestadas nas postagens realizadas por aquelas mulheres negras nas suas redes sociais com as experiências vividas pelas egressas negras com quem conversei.

Assim, diante de tantas seduções, busquei fixar meu olhar nas postagens para o armazenamento das informações que mais se aproximasse das vivências das egressas negras, mas que também estabelecesse relação com as temáticas na capa dos catálogos, como identidade.

Para além dessas questões citadas, tenho intenção ainda de que cada catálogo do Caderno seja bastante acessível a um público diverso e presente nos diversos setores da sociedade, como na escola, na família, no grupo de amizades e no trabalho. Em outras palavras, significa dizer que ele se destina a qualquer pessoa que se interesse por discutir as temáticas de gênero, etnia e raça.

Nesse sentido, me dediquei à confecção dos novos catálogos e com os ourives³⁵, realizei a montagem dos excertos das narrativas de maneira delicada. Fui montando no documento de *Word* que preparei previamente com o *design* de bordas e fui inserindo, de maneira artesanal, um por um dos excertos armazenados com as informações garimpadas. Confesso, cara leitora, que em alguns momentos me

³⁵ Ourives: pessoa que comercializa, conserta, reforma ou fabrica objetos feitos de ouro ou de prata. Disponível em: <<<https://www.dicio.com.br/ourives/>>>. Acesso em: 05 out 2023.

imaginei confeccionando várias trouxinhas de fuxico, como as minhas ancestrais numa grande ciranda fazem.

Na continuidade do desenvolvimento da etapa de transformar os excertos, tive dificuldade para conciliar minhas demandas profissionais de docente com as demandas domésticas, assim como as egressas também passaram enquanto estudantes. O que você verá como Produto é o exercício já tão naturalizado de ser polivalente para conquistar sonhos nunca sonhados.

5.2 O QUE SONHAMOS A PARTIR DESTA PESQUISA E ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL

Nesta seção, tratarei sobre as expectativas criadas para o Produto Educacional. Assim, ao considerarmos que este pretende, primordialmente, contribuir para o diálogo e reflexões sobre temáticas vividas e experienciadas, as inquietações e questionamentos advindos da professora ou do professor, da aluna ou do aluno, ou de quem mais for, se relacionam. Desejamos que este Produto possa participar na (re)organização de espaços pedagógicos e educativos. É importante lembrar do que Kaplún (2003, p. 46) trata sobre a importância envolvida na produção de um material educativo:

A que mais nos importa é a que diz que um material educativo não é apenas um objeto (texto, multimídia, audiovisual ou qualquer outro) que proporciona informação, mas sim, em determinado contexto, algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado, isto é, uma experiência de mudança e enriquecimento específico em algum sentido: conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes etc.

Partindo desse pressuposto, é possível compreender que a produção do produto educacional vai além de uma escolha que se concentre simplesmente em uma experiência pessoal ou na crença de que determinado material educativo se adeque perfeitamente a qualquer situação presente na prática educacional.

Nesse sentido, muito se lê, nas literaturas dedicadas a esta temática, uma necessidade de apoiar em primeiro plano o material educativo selecionado, produzido sob a égide de algumas questões norteadoras, como a intencionalidade educativa, o conhecimento prévio, as participantes da pesquisa, as metodologias de ensino envolvidas na produção e execução, a abrangência desejada sobre o tema em questão, além de elencar os procedimentos necessários para avaliação e atualização

permanente do material elaborado.

Outro dado importante neste processo de elaboração e aplicação do produto educacional, concentra-se no envolvimento do/a docente (ou outro sujeito engajado) como participante ativo/a nesta experiência de aprendizagem, estabelecendo assim a produção e aquisição de novos saberes coletivamente, em torno das etapas destinadas à utilização do material educativo no cotidiano escolar. Macedo (2015, p. 39) enfatiza o seguinte:

[...] de acordo com esse pensamento, a experiência não pode ser considerada um adorno em relação à formação, uma ponte que facilita o caminhar da aprendizagem, mas um verdadeiro referencial que nos serve para avaliar a situação, uma atividade, um conhecimento novo, um *ser* em transformação. (*grifo do autor*)

Diante dessa perspectiva, é importante considerar a transformação por parte de quem se engaja por meio dessas experiências e vivências. Ela ou ele se apropria de novas estratégias que o permitem participar de uma nova dinâmica de mudanças significativas, tanto na sua postura profissional quanto na promoção de uma relação implicada entre o seu processo formativo e sua ação pedagógica cotidiana no âmbito escolar, criando outras espacialidades de participação e formação. Importa destacar também as questões referentes às possibilidades implicadas na utilização de determinado produto educacional, para atender às necessidades de repensar as ações educativas no âmbito das instituições de ensino formal e informal.

Assim, conforme as orientações do documento da área de ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES para a produção deste recurso educacional, utilizaremos uma das propostas presentes na classificação de Material Textual, o “Caderno de Inspirações para o Ensino”, com o intuito de agregar, em seu corpo textual, uma variedade de gêneros textuais, como carta pessoal, instruções de uso, entre outros. Optamos pelo tipo textual da categoria narrativa.

Em relação às contribuições advindas do uso dos gêneros textuais como manifestação da linguagem oral e escrita utilizada pelo ser humano nas inúmeras situações comunicativas cotidianas, Marcuschi (2010, p. 31) afirma que os gêneros “não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”.

O intuito é salvaguardar as experiências e vivências das egressas negras da educação profissional técnica de nível Médio (EPTNM), ancorados nas narrativas autobiográficas, pois como afirma François Dosse (2015, p. 82):

Esse trabalho de tecelagem visa pois, a ligar a escrita literária a elementos biográficos e seu contexto, para valorizar-lhes o sentido: “Cada obra de um autor, vista e examinada em seu contexto, cercada de todas as circunstâncias que lhe assistiram ao nascimento, adquire seu pleno sentido – sentido histórico, sentido literário – e retorna seu grau exato de originalidade, novidade ou imitação”.

Nesta perspectiva, ao escolher a referida proposta do caderno de inspirações como produto educacional, compreendemos, desde logo, que a sua função está alinhada com nossa intenção inicial no seu sentido primeiro, como uma proposta pedagógica para o ensino. Acreditamos, assim, que a validade impregnada na mensagem de referência para a prática pedagógica presente neste material didático alcance diferentes grupos sociais, tais como instituições da educação básica nas modalidades do ensino fundamental anos finais e ensino médio, universidades, comunidades quilombolas, entre outros, empenhados em revisitar atualmente as concepções da educação, direcionando, em sua natureza, reflexões de inclusão às questões de gênero, etnia, raça e de caráter integracionista em prol da população negra.

Neste momento, para descrever como foi a construção do produto educacional, proponho um diálogo com as seções anteriores constituídas com as etapas do planejamento.

5.3 CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Como foi colocado nas seções anteriores, elaborei etapas dentro de um planejamento que pudesse me conduzir até a construção de cada um dos nove catálogos que compõem o Caderno de Inspirações. Estruturalmente, os catálogos estão divididos em quatro tópicos: “Para inspirar O que diz? Para Escutar e Refletir”, por meio de uma breve introdução de cada uma das temáticas que nos guiará nos nove catálogos. No tópico “Para Respirar a Partir do que Pensar”, utilizo-me dos excertos das narrativas (auto)biográficas das vivências das egressas negras que passaram na EPTNM.

Nessa perspectiva, compartilho em cada uma das temáticas presentes no caderno as histórias de vida de mulheres negras como nós que, ao relatarem suas experiências de luta, resistência e de conquistas, nos convidam à coletividade sobre a necessidade de contarmos, registrarmos a nossa própria experiência de vida, como um legado ancestral para as próximas gerações de meninas e mulheres negras.

Em seguida, no tópico “Para Transpirar - O que fazer?”, trago sugestões de atividades, na sua maioria de cunho pedagógicas, porque este Produto Educacional (PE) encontra-se atrelado à Linha 2 – Organização dos Espaços Pedagógicos na EPT.

E, já quase finalizando, temos o tópico “Para Pirar”. A proposta, neste tópico, é que você, leitora, fique completamente à vontade para navegar nas sugestões propostas para cada temática entre as jóias que encontrava nas redes sociais por mim acessadas, como trechos de filmes, vídeos, *lives*, músicas, leitura de artigos e de notícias, *posts* do *Instagram*, vídeo do *Youtube*, dentre outros. E, por fim, temos uma carta da autora.

Em relação às cores utilizadas nos catálogos, nos inspiramos nas cores do arco-íris e no amarelo vibrante presente no Sol e na minha flor de preferência, o girassol. Além disso, inserimos planta originárias da Savana Africana e da Caatinga brasileira, me inspirando a partir da seguinte questão: Como seria uma África Catingueira? Então, o convite está feito: vamos liberar a nossa imaginação e viajar pela África Catingueira!

Espero que você goste, leitora, desta experiência da imersão nestas histórias de vida destas mulheres negras, pois, mesmo que não seja dito todos os dias, é preciso entender que temos de cuidar uma das outras, pois

Reunir-se para conversar uns com os outros é um importante ato de resistência, um gesto que demonstra nosso interesse e a nossa preocupação; nos permite enxergar quem somos um coletivo, que podemos ser uma comunidade de resistência (hooks, 2019, p. 156).

Nesse sentido, vou, sim, mapear o caminho, conversar com o coletivo de mulheres negras. Escutá-las é o nosso primeiro propósito no presente Produto Educacional o Caderno de Inspirações para o Ensino: Narrativas (Auto)biográficas: Mulheridades Negras e Educação Profissional.

Assim, vou demarcando, em cada uma das suas páginas, a construção das narrativas (auto)biográficas das egressas negras da EPTNM, no IF Baiano Campus Serrinha, com seus respectivos avatares, pois utilizo-me dos recursos de aplicativos

da Inteligência Artificial (IA)³⁶, uma vez que esta tem sido uma área de grande desenvolvimento e avanço na história recente. Nas últimas décadas, houve progressos significativos tanto na teoria quanto na aplicação prática da IA em várias áreas, desde assistentes virtuais e carros autônomos até diagnósticos médicos e análise de dados.

Outros avanços significativos na história recente da (IA) foi o desenvolvimento de assistentes virtuais³⁷, como a Siri da Apple, o *Google Assistente* a Alexa da Amazon. Esses assistentes utilizam técnicas de processamento de linguagem natural e aprendizado de máquina para entender comandos de voz e fornecer respostas ou executar tarefas específicas. Em resumo, a história recente da inteligência artificial é marcada por avanços significativos em algoritmos de aprendizado de máquina, jogos estratégicos, assistentes virtuais e aplicações práticas em várias indústrias.

Esse tipo de inteligência continua a evoluir rapidamente e é esperado que desempenhe um papel cada vez mais importante em nosso dia a dia e assim em respeito as orientações do CEP / UNEB consta no Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice B) de resguardar o sigilo na identificação das egressas negras como já foi dito anteriormente no capítulo da metodologia, bem como seus respectivos endereços.

Ainda cabe salientar que compartilho com você, leitora, no nosso caderno uma única presença masculina, na voz de um Griô Capilla. Ele é um homem negro, uma importante personalidade negra no Território do Sisal, que, com sua sabedoria ancestral, nos encanta e nos contagia com sua alegria, além da sua enorme vocação para transmitir os conhecimentos sobre as comunidades de resistência do povo negro para as questões de gênero, etnia e raça, em Serrinha .

Assim, dada a importância deste Produto Educacional na sua área de concentração, a de ensino, O Caderno de Inspirações se propõe a:

1. Construir, junto com as egressas negras da educação profissional tecnológica técnica de nível médio EPTNM, uma proposta pedagógica do

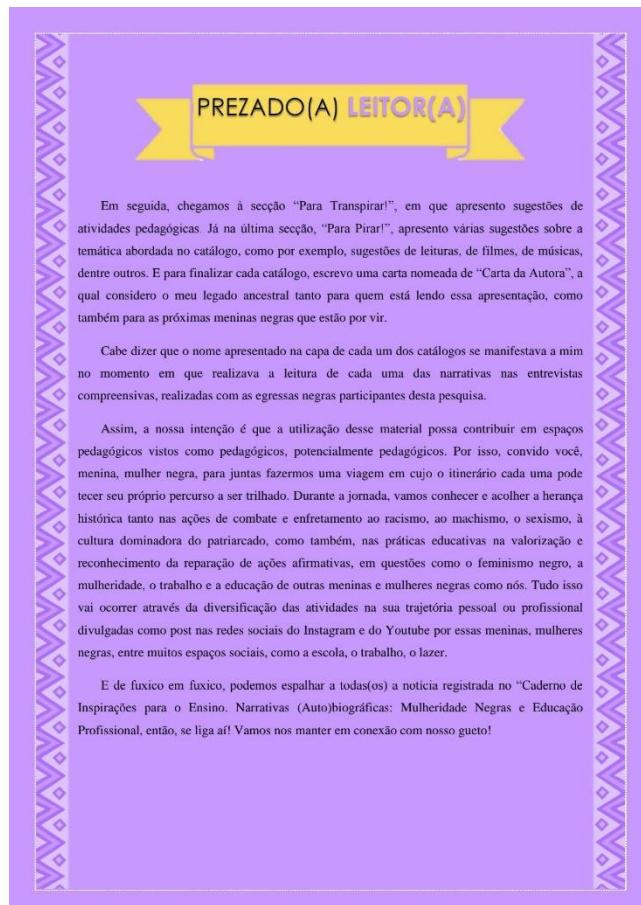
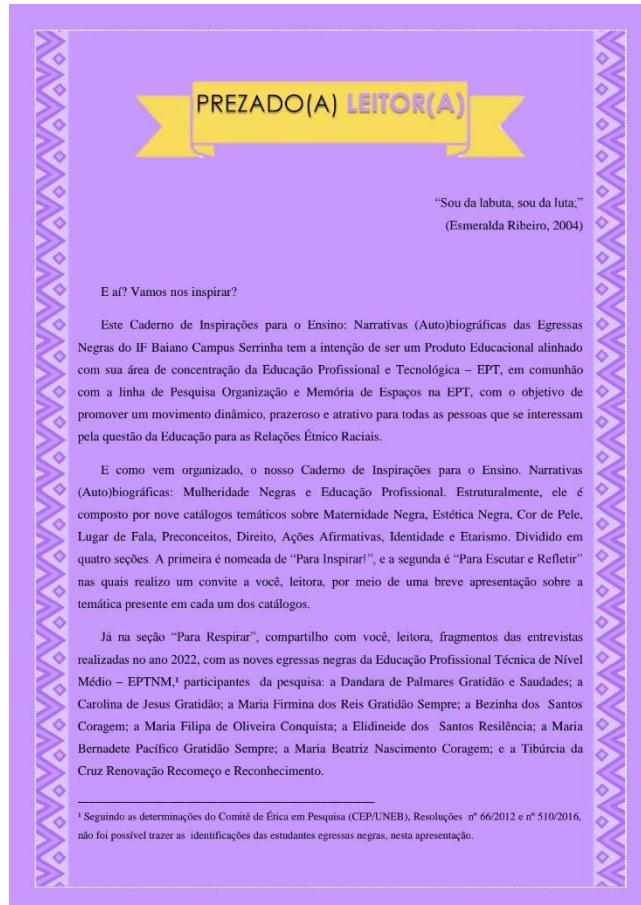
³⁶ Para maiores esclarecimentos, consultar fonte disponível em: <<<https://industrial.ai/blog/historia-da-inteligencia-artificial>>> e em:<< <https://www.ibm.com/ibm/history/ibm100/us/en/icons/deepblue/> >>. Acesso em: 09 out 2023.

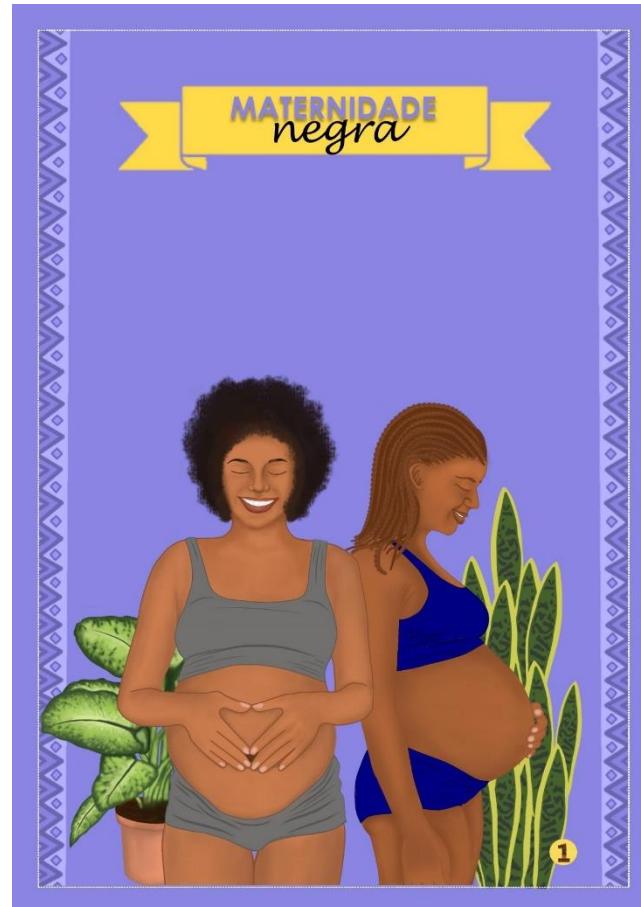
³⁷ Disponível em: <<http://www.hcc.inf.puc-rio.br/EMAPS/userfiles/downloads/Resenha-Alpaydin2016.pdf>>> e em: <https://exame.com/tecnologia/watson-o-fascinante-computador-da-ibm-que-venceu-os-humanos/>>>. Acesso em: 09 out 2023.

- caderno de inspiração para a educação antirracista;
2. Contribuir com sugestões de atividades pedagógicas apresentados nos nove catálogos do Caderno de Inspirações para o Ensino, como recursos didáticos sobre as várias temáticas, como Preconceito, Estética, Maternidade, Lugar de Fala, Direito, Ações Afirmativas, Cor de Pele, Preconceito, Etarismo; todas pensadas para prática pedagógica para a educação antirracista.
 3. Aproximar o uso deste Produto Educacional, o Caderno de Inspirações, para o ensino de todas as pessoas que se interessam pela temática das relações étnico-raciais.

Figura 15 : Caderno de Inspirações para o Ensino







PARA RESPIRARI
A partir do que pensar?

"E agora como é que eu vou [pausa] estudar em duas Instituições [pausa] eu não vou desistir em nenhuma porque eu não sou mulher de desistir [ênfase na fala] como vou abrir mão de trabalho [pausa] que trabalhava 40 (quarenta) horas para ter que estudar e ainda com três filhos nas costas sem ninguém para mim ajudar e tomar conta [voz embargada] porque eu já não morava mais, com meus pais desde os meus 18 (dezoito) anos [pausa] antes disso logo quando eu engravidé com 17 (dezessete) anos" (Dandara de Palmares Gratidão e Saudades, 2022)

Acredito que esteja relacionada a igualdade de gênero [ênfase na fala] eu tiro por experiência própria [pausa] eu sou uma mulher preta periférica mãe de três crianças solo e não tenho uma rede de apoio [voz embargada] se não fosse a minha ousadia tão grande [ênfase na fala] no primeiro ano, no primeiro semestre de curso [pausal] eu teria desistido porque a gente não tem uma política dentro do IF Baiano é uma política estudiantil que venha atender a essa mãe "(Dandara de Palmares Gratidão e Saudade, 2022)





**Terceira Etapa:
A Roda de diálogo**

Nessa etapa de maneira dinâmica ocorrerá a partilha das ideias defendidas individualmente, por cada uma das participantes o intuito de convencer as demais participantes do grupo sobre sua intenção na escolha daquelas palavras. Concluída essa etapa de convencimento e de seleção das palavras manifestadas ao grupo de mulheres pelas participantes como resposta a questão proposta acima.

Em seguida ao comando da(o) mediadora (o), solicitar as participantes que relacionem com as palavras filtradas durante esse diálogo entre todas mulheres participantes da Oficina. Uma situação (sofrida ou presenciada) de racismo sobre a estética do seu cabelo crespo.

**Para concluir
a Oficina
Última Etapa:**

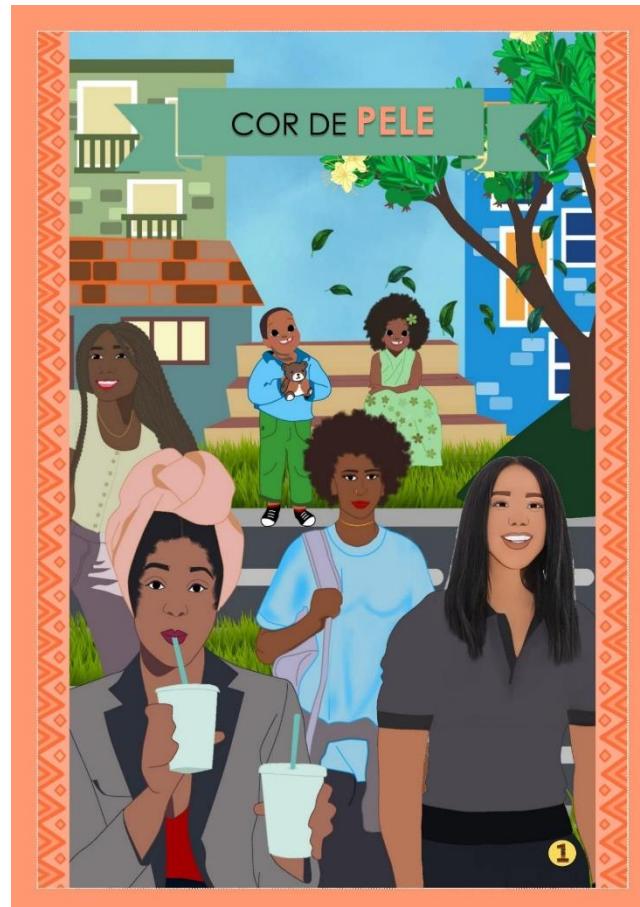
A(o) orientadora(o), irá propor as participantes que escreverem uma carta para si mesmo relatando quais os sentimentos manifestados durante a sua participação em cada etapa da Oficina de Sensibilização: Quão versátil é o meu cabelo crespo.

Como cantiga de saída a(o) mediadora (o) recitará o Poema **Cabelo Duro**⁵ da Coleção pessoal da poetisa Thayná Andrade Silva Barreto. Citada por Empoderadas (2016) na página do Facebook #Dicempoderadas.

Cabelo duro? Não.
Meu cabelo é cacheado,
livre, solto, macio, afro,
encaracolado.
Duro é ter que conviver, e
ainda ter que ouvir pessoas
de pensamentos e valores
tão ridículos e
ultrapassados.
(BARRETO, 2016⁵ data provável)

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/hashtag/dicempoderada>> Acessado em: 22ago.2023.

11



1

PARA TRANSPARAR!
O que fazer?

Olá! leitora!
Recomendo como Recurso Pedagógico a oficina de Artes no tema Cor de Pele.

Título: Oficina de Artes Plásticas – As cores da pele

O que encontrar?

Ações de estratégias metodológicas planejadas pela arte educador Hélio Rodrigues que visa reconhecer e valorizar a diversidade que nos caracteriza. Assim, a execução desta oficina consiste na observação pelos participantes de diversos tamanhos e cores das máscaras africanas.

Como usar?

Como recurso pedagógico com vista a ampliar o conhecimento sobre a diversidade que nos caracteriza de maneira criativa e inovadora para as meninas e mulheres negras.

Onde encontrar?

Disponível em: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/programacao/interna/572>.
Acesso em: 7 set. 2023.

8

Post do Instagram

Instagram IF Baiano Campus CATU

O que encontrar?

Informações sobre cursos, palestras, ações do NEABI etc.

Por qual motivo?

O IF Baiano exibe temporadas de episódios no Papo Ciência sobre a Educação das relações Étnico – Raciais.

O que diz?

Racismo Estrutural, vamos conversar sobre isso?

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=AZLYuRY7Hx4>

Acessado em: 14.set.2023.

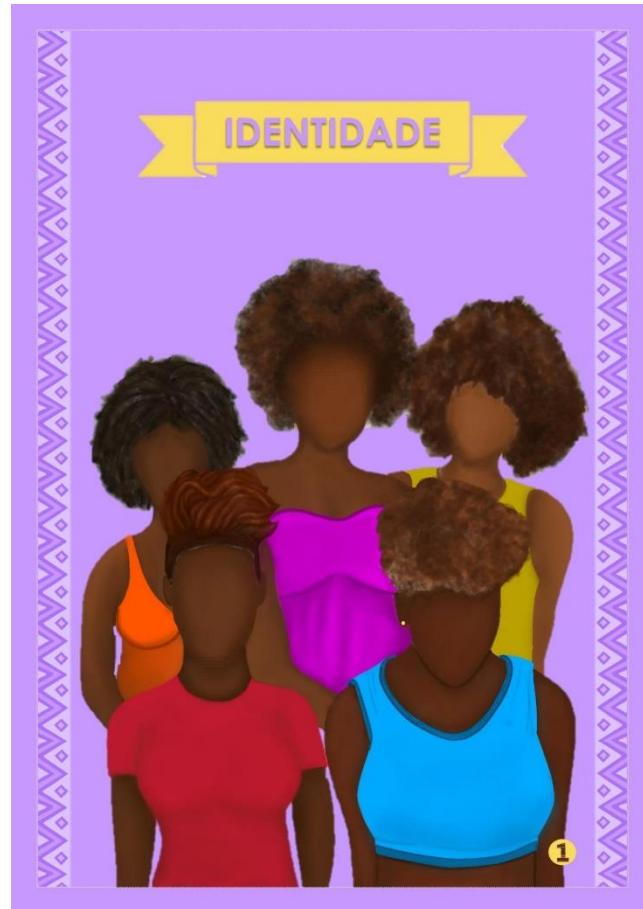
QR CODE

Autoria: Guilherme Kafe
Título do post: Videozim singelo da gente cantando "Irene" texto de Manuel Bandeira musicado por Ana Maria Carvalho.
Local: São José dos Campos -SP
Data que foi postado no Instagram: 06 de maio de 2023.
Nome do perfil : @guilherme.kafe

Disponível em:
<https://www.instagram.com/reel/Cr5qJeRgGwv/?igshid=YTUzYTFiZD>

Acessado em: 15.set.2023.

14



Na intenção de fortalecer o entendimento acerca da proposta pedagógica deste Produto Educacional na sua área de concentração, a de Ensino, apresento na Figura 15 acima, uma seleção de imagens extraídas nos nove catálogos que compõem O Caderno de Inspirações para o Ensino, no intuito de contribuir com o percurso na avaliação desta proposta pedagógica destinada a favorecer a construção de uma educação, mais inclusiva democrática e transformadora.

5.4 TRAÇAMOS O SEGUINTE PERCURSO NA AVALIAÇÃO DO CADERNO DE INSPIRAÇÕES PARA O ENSINO

Nessa perspectiva, com o intuito de sistematizar as informações para uma posterior descrição dos dados coletados na avaliação deste Produto Educacional (PE). Descrevo a seguir, de maneira didática, cada uma das etapas que compõem o percurso para avaliação deste recurso pedagógico (PE), pelas egressas negras participantes da pesquisa e pelas convidadas da *Coletividade Feminina Negra: Elas por Elas*.

- **Etapa I:** Elaborei um instrumento de avaliação na Plataforma Google Formulário. Em seguida, encaminhei, via *WhatsApp*, para as egressas negras uma mensagem com o prazo de uma semana para devolutiva da validação. Junto com essa mensagem, enviei, também, o *link* do formulário de avaliação (Apêndice C) e um arquivo (em PDF) com o Caderno de Inspirações para o Ensino.
- **Etapa II:** O formulário de avaliação (Apêndice C) contém seis questões no total, sendo cinco questões objetivas, que foram respondidas obedecendo uma escala de aferição: 01 (ruim), 02 (médio), 03 (bom), 04 (ótimo). Para além das questões objetivas, foi disponibilizada uma questão subjetiva para a avaliadora manifestar sua opinião com suas próprias palavras, conforme o Quadro 6, a seguir:

Quadro 6: Avaliação do Produto Educacional

QUESTÕES	ITENS A SEREM AVALIADOS
01	Sobre sua estética e organização, o material promove diálogo entre o texto e as imagens?
02	Sobre os catálogos que compõem o caderno de inspirações, eles apresentam tópicos interligados e coerentes?
03	A linguagem empregada no caderno de inspirações é acessível e possui encadeamento bem definido?
04	Quanto à proposta didática do caderno de inspirações, o leitor precisa possuir conhecimentos prévios para compreender os assuntos abordados?
05	De que maneira é possível utilizar o caderno de inspirações em sala de aula?

Fonte: Elaboração da autora (2023).

A respeito da sistematização das informações coletadas nas questões objetivas, identifiquei as egressas negras nomeadas no Quadro 7 abaixo com a letra (E), seguida da numeração correspondente pela ordem de chegada das respostas nos formulários de avaliação no meu e-mail. Foram enviados, via *whatsapp*, nove *links* com formulário no privado das egressas negras. E obtive oito devolutivas destas avaliadoras. Após a tabulação das respostas enviadas, cheguei ao seguinte resultado na pontuação, de acordo os critérios descritos na escala de aferição no Quadro 7, a seguir

Quadro 7 - Sistematização das Informações Coletadas

Avaliadoras	ESCALA DE AFERIÇÃO 01 ruim, 02 médio, 03 bom, 04 ótimo				
	ITENS AVALIADOS				
	Estética Organização	Coerência	Linguagem	Proposta Didática	Acessibilidade
E1	4	4	4	4	3
E2	4	3	4	4	3
E3	3	4	4	4	4
E4	4	4	5	4	4
E5	4	4	4	4	3
E6	4	4	4	4	4
E7	3	4	4	4	3
E8	4	4	4	4	4

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Fica evidenciado, pela numeração apresentada no Quadro 7 acima, que o conceito “bom”, para o ítem acessibilidade, obteve maior prevalência em comparação com os demais conceitos presentes na escala de aferição. O resultado evidencia que a dificuldade possa estar atrelada ao formato digital do Caderno de Inspirações, em PDF, pois dependendo dos recursos disponibilizados, como aplicativos de editores de texto, é possível converter o documento para uma melhor visualização e leitura. Em relação à única questão subjetiva, no formulário de avaliação, apresento, no quadro 8 a seguir, a descrição das respostas concedidas pelas avaliadoras

Quadro 8 - Tabulação da questão subjetiva

Avaliadoras	Questão 6: De que maneira é possível utilizar o caderno de inspiração em sala de aula?
E1	Em minha opinião, através de resumo de slides roda de leitura.
E2	Através de roda de conversas e palestra sobre o item apresentado.
E3	O caderno de inspiração é incrível, maravilhoso seria muito bom para ser usado com leitura que promovesse debate em sala de aula.
E4	Pode ser usado como recurso didático em sala de aula.
E5	Debates, conceituações, inspirar, apropriar-se do conhecimento, etc.

E6	Pode ser utilizado para leitura, como forma de incentivar para os alunos que eles podem sonhar e realizar esse sonho, que, muitas vezes, é proibido pela nossa família.
E7	Roda de leitura
E8	Em atividade de leitura com os alunos.

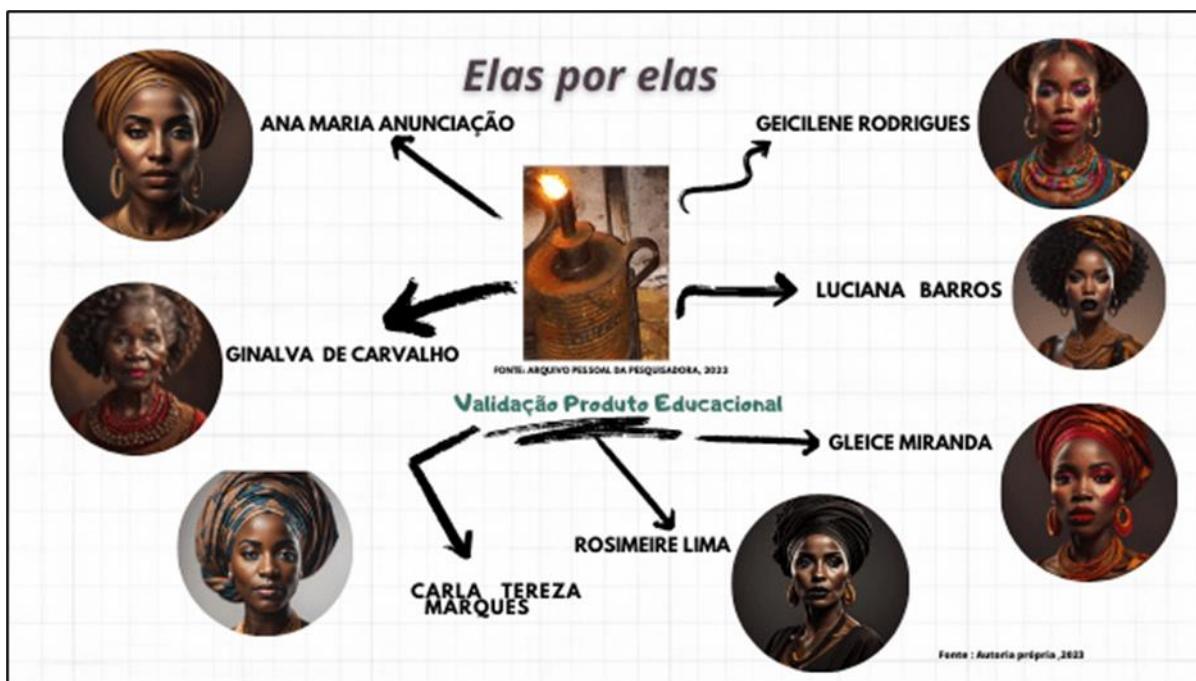
Fonte: Elaboração da autora (2023).

Posso concluir, então, que a maioria das respostas nos formulários das egressas negras no que tange à utilização do Caderno de Inspirações para o Ensino como uma proposta pedagógica, houve uma maior produção de opinião das avaliadoras para incentivar o hábito e o prazer pela leitura, em sala de aula. A seguir, apresento mais três etapas de avaliação deste Produto Educacional:

- **Etapa III:** Nomeada com o título de *Coletividade Feminina Negra: Elas por Elas*, o caderno assume a função de aproximar as avaliadoras destas coletividades negras, mesmo que cada uma resida em municípios diferentes, como Serrinha, Valença, Xique-Xique, Ichu e Salvador. Cabe salientar que a escolha destas outras vozes femininas não aconteceu de maneira aleatória, considerei seu interesse e as aproximações destas sete mulheres negras com as discussões das questões de gênero, etnia e raça, no seu lugar de fala.

É importante destacar que as imagens das mulheres foram criadas pela Inteligência Artificial no Programa Imagine Art. Generator. Assim, essas mulheres negras criadas pela IA podem até não existir fisicamente, contudo, ao observar os rostos delas, lembro-me com carinho que elas podem se assemelhar com alguma pessoa, bem próxima a mim, inclusive, as minhas convidadas. Vamos conhecê-las, por meio da representação dos seus respectivos avatares? Observe a Figura 15, a seguir:

Figura 16: Coletividade Feminina Negra: Elas por Elas



Fonte: Elaboração da autora (2023).

- **Etapa IV:** Assim, foi encaminhado, via *WhatsApp*, para cada uma destas mulheres, um *Card* e o arquivo em PDF do Caderno de Inspirações, com a seguinte solicitação: que elas fizessem vista ao material e me enviasse um texto escrito à mão, em formato de cartinha, dizendo como esse material lhe inspira a pensar o seu processo de ensino-aprendizagem e como você poderia usá-lo em seus espaços pedagógicos.
- **Etapa V:** Nesta última etapa, acontece a devolutiva escrita, em formato de cartinha, dizendo como esse material inspira as mulheres negras convidadas a pensar o seu processo de ensino - aprendizagem e como elas poderiam usar, em seus espaços pedagógicos, este Caderno de Inspirações para o ensino. Assim, dos setes convites enviados, recebi a devolutiva de cinco cartas, conforme as figuras (17 a 21) a seguir . Cabe salientar que mantendo, nestes documentos, a sua formatação textual original, em respeito à preservação dos relatos memorialísticos destas mulheres. No entanto, é importante notar a beleza impregnada na escrita destes tesouros femininos que se expressam nos sentimentos e pensamentos transmitidos por estas mulheres negras, em forma da narrativa de vida ou de poesia, a exemplo da Figura 17, intitulada como Movimentos atentos da Pesquisadora Social Negra .

Figura 17: Movimentos atentos da Pesquisadora Social Negra

Feira de Santana, 16 de Outubro de 2023.

Olá, leitores/as!

Sou Geicilene Rodrigues dos Santos, mulher preta, professora da educação básica, geógrafa, pesquisadora social e escritora. Sou nativa de Valença – Baixo Sul da Bahia e resido na cidade de Feira de Santana-Ba, há onze anos. Apresento-me para que vocês, leitores/as, conheçam quem vos escreve e saibam de onde venho/sou.

Gostaria que soubessem também, como fico feliz em escrever para vocês, esse foi um convite muito especial feito por minha amiga Juciene Malaquias e eu não hesitei em estar por aqui. Venho, não somente pela amizade, mas, sobretudo pela preciosidade que Juciene produziu. O produto educacional, caderno de inspirações nomeado de Inspirações para o Ensino: Narrativas (Auto)Biográficas: Mulheridades Negras e Educação Profissional, aborda sobre educação, com os olhares atentos às questões étnico-raciais. Cada um dos seus catálogos passeiam por uma discussão que vai desde a identidade negra, até a discussão sobre políticas afirmativas. São nove catálogos que vocês podem acompanhar de maneira fluida e didática. Cada temática nos apresenta, além de reflexões, conhecimento e partilha – pois nos indica, a partir do seu próprio movimento, outros movimentos que podemos realizar.

Enquanto professora da educação básica, vejo esse caderno de inspiração como uma grande ferramenta didática e pedagógica a ser utilizada e discutida nas minhas aulas. Com ele, eu poderia discutir sobre cor de pele, ao falar sobre população brasileira e autodeclaração realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE); ainda, ao falar sobre o processo de formação da população brasileira, trazer uma abordagem sobre direito e ações afirmativas, discutir sobre a formação do território brasileiro, trazendo apontamentos e dicas do catálogo de preconceito. Atesto que são inúmeras, as possibilidades de uso e debates que servem não somente para minha sala de aula, mas para tantas outras e para tantos outros lugares que desejam/precisam fortalecer uma educação antirracista.

Atenciosamente,



Fonte : Envio da carta para autora (2023)

Na carta encaminhada, a intelectual negra, a geógrafa Geicilene Rodrigues dos Santos, expressa sua satisfação e alegria pelo convite recebido para fazer parte desta etapa de avaliação do produto educacional. Ela aponta as potencialidades como professora na educação básica para a utilização deste caderno de inspirações na sua prática pedagógica como um importante recurso didático para o ensino de diferentes conteúdos na disciplina de geografia, de forma lúdica e criativa. Além disso, ela convoca o compromisso coletivo de todas e todos que se interessam pelas temáticas abordadas neste caderno de inspirações para fazermos o uso deste material na construção de uma educação como prática antirracista.

Na mesma linha de raciocínio, a intelectual negra e professora Ginalva Carvalho denuncia os estereótipos e as opressões impostas pelo racismo e pelo sexismo. Ela também reconhece as contribuições deste recurso metodológico, o caderno de inspirações, como importante ferramenta de transformação e emancipação de meninas e mulheres negras no seu lugar de fala. No tocante à utilização deste recurso em seu espaço pedagógico, ela vai na mesma direção do pensamento de Geicilene, ao sugerir a utilização dos recursos pedagógicos oferecidos pelo caderno, para o ensino de diferentes conteúdos de maneira interdisciplinar e para inclusão no ambiente escolar de uma educação antirracista, conforme a figura 18, a seguir:

Figura 18: As histórias que nos foram contadas

Carta à autora

É um grande prazer prestigiar esse lindíssimo trabalho, feito com tanta beleza e boniteza, referindo-se aqui ao nosso grande inspirador Paulo Freire. Seguimos nessa direção, enquanto professoras e educadoras, no combate às diferentes formas de opressão e como essas se expressam nos corpos de meninas e mulheres negras no nosso país, na nossa cidade e nas nossas escolas.

As vivências e experiências de mulheres negras na nossa sociedade são fortemente delimitadas pelo racismo estrutural. Nossos corpos carregam registros de um pretérito de luta e de um presente que ressoa como vozes de resistência.

As histórias que nos foram contadas até aqui reforçam a retórica dominante. Uma saga do projeto colonial mercantil, alavancada pelo avanço da pretensa sociedade

neoliberal, na qual se costura um ideário de mulheres pretas a partir de seus corpos tratados, pelo viés econômico, ora como mercadorias ou produtos de consumo, ora como oferta de mão de obra barata de pouca qualificação.

A desconstrução desse modelo de sociedade e do imaginário social branco e privilegiado se faz presente tanto nos movimentos sociais negros em sua diversidade, como nos espaços acadêmicos a partir da construção de novas epistemologias que promovam ações, pedagógicas antirracistas. Sendo assim, a educação escolar é um espaço privilegiado de garantia dessas ações.

Os registros das histórias de vida apresentadas neste trabalho se concretizam como uma ação política e pedagógica, de fundamental importância para atividades trabalhadas em sala de aula. Torna-se um material sugestivo que pode ser utilizado com referência nas escolas e espaços formativos, uma vez que possibilita a formação da autoestima de meninas e mulheres negras, e no fortalecimento de práticas antirracistas no ambiente escolar. Esse trabalho deve ser fonte de inspiração para outros novos, que promovam vidas e deem significado para histórias de meninas e mulheres negras do nosso país, nossa cidade e nossas escolas.

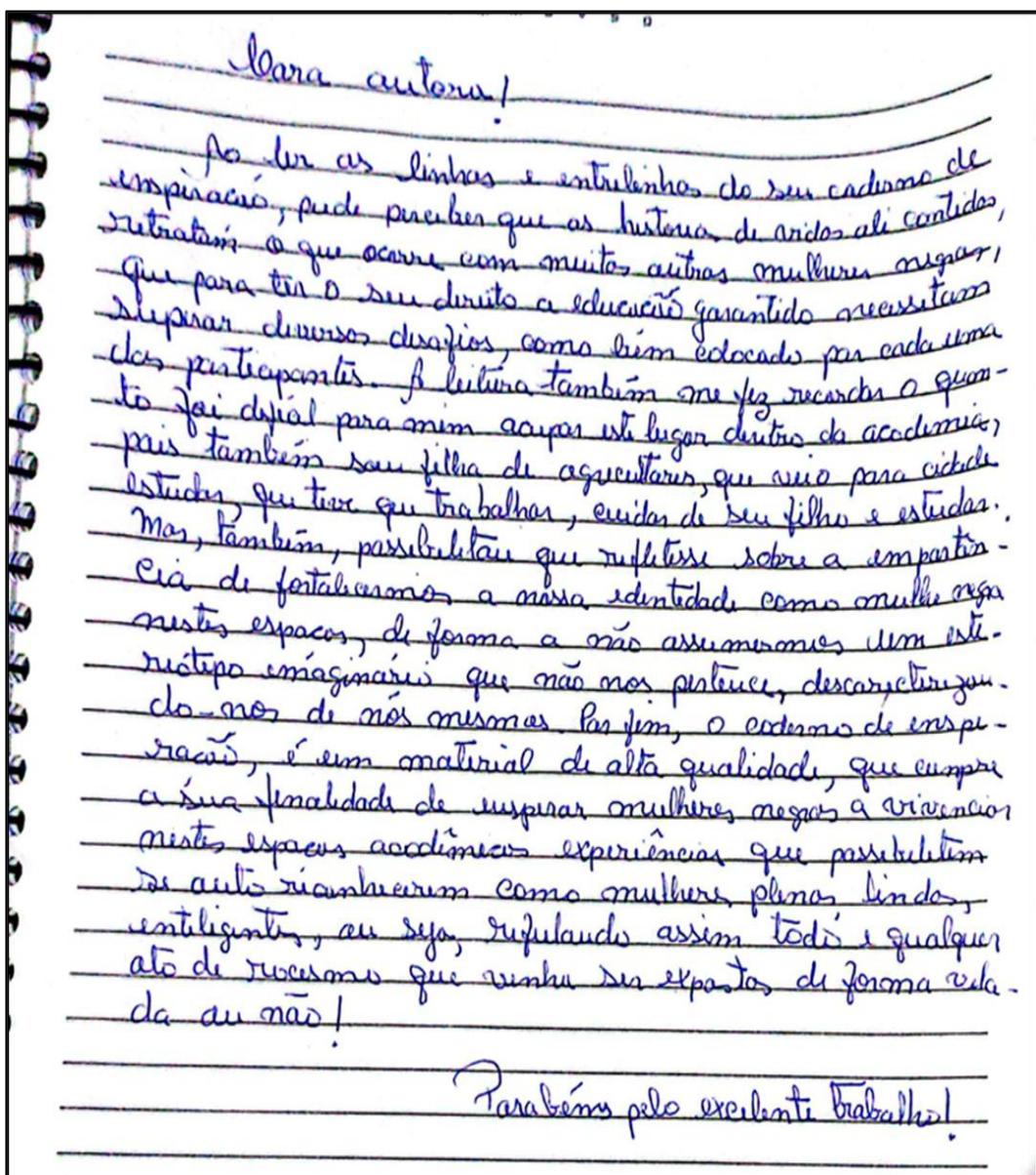
Gratidão por me oportunizar nesse lindo momento

Ginalva Carvalho
Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
Campus Serrinha

Fonte : Envio da carta para autora (2023)

Nesta perspectiva, a narrativa da intelectual negra e da professora Rosimeire Lima se entrelaça com o pensamento das intelectuais acima citadas, a meu ver, quando ocorre a sua identificação imediata como mulher negra da roça com as narrativas de vida das egressas negras. Assim, no ato da identificação, ela desenvolve o sentimento de enteropatia, que nos permite compreender melhor os desafios e as conquistas desse coletivo feminino, o de mulheres que enfrentaram o racismo e machismo na sua trajetória de vida para concluírem o seu curso técnico na EPTNM, conforme mostra a Figura 19, a seguir:

Figura 19: Nas linhas e entrelinhas da experiência vivida



Fonte : Envio da carta para autora (2023)

Diante desta realidade, a intelectual negra, professora-intérprete Luciana Barros, relata como foram preciosas as contribuições de outras mulheres para o fortalecimento da sua construção identitária no seu convívio social. Ela reforça o pensamento destas intelectuais citadas, quando reafirma, na sua fala, a importância deste caderno de inspirações como uma necessidade primeira para valorização e a (re)construção identitária no resistir e existir de meninas e mulheres negras nos diversos setores da sociedade, inclusive, no setor educacional.

Figura 20 : Revistando as memórias femininas negras

Serrinha, 20 de outubro de 2023

Olá! Sou Luciana Barros, mulher negra não retinta, altura mediana, cabelos crespos com luzes, olhos castanhos, nariz largo, lábios grossos. Professora-intérprete de LIBRAS, mãe de Pedro e de Laryssa. Tive uma infância difícil, poucos recursos e muitos irmãos, um pai alcoólatra e mãe com conflitos emocionais. Em uma comunidade quilombola que não se reconhecia como tal, embora tivesse todas as características. Eu, uma menina de pele clara e cabelos crespos sofria preconceitos em casa, na escola e na comunidade, pois era “muito negra para ser branca” e “muito branca para ser negra”. Esse era o meu conflito diário, chorava e me sentia feia, rejeitada e excluída. Todos me diziam que eu era feia e estranha e que eu era o pior tipo de negro que existia, pois era “branca de cabelo duro”. Foi na escola que aprendi que eu era linda e que existiam rainhas e princesas com as minhas características. Cresci, me ressignifiquei, me tornei professora especialista em cabelos crespos. E, tanto no salão como em sala de aula, falo da importância do amor-próprio e do empoderamento crespo e da importância dele para afirmação da identidade, desde a infância. Atualmente, aos 40 anos, meu cabelo é a minha referência e me possibilita ser referência para as crianças da minha família e comunidade geral. Faço referência e agradeço às minhas professoras que foram responsáveis pela minha evolução e ressignificação. Aproveito para ressaltar a importância desse trabalho desenvolvido por Juciene dos Santos, o quanto vai colaborar com o empoderamento de crianças, mães e jovens negras, enfim, todas as mulheres que tiveram acesso a esse conteúdo, tomando como exemplo a minha experiência, pois, ao realizar a entrevista com ela, me possibilitou revisitá-las com muita emoção e me fez pensar com maturidade em tudo que passei e quanto foi importante para me tornar quem sou. Gratidão!

Luciana Barros.

Um abraço afetuoso.

Fonte : Envio da carta para autora (2023)

Por fim, fui agraciada com um poema da poetisa e intelectual negra, a professora Ana Maria Anunciação, que nos encanta em cada estrofe com palavras que revelam sua sensibilidade e sua militância pelas questões antirracistas. Fiquei extremamente emocionada com suas palavras, pois percebi que ela se soma com as intelectuais supracitadas quando ela nos convida a erguer a nossa voz num só sentimento para pensarmos e para compartilharmos das nossas experiências, dos nossos saberes e fazeres como fonte de inspiração no fortalecimento do nosso legado na coletividade feminina negra. A Figura 21 abaixo contém o referido poema:

Figura 21: Ressignificando o(re)existir do Coletivo Feminino Negro

O Caderno de Inspiração vem ressignificar

Essa escrita veio apresentar
 O Caderno de Inspirações
 Como algo especial
 Narrativas a encantar
 De riqueza coletiva e individual

Deu conta do que importa
 Refletiu outros horizontes
 Partilhou cultivos
 Apresentou alternativas

A partir do simples
 Dos corpos cansados.
 Dos caminhos percorridos
 Dos sonhos possíveis

Evidenciou a palavra ritualizada
 A labuta do (re)existir
 Nos entremeios da criatividade
 Do lutar em coletivo

Fez bom uso da voz
 Das vozes diversas

No combate a mentalidade racista, sexista, lgbtfóbica
Uma necessidade para a vida

Parabenizo o encontro especial
Ao Professor Davi e pesquisadora Juciene

Desejo um novo caminhar
Essa dupla special
Que une sber téorico e popular.

Celebro a produção
O objetivo foi mais que alcançado
Com vozes em união

Foi dado bem o recado
Em nome dos habitantes dessa terra
Minha gratidão e muito obrigada
(Ana Maria Anunciação da Silva)

Fonte : Envio do poema para autora (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados para a construção desta pesquisa, evidencia-se uma boa quantidade dos marcos normativos sancionados, como a Lei 10.639 sancionada em 2023, que preconiza a obrigatoriedade nos estabelecimentos da Educação Básica o estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, e, garante, desta forma, que a estudante negra acesse em sala de aula as reflexões e discussões de combate às desigualdades sociais, de gênero, de etnia e de raça.

Apesar disso, é importante destacar que, infelizmente, na prática, a aplicação desta política pública de ações afirmativas ocorre de maneira diferente e tão desigual no contexto educacional, como observado na literatura escolhida como aporte teórico na fundamentação da pesquisa e na construção das narrativas das experiências vividas pelas egressas negras na EPTNM.

Há de se considerar que o grande desafio não está tão somente no cumprimento, pelas(os) professoras(os), de maneira pontual, dos encaminhamentos condicionados por este marco normativo, no âmbito desta instituição de ensino. A meu ver, essa tarefa de estabelecer interlocuções sobre a temática não é só do professor em sala, mas, sim, de toda a comunidade escolar incluindo a equipe gestora da instituição, os pais, os movimentos sociais negro e de mulheres negras, as(os) estudantes e os funcionários administrativos, para juntos pensarem estratégias de disseminação para o cumprimento, na sua efetividade, deste dispositivo legal na escola.

Cabe ressaltar, também, no caso dos IF Baianos, a existência em rede do Núcleo de Estudo Afro-brasileiro e Indígena – NEABI, responsável por implementar ações e atividades voltadas para as políticas étnico-raciais, tanto dentro do campus, quanto fora dele, com a comunidade externa, com a participação de representante dos agentes sociais que atuam como importantes parceiros na divulgação e participação das ações voltadas às temáticas da educação antirracista.

De igual maneira, entendo, ainda, que outros aspectos possam contribuir neste processo de implementação e efetivação do que determina a referida lei, no espaço escolar. Refiro-me à estruturação de políticas públicas educacionais relacionadas ao cumprimento destas ações afirmativas como direito garantido, e não como um mero favor de reparação histórica ao povo negro.

Com isso, percebo o quanto é necessário que as instituições de ensino de Educação Básica, em especial IF Baiano *Campus Serrinha*, em parceria com o NEABI, contemplem em suas atividades pedagógicas diárias reflexões sobre questões que envolvam as categorias de gênero, etnia e raça, com vista a potencializar, nas estudantes negras, o autorreconhecimento do seu legado ancestral, como também criar possibilidades de elas repensarem seu lugar de fala social.

É bom ressaltar que obtive, como resultado na pesquisa, a resposta para minha questão, a partir da interpretação das categorias de gênero, etnia e raça na construção das narrativas de vida das egressas negras na EPTNM, bem como os meus objetivos (geral e específicos), que serviram de fio condutor na encruzilhada da minha escreviência. Isso inclui ,a realização das entrevistas comprehensivas dos registros interpretativos das categorias de gênero, etnia e raça das narrativas (auto)biográficas nas experiências e vivências destas mulheres negras egressas na EPTNM no IF Baiano *Campus Serrinha*, para a construção, de maneira colaborativa, do produto educacional, o Caderno de Inspirações para o Ensino : Narrativas (Auto)biográficas : Mulheridade Negras e Educação Profissional.

No entanto, há algumas questões que não consegui dar conta e ficaram para as próximas pesquisas. Em primeiro lugar, penso na aplicação do produto educacional Caderno de Inspirações para o Ensino : Narrativas (Auto)biográficas : Mulheridades Negras e Educação Profissional, na presença das egressas negras participantes da pesquisa. Em segundo lugar, penso em fazer um artigo sobre as categorias criativas das intelectuais negras que contemplam as categorias de gênero, etnia e raça. E, por fim, quero fazer uma reunião com a comunidade escolar do IFBaiano *Campus Serrinha* para propor os meus resultados

Assim, destaco como principais achados, na realização da pesquisa, os seguintes aspectos: em primeiro lugar, o fato de ter proporcionado às egressas negras refletirem seu lugar social de fala, a partir da construção das narrativas (auto)bibliográficas sobre suas experiências e vivências quando passaram pela EPTNM; e, em segundo lugar, essa pesquisa me fez compreender como estes corpos pretos viam e sentiam as questões de gênero, etnia e raça, durante a sua formação na Educação Profissional .

Para além dessas questões, outro aspecto desponta com igual relevância na realização da pesquisa: o diferencial manifestado pelas egressas negras nas questões direcionadas sobretudo ao gênero e à raça na EPTNM e as suas contribuições durante a sua formação no reconhecimento e na valorização do legado constituído historicamente pelos seus antepassados como fonte imprescindível no fortalecimento do seu pertencimento identitário de luta e resistência no Território do Sisal.

Frente a isso, é inevitável não dizer o quanto essa pesquisa me atravessou, como mulher negra e pesquisadora que sou. Não tenho nenhuma dúvida de que estabeleci uma potente e indissolúvel conexão no dinâmico encontro geracional com o meu *gueto* no Território do Sisal, porque foi muito intenso e sublime perceber como íamos construindo, passo a passo, o nosso legado ancestral e como as narrativas destas mulheres Negras da Educação Profissional em Serrinha se aproximavam da minha narrativa de vida em Simões Filho, a tal ponto de me causar confusões para separar o que era meu e o que pertencia a cada uma delas.

Então, o que fica de aprendizado desse movimento único e verdadeiro entre a mulher negra pesquisadora e as egressas negras é que essas vozes não desprezaram o sentido da sororidade. Isso me faz pensar o quanto foi importante ter me permitido na Educação Profissional, como mulher negra, pesquisadora, pois vivenciei e experienciei uma educação como prática da liberdade para a vida pessoal e, principalmente, profissional, como professora da educação básica municipal.

Por fim, destaco que a conclusão desse estudo significa que estamos no caminho certo na busca de ampliarmos o debate sobre as questões de gênero, etnia e raça como importante instrumento de luta e resistência social na valorização da identidade da mulher negra, que continua no constante movimento de (re)construção.

POSFÁCIO

O texto que você acabou de ver ler me lembra a letra da música *Yáyá Massemba*, cantada lindamente por Maria Bethânia. Leia um trecho:

“Quem me pariu foi o ventre de um navio
 Quem me ouviu foi o vento no vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar no seu terreiro
 Epa raio, machado, trovão”

Juciene Malaquias, minha orientanda (agora dirão ex-orientanda), será para sempre um exemplo de intelectual. Como na letra acima, a ancestralidade é uma entidade polissêmica que a rodeia. Sua força-motriz vem de um lugar que conhecemos, mas não vivemos. Vem de um lugar que sonhamos e nem todos e todas realizam. Vem de um lugar que é idêntico (como o espelho e o reflexo de Oxum) àqueles que foram tomar posse negados e por nós ocupados. Aos gritos. No bater dos calcanhares. Nas sombras de nossa pele escura. No estridente tilintar dos adereços. No movimento dos torços e enfeites de cabeça. No brilho da luz que vem de dentro, negro.

Por muitas vezes, eu tive que encorajá-la. Não porque ali não há coragem, mas com mãos dadas, veias com veias, corações com corações, a dúvida de si (não criada por nós) toma conta como um feitiço. O ventre do navio nem sempre é mãe, mas sempre é base, recomeço, esperança, desassossego.

Seu texto pulsa indignação. Sentimento perpétuo de quem sabe que as correntes ora invisíveis podem, num rabo de arraia, tombar gente forte. Por isso se indigna. A indignação é a tatuagem no corpo de quem não pode esquecer que lutar é condição, cruel, mas necessária. E esses grilhões que não a pertencem se rompem exaustos pois ali não há o que segurar.

A sua contribuição é ascendente e descendente. Não estamos acima e nem abaixo, estamos lado a lado. Ao chamar mulheres com tez, robustez e cor de solo massapê, o chão treme em gratidão. Juciene é uma força imperiosa da ancestralidade. Seu texto é semblante de uma alma indignada por dever ser.

Na sua formação como mestra, sentimentos e momentos que não constam no texto são preciosidades que nenhuma alforria é capaz de tirar de seu âmago. Leu a si mesma e as companheiras, exaltou com paciência suas contribuições. O que vi ao meu redor foi uma ciranda cantante de mulheres negras indignadas. Ao ler o texto, senão percebeu, recomece.

Para o campo temático da pesquisa, posso assegurar que uma mulher negra ouvir a si mesma e outras já é por tudo o que é, suficiente. Quantas delas ainda desejam também ter e dar a voz? É uma força Massemba que serpenteia o texto. É um jatobá que se abre frondoso saudando o jenipapeiro, a gameleira, o ájobi e o apáoká. É resistência griô chamando atenção.

Para a rede de educação profissional (uso o minúsculo de propósito), o maiúsculo da ciência é ter gente como Juciene Malaquias interessada em colaborar. O lombo, antes disposto a curvar, agora celebra que pode interferir, mediar e protagonizar. Não há quem impeça a Massemba de serpentejar.

Então, o ventre que simula a vida dá origem a sonhos que não são solitários, são fuxicados, entremeados, alinhavados com a noção escurecida dos motivos pelos quais fazemos ciência neste país. Juciene é protagonista, mas não solitária. Quando chama “as dela”, sabe, mesmo sem saber, que ressignificar não faz sentido, se apagar. Ressignificar só faz sentido se for por nós.

Como orientador desejo que possa, a partir das indignações tratadas no texto, não a achar feroz, selvagem, arredia. Pense que o canto Marabô em forma de dissertação e produto que agora é de todas e todos que desejarem, é barro de sapê num castelo que precisamos ocupar. Juciene é intelectual negra, não por eu estar dizendo. Ela é intelectual, pois decidiu ser.

REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petropolis, RJ: Vozes, 2017.

BELLO, Ales Angela. **Introdução à fenomenologia**. Tradução: Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Educ, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Compilado até a Emenda Constitucional no 105/2019. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BRASIL **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-publicacaooriginal-137498-pl.html>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

COSTA, Joseane da C. P. **A gente não encontra tudo aqui**: formação, trabalho e experiência a partir de egressos/as do Ensino Médio Integrado do IF Baiano Campus Catu. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-ProfEPT).Catu,2021.Disponível em : <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/603921>>. Acesso em: 28 jan.2024.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo: Centauro, 2008. 10. ed.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, François. **O desafio bibliográfico**. Escrever uma vida. Tradução Gilson Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015. 2. ed.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007. 8. ed.(re. atualizada) – São Paulo : Ática,2007.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista brasileira de educação**. n. 21, set-dez, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 09 out. 2023.

GONZALEZ, Léila. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GORDILHO, Viga. **O vestido fuxiqueiro: um conto para todas as idades [fuxicando arte]**, Maribel Domenech. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16734/1/o-vestido-fuxiqueiro.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2023.

HALBWACHS, Maurice . **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 2. ed.

Erguer a voz pensar como feminista pensar como negra. Tradução: Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

Olhares negros: raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhumi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 14. ed.

Teoria Feminista: Da margem ao Centro. Tradução: Rainer Patrícia. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo. Tradução: Bhumi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. 9. ed.

Escrever além da raça teoria e prática. Tradução: Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

Intelectuais Negras. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 468, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 09 set. 2023.

JUNIOR, Rufino Rodrigues. **Pedagogias das Encruzilhadas**. Revista Periferia: Educação, cultura e comunicação. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71-88, Jan./Jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

KAPLÚN, G. **Material educativo: a experiência de aprendizado. Comunicação & Educação, [S. I.]**, n. 27, p. 46-60, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i27p46-60. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>. Acesso em: 7 nov. 2021.

KAUFMANN, Jean-Claude **A entrevista Compreensiva**: Um guia para pesquisa de campo. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência compreender /mediar/saberes** experienciais. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: Dionísio, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOREIRA , Daniel Augusto. **O método Fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioeira Thomsoon, 2002.

MARTINS, José de Souza. O artesanato intelectual na sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 13-48, jun./dez, 2013. DOI: 110.20336/rbs.41ISSN:2317-8507. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002647751>>. Acesso em: 29 set. 2023.

OYEWÙMÍ. Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, Amanda Schreiner; VORCARO, Angela Maria Resende; KESKE-SOARES, Marcia. Do discurso do agente do Outro à voz-apelo do sujeito. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 2, p. 431-447, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/TtKytYbNCcqWmwkCLXvzbkx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 jan 2023.

PISTRAK, Moisey Mikhaylouick. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução: Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

RIBEIRO, Esmeralda. “Ressurgir das cinzas”. In: BARBOSA, Marcio; Ribeiro Esmeralda . (org.). **Cadernos Negros** (volume 27: poemas afro-brasileiros). São Paulo: Quilombohoje, 2004, p. 63.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 4. ed.

VAZ, Livia Santa'ana. **Cotas Raciais** (Coleção Feminismos Plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro). São Paulo: Jandaira, 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44,p. 203-220,2014.

DOI:10.239/temáticas. v22i44.10977. Disponível em:
<[>](https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977).
Acesso em: 12. nov 2021.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAIANO -**

CAMPUS CATU

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA – EGRESSAS NEGRAS

1. Como você se sente, egressa do cursos profissionalizante na Educação Profissional Técnico de Nível Médio IF Baiano *Campus Serrinha*?
2. Como você se vê agora, após a conclusão do seu curso na Educação Profissional Técnica de Nível Médio IF Baiano *Campus Serrinha*?
3. De que maneira você se percebe como mulher negra?
4. Como é para uma mulher negra fazer uma profissionalização na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IF Baiano *Campus Serrinha*?
5. Em que momento, na sua formação na Educação Profissional Técnico de Nível Médio no IF Baiano *Campus Serrinha*, você precisou refletir sobre ser uma mulher negra?
6. Em sua opinião, a Instituição do IF Baiano *Campus Serrinha* trabalhou a relação entre a mulher negra e o mundo do trabalho?

7. Como você vê a inserção e permanência da mulher negra da Educação Profissional Técnico de Nível Médio no IF Baiano *Campus Serrinha*, no mundo do trabalho ?
8. De que maneira você percebe no seu cotidiano ações de combate ao racismo?
9. O que significa para você o termo *raça*?
10. Em sua opinião, como a implementação de cotas raciais diminiu as desigualdades de gênero na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IF Baiano *Campus Serrinha* ?
11. Qual é sua origem étnica?
12. Em quais situações, no seu processo da formação educacional, você vivenciou ações afirmativas relativas à Lei 10.639/03, na Educação Profissional Técnica de Nível Médio IF Baiano *Campus Serrinha*?
13. Como você vivenciou abordagens das categorias gênero, etnia e raça nos componentes curriculares durante todo seu curso na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IF Baiano *Campus Serrinha*?
14. Em quais situações do seu processo de formação na Educação Profissional, você experienciou a promoção de um projeto que valorizasse e assegurasse a diversidade étnico-racial no IF Baiano *Campus Serrinha*?
15. Em sua opinião, os conteúdos trabalhados durante seu curso profissionalizante na Educação Profissional no IF Baiano *Campus Serrinha* estabelecem relações com as categorias de gênero, etnia e raça?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO - CAMPUS CATU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Convido você a participar do Projeto Narrativas autobiográficas de egressas negras da Educação Profissional na Bahia, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) Campus Catu, sob a responsabilidade da mestrandona e pesquisadora Juciene Malaquias dos Santos , que é orientada pelo prof. Dr. Davi Silva da Costa. O projeto em questão pretende autobiografar como as egressas negras interpretam as categorias de gênero, etnia e raça na Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), no IF Baiano Campus de Serrinha. A pesquisa está cadastrada no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Se você aceitar participar da pesquisa, contribuirá para reconhecer as contribuições da formação profissional para a história de vida dos estudantes egressas. Essas informações serão registradas em um *Caderno de Inspirações: Autobiografia das Egressas Negras na Educação Profissional*, elaborado de maneira colaborativa, que poderá ser acessado por pessoas de diferentes espaços educativos. Sua colaboração é voluntária e se dará através das seguintes etapas: responder o Instrumento de coleta de dados (questionário), elaborado pela pesquisadora; em seguida, a entrevista individual, como também, avaliação do protótipo do Caderno de Inspirações. Além disso, os registros fotográficos e documentais poderão ser utilizados na composição do *Caderno de Inspirações: Autobiografia das Egressas Negras na Educação Profissional*, desde que devidamente autorizadas pelos participantes. As entrevistas serão realizadas obedecendo as etapas metodológicas previstas nessa investigação,

a qual desenvolveremos de maneira mista (presencial e virtual). Para os encontros presenciais, utilizaremos o Instrumento de coleta de dados (questionários ou entrevistas comprehensivas, gravador digital, câmera fotográfica). Referente aos encontros virtuais, adotaremos como ferramenta tecnológicas a plataforma *Google Meet*, como também os instrumentos de coleta de dados (questionários ou entrevistas comprehensivas). Os registros documentais serão cedidos pelos participantes, de modo a comporem seus relatos de história de vida. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem ser: possível constrangimento, vergonha ou desconforto, durante a entrevista e possibilidade remota de divulgação dos dados confidenciais. Esses riscos serão reduzidos e/ou evitados, através: da escolha de data e horário combinados; da disponibilização da entrevista, na qual poderão ser excluídos trechos que julgar desnecessários, sendo permitido também a eliminação de toda a entrevista; da omissão de responder qualquer questão em que você não se sinta à vontade; do armazenamento dos dados em local sigiloso e seguro; do acesso aos dados apenas pela pesquisadora. No que se refere à avaliação e à validação do protótipo do *Caderno de Inspirações: Autobiografias das Egressas Negras na Educação Profissional*, é possível ocorrer constrangimento, vergonha ou desconforto durante este processo de divulgação de dados confidenciais. Com relação aos benefícios desta pesquisa, estes podem ser os seguintes: contribuir para reconhecer a formação profissional para a história de vida dos estudantes egressas; promover a possibilidade de ampliar as discussões sobre as categorias de gênero, etnia e raça na Educação Profissional Técnica de Nível Médio; promover a reflexão sobre a continuidade dos saberes ancestrais; tornar este estudo de conhecimento para diferentes instituições e sujeitos como referência possível no processo dialógico entre os pares. Esta pesquisa atende aos requisitos éticos previstos na legislação atual referentes ao anonimato, confiabilidade e participação voluntária. Será assegurada a garantia da suadignidade enquanto participante, mantendo o princípio da integridade e da justiça e equidade, bem como o direito de manifestar a sua liberdade (autonomia) expressa no acordo (ou não) com o que será apresentado como proposta. Se você sofrer algum dano por conta de alguma atividade feita na pesquisa, e ficar realmente comprovado que a pesquisa foi a causadora do dano, você terá direito a uma indenização garantida pela pesquisadora. E, se depois de autorizar a participação na pesquisa, você quiser desistir de continuar participando, você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados em revistas e eventos científicos, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Os dados dessa pesquisa serão cuidadosamente guardados em um banco de dados pela pesquisadora por um tempo máximo de cinco anos. A pesquisadora se compromete, após o término do trabalho final, de apresentar os resultados da pesquisa e o Produto Educacional (*Caderno de Inspirações*) elaborado. Tanto os resultados da pesquisa, quanto o *Caderno de Inspirações*, também ficarão à disposição no local onde a pesquisa foi gerada. Você será devidamente esclarecido(a)

de toda e qualquer dúvida (ou informação) que venha a ter (ou queira saber) antes e durante a pesquisa, e caso não encontre a pesquisadora pessoalmente, você poderá entrar em contato através do endereço: Rua Presidente Medice, n.128 – Ponto de Parada, Simões Filho, Bahia, CEP: 43700000 Telefone: (71) 9980-1371, e-mail: jucienemalaquias13@gmail.com; ou com meu orientador, Davi Silva da Costa (71) 99338-7585. Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no seguinte endereço: CEP/UNEB, Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1ºandar - Cabula, Salvador- BA. CEP: 41.150-000, telefone: (71) 3117-2399 e e-mail: cep@uneb.edu.br ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP: Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D – Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF.

Consentimento Pós-Eclarecido

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Concordo que as informações obtidas e as minhas experiências/vivências poderão ser utilizadas, sem constar minha identificação, em atividades de natureza social e acadêmico-científica, as quais não terão fins lucrativos sob nenhuma hipótese. Este documento é emitido em duas vias, que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um(a) de nós.

Serrinha ____/____/_____.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (PE)

Formulário de avaliação – Caderno de Inspiração

Avaliadoras,

Venho, por meio deste formulário, convocar a sua avaliação no Produto Educacional (PE) Caderno de Inspiração, intitulado Caderno de Inspirações para o Ensino: Narrativas (Auto)biográficas Mulheridades Negras e Educação Profissional, de autoria da mestrande Juciene Malaquias dos Santos, sob a orientação do Prof. Dr. Davi da Silva Costa, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica PROFEPT, do IF Baiano Campus Catu. O processo consiste em avaliar os tópicos pré-determinados e manifestar sua opinião, cara leitora, sobre o Caderno de Inspiração. Para isso, este formulário conta com 05 questões objetivas, que deverão ser respondidas, conforme escala de aferição abaixo e 01 questão aberta, para avaliadora manifestar sua opinião com suas próprias palavras.

Escala de aferição: 01-Ruim, 02-Médio, 03-Bom, 04-Ótimo.

Agradecemos a sua participação.

1. Sobre sua estética e organização, o material promove diálogo entre o texto e as imagens?

- 01 - Ruim
- 02 - Médio
- 03 - Bom
- 04- Ótimo

2. Sobre os catálogos que compõem o caderno de Inspiração, eles apresentam tópicos interligados e coerentes?

- 01- Ruim
- 02 - Médio
- 03 - Bom
- 04 - Ótimo

3. A linguagem empregada no Caderno de Inspiração é acessível e possui encadeamento bem definido?

- 01 - Ruim
- 02 - Médio
- 03 - Bom
- 04 - Ótimo

4. Quanto à proposta didática do Caderno de Inspiração, o leitor precisa possuir conhecimentos prévios para compreender o assunto abordado?

- 01 - Ruim
- 02 - Médio
- 03 - Bom
- 04 - Ótimo

5. Quanto à acessibilidade, o caderno é de fácil manuseio? *

- 01 - Ruim
- 02 - Médio
- 03 - Bom
- 04 - Ótimo

05

6. De que maneira é possível utilizar o Caderno de Inspiração em sala de aula ?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo

